

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**MATHEUS HENRIQUE ALVES**

**TENSÕES E RESISTÊNCIAS: DAS PÁGINAS DO FACEBOOK ÀS FRONTEIRAS  
DO CAMPO EDUCACIONAL E RELIGIOSO**

**CURITIBA**

**2022**

**MATHEUS HENRIQUE ALVES**

**TENSÕES E RESISTÊNCIAS: DAS PÁGINAS DO FACEBOOK ÀS FRONTEIRAS  
DO CAMPO EDUCACIONAL E RELIGIOSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Dra. Evelyn de Almeida Orlando.

CURITIBA

2022

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central  
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

A474t 2022	<p>Alves, Matheus Henrique</p> <p>Tensões e resistências : das páginas do Facebook às fronteiras do campo educacional e religioso / Matheus Henrique Alves ; orientadora: Evelyn de Almeida Orlando. – 2022. 97 f. : il. ; 30 cm</p> <p>Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2022 Bibliografia: f. 91-97</p> <p>1. Igreja Católica – Educação. 2. Comunicação escrita – Efeito das inovações tecnológicas. 3. Mídia social na educação. 4. Mídias sociais on-line. I. Orlando, Evelyn de Almeida. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.</p> <p>CDD 20. ed. – 377.82</p>
---------------	---



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 937  
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE**

**Matheus Henrique Alves**

Aos trinta dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e dois, reuniu-se às 16h, por videoconferência, a Banca Examinadora constituída pelos professores Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Evelyn de Almeida Orlando, Prof. Dr. Robson Fonseca Simões, Prof. Dr. Magno Santos e Prof. Dr. Lindomar Wessler Boneti para examinar a Dissertação do mestrando **Matheus Henrique Alves**, ano de ingresso 2020, aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa “História e Políticas da Educação”. O mestrando apresentou a dissertação intitulada “**TENSÕES E RESISTÊNCIAS: DAS PÁGINAS DO FACEBOOK ÀS FRONTEIRAS DO CAMPO EDUCACIONAL E RELIGIOSO**” que, após a defesa foi aprovada pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 18h20min. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela presidente da banca e pela coordenação do Programa. As avaliadoras participaram da defesa por videoconferência e estão de acordo com os termos acima descritos.

Observações: A banca destaca a pertinência do tema, a originalidade da pesquisa e sugere publicações a partir dos estudos realizados.

Presidente:  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Evelyn de Almeida Orlando

Convidado Externo:  
Prof. Dr. Robson Fonseca Simões

Participação por videoconferência

Convidado Externo:  
Prof. Dr. Magno Santos

Participação por videoconferência

Convidado Interno:  
Prof. Dr. Lindomar Wessler Boneti

Participação por videoconferência

  
**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patricia Lupion Torres**  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação  
*Stricto Sensu*

*“O correr da vida embrulha tudo; a vida é assim:  
esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e  
depois desinquieta, o que ela quer da gente é  
coragem”.*

*Guimarães Rosa*

*“Não há nem jamais houve prática educativa em  
espaço-tempo nenhum de tal maneira neutra,  
comprometida apenas com ideias  
preponderantemente abstratas e intocáveis. Insistir  
nisso e convencer ou tentar convencer os incautos  
que essa é a verdade é uma prática política  
indiscutível com que se pretende amaciar a possível  
rebeldia dos injustiçados”.*

*Paulo Freire*

## AGRADECIMENTOS

Existe um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan da África Ocidental, Gana Togo e Costa do Marfim, chamado Sankofa. Em Akan “se wo were fi na wosan kofa a yenki”, que pode ser traduzido por “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”. Dentre as muitas formas de representação simbólica Adinkra, Sankofa pode ser representado como um pássaro mítico que voa para a frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro. Creio que essa sábia expressão ajude a sintetizar a experiência dessa travessia de pesquisa. Trata-se de um constante e ininterrupto movimento de olhar o passado com gratidão, situar-se no presente com os pés no chão e projetar o futuro com esperança.

Olhar o passado com gratidão revela-se na compreensão de que ninguém caminha sozinho, e que embora por vezes o caminho do pesquisador se apresente solitário, é preciso saber ouvir as muitas vozes que se fazem resistir e ecoar nas interlocuções que o exercício historiográfico propõe na construção do conhecimento científico. Nesse sentido, expresso minha gratidão aos(às) pesquisadores(as) e autores(as) que compuseram as tessituras epistêmicas desse trabalho. Em especial agradeço à professora e orientadora Evelyn de Almeida Orlando pela paciência e conhecimentos empreendidos nessa empreitada.

Olhar para o passado com gratidão também significa olhar para dentro e buscar reconhecer nas lutas que nos precederam e edificaram os alicerces sólidos que nos permitem resistir quando chega a tempestade. Nesse sentido, também expresso minha gratidão a quatro mulheres de luta: minha amada mãe Denise, minha esposa Rosana e minhas avós Maria Aparecida e Vanda em memória.

Situar-se no presente com os pés no chão significa por sua vez um ato de coragem de encarar tensões da história do tempo presente que se descortinam como grandes desafios ao pesquisador.

Projetar o futuro com esperança significa encharcar-se da crença de que a ciência e a educação são formas de resistir a violência, a intolerância e os silenciamentos históricos e, assim, ajudar a edificar uma sociedade mais ética, justa e solidária.

Por fim, manifesto o meu agradecimento ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCPR pela oportunidade e recursos despendidos para o cumprimento dessa jornada formativa.

## RESUMO

Neste trabalho se apresenta um estudo de como a recepção da diversidade religiosa no contexto educacional católico se manifesta nas redes sociais, utilizando, como fontes, os comentários na página *Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso*, do Facebook. O objetivo da pesquisa foi lançar o questionamento de como essas práticas discursivas afetam o campo da educação e o campo religioso, produzindo violências simbólicas e tensionando disputas por posições, narrativas e estratégias de dominação simbólica entre grupos com posições antagônicas. O caminho metodológico se assenta no reconhecimento da cultura escrita no contexto da web, em que se destaca que esses registros textuais revelam possíveis fontes para a historiografia da educação. Apoiado no conceito de representação de Roger Chartier (1990), buscou-se também identificar, nos textos virtuais, estratégias de significação, legitimação e práticas de determinados atores sociais, com tendência a impor uma autoridade mediante sentidos atribuídos por esse grupo sobre o que seria o papel do ensino religioso e da educação confessional católica. A aproximação com a teoria de *habitus* de Bourdieu (1983) permite reconhecer que tais práticas são estruturadas por uma posição social na qual esses atores estão inseridos, gerando assim um sistema de disposições que implicam sua forma de perceber o mundo. No transcurso da pesquisa também é evidenciado que a intolerância em relação à diversidade religiosa por parte dos usuários que mobilizam suas práticas discursivas na referida página, torna-se ainda mais acentuada em detrimento da presença das tradições religiosas de matriz afro-brasileiras no contexto educacional, o que permite inferir que a manifestação de tais violências revela uma faceta de um racismo religioso internalizado.

**Palavras-chave:** Cultura Escrita. Educação Católica. Escrita nas Redes Sociais.

## ABSTRACT

This work presents a study of how the reception of religious diversity in the Catholic educational context is manifested in social networks, using as sources, the comments on the Marist *Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso* page, on Facebook. The objective of the research was to question how these discursive practices affect the field of education and the religious field, producing symbolic violence and tensioning disputes over positions, narratives, and strategies of symbolic domination between groups with antagonistic positions. The methodological path is based on the recognition of written culture in the context of the web, where it is highlighted that these textual records reveal possible sources for the historiography of education. Supported by Roger Chartier's (1990) concept of representation, this work also sought to identify, in virtual texts, strategies of meaning, legitimation and practices of certain social actors, with a tendency to impose an authority through meanings attributed by this group on the that would be the role of religious education and Catholic confessional education. The approximation with Bourdieu's theory of habitus (1983) allows us to recognize that such practices are structured by a social position in which these actors are inserted, thus generating a system of dispositions that imply their way of perceiving the world. During the research, it is also evidenced that intolerance towards religious diversity by users who mobilize their discursive practices on that page becomes even more accentuated to the detriment of the presence of Afro-Brazilian religious traditions in the educational context, which allows us to infer that the manifestation of such violence reveals a facet of an internalized religious racism.

Keyword: Written Culture. Catholic Education. Writing on Social Networks.



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Teses e dissertações defendidas de 2013 a 2021, com o tema Facebook e redes sociais na internet.....	23
<b>Quadro 2</b> - Publicações da página relacionada a cada volume do material didático	35
<b>Quadro 3</b> - Ocorrência de palavras relacionadas às religiões não cristãs mobilizadas nas publicações da Página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook.....	56
<b>Quadro 4</b> - Ocorrência de palavras relacionadas as religiões afro-brasileiras.....	59
<b>Quadro 5</b> - Indícios de alteração no material – 4º Volume .....	80
<b>Quadro 6</b> - Indícios de alteração no material – 3º Volume .....	82
<b>Quadro 7</b> - Indícios de alteração no material – 2º Volume .....	85

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Informações sobre o número de seguidores .....	31
<b>Figura 2</b> - A lista de seguidores de Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso está indisponível.....	32
<b>Figura 3</b> - Objetivo de criação da página narrado pelos pais maristas .....	34
<b>Figura 4</b> - Representação dos pais sobre as ameaças que rondam o ensino religioso .....	36
<b>Figura 5</b> - Comentário no post: O país nos pertence!.....	41
<b>Figura 6</b> - Reação ao post de denúncia sobre um possível beijo entre duas mulheres no livro.....	42
<b>Figura 7</b> - Representações sobre gênero e étnico-raciais na página .....	45
<b>Figura 8</b> - Não troque alhos por bugalhos .....	46
<b>Figura 9</b> - Os nomes dos Orixás.....	50
<b>Figura 10</b> - Relativismo como justificativa para oposição às religiões de matriz africana .....	51
<b>Figura 11</b> - Representações simbólicas e rituais .....	54
<b>Figura 12</b> - Representações sobre arte sacra e arte pagã .....	55
<b>Figura 13</b> - Histórias das lutas em defesa do ensino religioso.....	64
<b>Figura 14</b> - Lutar contra a galera da educação.....	65
<b>Figura 15</b> - O seu esforço para pagar pode estar levando a alma dele à condenação .....	68
<b>Figura 16</b> - Personagens do livro de Ensino Religioso .....	76

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 FORMAS E SENTIDOS: REPRESENTAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO CATÓLICA NAS PÁGINAS DO FACEBOOK.....</b>	<b>26</b>
2.1 A OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA: ENTRE FONTES DIGITAIS E MEMÓRIA VIRTUAL.....	26
2.2 TENSÕES E RESISTÊNCIAS: O AVANÇO DAS VIOLÊNCIAS SIMBÓLICAS NA WEB.....	37
<b>3 OS ARAUTOS DO ENSINO RELIGIOSO E O LIVRO SOB SUSPEITA .....</b>	<b>62</b>
3.1 ARAUTOS DO ENSINO RELIGIOSO À ESPREITA.....	62
3.2 ENSINO RELIGIOSO E O LIVRO SOB SUSPEITA .....	69
<b>4 CONCLUSÃO .....</b>	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>91</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa que aqui apresento tem como objeto de estudo a recepção da diversidade religiosa no contexto educacional católico manifestada nas redes sociais, utilizando, como fontes, os comentários na página *Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso*, do Facebook. A análise apresenta indícios de que a atual conjuntura sociopolítica implica o avanço de narrativas ultraconservadoras que são colocadas em disputa no campo educacional e no campo religioso, encontrando nas redes sociais um solo fértil para a mobilização das práticas de intervenção das famílias no contexto escolar. Nesse aspecto, interpela o olhar sensível para um grupo muitas vezes tangenciado nas pesquisas no campo da educação. Refiro-me aos pais de discentes, que pouco aparecem como sujeitos que articulam demandas para o ensino e tecem resistências.

A página virtual apreendida enquanto suporte foi criada, em novembro de 2018, por pais de alunos do colégio Marista São Luís, situado na cidade de Jaraguá do Sul-SC. O objetivo expresso por seus autores é reagir ao modo equivocado como, segundo eles, o colégio estaria desenvolvendo o componente curricular de ensino religioso, mediante a adoção de um material didático contrário às ideias religiosas desses agentes. Segundo eles o material estaria induzindo os estudantes a um possível relativismo religioso e ameaçando a estrutura religiosa familiar ao apresentar uma abordagem fenomenológica do estudo das religiões que considera em seu conteúdo didático outras manifestações e tradições religiosas. Para eles, no material didático deveria se enfatizar o ensino dos fundamentos do cristianismo e da fé católica, uma vez que o colégio em questão possui uma natureza confessional tradicionalmente reconhecida no município.

A referida página contabiliza até a data do último acesso para essa pesquisa, em 10 de junho de 2022, 533 seguidores e 63 publicações, sendo que a última ocorreu em 09 de janeiro de 2020, indicando inatividade da página nos últimos dois anos, embora permaneça acessível.

Uma vez que se trata de uma página pública, dentro do Facebook, de total ausência de controle do pesquisador – em que os posts podem ser apagados, alterados e editados de forma a invalidar todo o processo de investigação –, cabe destacar que, para a finalidade desta pesquisa, foi determinado um marco temporal de janeiro de 2022 a junho de 2022 para a coleta dos dados. Nesse sentido, a

investigação se deu a partir da fotografia dos comentários da página ao longo desse período. Essas fotografias, ou prints do objeto em questão, resguardam a pesquisa diante do fato de que as informações e os pensamentos dos posts podem correr o risco de serem modificados após a análise realizada.

O objetivo geral deste trabalho se assenta sobre duas camadas estruturantes. A primeira camada reafirma o valor da escrita nas redes sociais virtuais enquanto tipologia de fonte pouco explorada em pesquisas no campo da história da educação e da cultura escrita; bem como analisa essa plataforma virtual como suporte de pesquisa que reúne um vasto repertório de análise, atribuindo novos signos, códigos linguísticos e estilísticos, significados e níveis de interação inerentes ao espaço virtual. Esses ajudam a contar a história do tempo presente, implicando profundamente na forma de como a educação é transmitida e assimilada a partir da cultura escrita no espaço da web.

Conforme destaca Eric Hobsbawm (2002, p. 23):

A despeito de todos os problemas estruturais da história do tempo presente, é necessário fazê-la. Não há escolha. É necessário realizar as pesquisas com os mesmos cuidados, com os mesmos critérios que para os outros tempos, ainda que seja para salvar do esquecimento, e talvez da destruição, as fontes que serão indispensáveis aos historiadores do terceiro milênio.

Na perspectiva do tempo presente, o percurso da pesquisa historiográfica opera-se com a noção de balizas móveis, uma vez que nesse caso o tempo presente não é uma dimensão ligada apenas ao imediato, mas também permeada por camadas de passados, lembranças e experiências. Ao transpor essa abordagem diante do problema de pesquisa aqui apresentado, coloco a seguinte questão: em que medida a iminente presença da diversidade religiosa no contexto educacional católico tem acirrado tensões e disputas nas redes sociais? A abordagem historiográfica adotada permitirá ao leitor transitar entre passado e presente diante do objeto de pesquisa; posto que, embora a intolerância religiosa como sintoma da recolonização cristã conservadora imerja como mácula social da contemporaneidade, suas raízes parecem se nutrir das experiências do passado que ainda se fazem presentes. Ou seja, analisar a intolerância em relação às tradições religiosas de matriz africana manifestadas nos textos eletrônicos podem, por exemplo, revelar facetas de um racismo estrutural perpetrado no mundo social, reflexo de uma sociedade que se

construiu e se consolidou por meio da hierarquia de um grupo étnico-racial sobre o outro.

Em uma segunda camada, pretendo destacar o papel desempenhado pelas redes sociais virtuais como via para a produção de cultura e sentidos que também afetam o campo da educação de maneira abrangente, ou seja, na perspectiva política, cultural, econômica e religiosa. Trata-se, portanto, de um campo de produção simbólica em que as representações se configuram em estratégia de diferentes grupos oriundos de diversas posições sociais que visam impor uma autoridade, uma deferência, colocando em disputa projetos educativos e religiosos antagônicos.

A análise dos comentários produzidos e mobilizados por esses agentes na plataforma virtual revela, no transcurso dessa pesquisa, a intenção de defenderem e de legitimarem uma representação de projeto educativo e religioso de modo a exercer um poder simbólico que, segundo Bourdieu (2001, p. 9), é pensado “enquanto poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem, um sentido imediato do mundo social”.

O simbólico aqui pode ser entendido como algo que não está explícito, mas que constitui uma estrutura operante na formação das disposições desses agentes construída social e historicamente e que se desvela no conjunto de violências manifestadas de maneira sutil, porém, não menos violentas, visto que os indivíduos e as instituições buscam manter sua posição no mundo social silenciando outras representações religiosas. A violência simbólica constitui-se como “um poder invisível que se exerce muitas vezes pela cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2001, p. 7-8).

Nesse aspecto, coube também interpelar nesse estudo se as ausências, silenciamentos e hiatos, que permeiam as postagens virtuais, revelam uma cumplicidade tácita que deve ser percebida no exercício da pesquisa como processos aparentemente ocultos de legitimação de tais violências.

Assim, o exercício historiográfico aqui proposto na análise do discurso não pretende relegar o silêncio a uma posição secundária ou “como excrescência, como o ‘resto’ da linguagem” (ORLANDI, 2013, p. 12). Ao contrário, assume seu papel dentro do que seu contexto exige para complemento da linguagem, fornecendo assim hipóteses que foram investigadas no transcurso dessa pesquisa.

A investigação acerca da perpetração da violência nas redes sociais, sendo essa configurada de maneira explícita ou a partir dos silenciamentos – ou seja, numa

perspectiva simbólica –, também evidencia a necessidade de indagar quem são os sujeitos por trás dos perfis de autoria dessas postagens virtuais, suas motivações, interesses e projetos colocados em disputa. Nesse aspecto, a posição social, os capitais simbólicos, a rede de sociabilidade desses agentes compõem a trama dessa narrativa numa busca de mapear a posição ocupada por esses agentes no mundo social. Essa análise permite estabelecer ao leitor a apreensão de como são incorporadas as disposições e as representações a partir de tal posição. Nessa perspectiva, a interlocução com os estudos de Pierre Bourdieu (1983) sobre a teoria de habitus, capital e campo constituíram a base epistemológica para essa apreensão. Por campo compreende-se, portanto, o espaço social e o lugar da prática dos sujeitos que funcionam como arenas e territórios de competições, concorrência, luta social, bem como uma rede de relações objetivas entre posições. Sendo o campo o lugar da prática, os agentes agem de acordo com as disposições internalizadas a partir da sua posição e trajetória. Bourdieu (1983) enfatiza que as estruturas subjacentes das práticas – isto é, os atos – são sustentadas por um princípio gerador denominado *habitus*.

Bourdieu define o habitus como uma propriedade de atores que é composta de uma estrutura estruturante e estruturada. Ela é *estruturada* pelas experiências, pelo passado e circunstâncias atuais, como as experiências educacionais e familiares. Ela é *estruturante* porque o habitus ajuda a moldar as práticas atuais e futuras. Ela é uma *estrutura* por ser ordenada de maneira sistemática com padrões definidos. Essa estrutura é composta de um sistema de disposições que geram percepções, apreciações e práticas.

As estruturas constitutivas de um tipo particular de meio (as condições materiais de existência características de uma condição de classe), que podem ser apreendidas empiricamente sob a forma de regularidades associadas a um meio socialmente estruturado, produzem habitus, sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (BOURDIEU, 1983, p. 60).

A aproximação com a teoria de habitus permite que esses textos eletrônicos também sejam analisados como práticas sociais estruturadas a partir da posição

social na qual esses agentes ocupam, gerando assim um sistema de disposições internas que implicam sua forma de perceber o mundo, suas preferências, seus gostos e aspirações.

Sobre a teoria do capital, Bourdieu (2015) apresenta o pressuposto de que a sociedade contemporânea é estruturada basicamente em dois tipos de capitais: capital econômico (ou “troca mercantil”) e o capital simbólico, que inclui subtipos como o capital cultural, o capital linguístico, o capital científico e literário, dependendo do campo em que eles estiverem localizados. O primeiro designa o conjunto de recursos que engloba tanto o patrimônio material como salários, rendas, investimento em bolsas e aplicações, em seu sentido financeiro; esse possui uma natureza instrumental da troca, é transparente. A troca mercantil é sempre um meio para um fim (lucro, salários, juros etc.). O segundo é um tipo de capital que se sustenta no conhecimento prático, na forma como as pessoas legitimam elementos de diferenciação dos indivíduos ou de uma classe e que permitem legitimá-los enquanto tais. É um capital que se realiza pelo olhar, pela fala do outro, em poucas palavras: por honra e conhecimento. Com esse entendimento é possível analisar que a posição social decorre do volume do capital acumulado ao longo da trajetória ou mesmo recebido como herança. A classe dominante ou a burguesia, na perspectiva da praxiologia<sup>1</sup>, não se reconhece tão somente pelo seu acúmulo de riqueza, mas também por suas práticas culturais e processos de diferenciação.

Pretendo aqui, portanto, delimitar a representação religiosa como expressão cultural, e a linguagem religiosa presente nos textos virtuais enquanto sistemas simbólicos que são mobilizados tanto em instrumento de integração social (criar comunidade) quanto estratégia para exercer um arbítrio cultural.

Nessa perspectiva, a conduta dos pais que publicam manifestos em redes sociais pode ser lida como um ato que cruza os campos religioso e educacional e avança sobre o campo político. Defender o ensino confessional em dimensão excludente do outro ou ler a diversidade religiosa como uma ameaça à estrutura religiosa familiar é uma postura política e de lugar social muito bem definido, como pude observar no transcorrer deste estudo.

A partir do ponto de vista bourdieusiano, concebe-se aqui o campo educacional como espaços de reprodução e de legitimação da dominação exercida pelas classes

---

<sup>1</sup> O conhecimento praxiológico tem como objeto não apenas o sistema das relações objetivas, mas especialmente as disposições internalizadas nos agentes (BOURDIEU, 1983).



dominantes. Assim, a cultura consagrada e transmitida pela instituição escolar não se dá a partir de uma pseudoneutralidade intocável ou fundamentada em uma verdade objetiva inquestionável. Ela seria constituída também de forma arbitrária a partir do interesse dessas classes, embora esse caráter arbitrário seja socialmente reconhecido como cultura legítima. Nessa perspectiva, a escola invariavelmente passa a reproduzir ou legitimar no interior da própria estrutura e nas ações pedagógicas certas desigualdades sociais.

Para que sejam favorecidos ou mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais (BOURDIEU, 1998, p. 53).

Destaco, por um lado, que essas estruturas objetivas de reprodução cultural são também atravessadas pela dimensão subjetiva desses agentes, ou seja, ao passo que muitas das vezes esse arbitrário impositivo da cultura escolar não seja percebido em relação às camadas dominadas, o que acaba por se configurar em violência simbólica. Por outro lado, é preciso evitar as armadilhas objetivistas de conceber essa prática apenas como execução de regras estruturais dadas, sem investigar o processo concreto no qual essas regras são reproduzidas socialmente. Bourdieu (1983, p. 61) propõe como alternativa uma relação dialética entre essas estruturas e as disposições estruturadas no interior desses agentes.

Não obstante, a análise dos textos virtuais também revela uma contraposição à hierarquia cultural dominante que materializa tentativas de contestar e reverter a posição ocupada. Assim, o estudo também me permitiu identificar, no conjunto desses textos eletrônicos, sinais de resistência e contraposição de narrativas entre os grupos dominantes e os pretendentes que travam lutas, mais ou menos explícitas, bem como revelam a busca de estratégias para poder contestar o poder imposto.

O percurso metodológico dessa pesquisa se deu na análise de conteúdo das escritas digitais. Analisar o conteúdo significa adotar um procedimento de pesquisa que se situa em delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem (FRANCO, 2003). Esta é submetida a um conjunto de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo (BARDIN, 1995). Nesse sentido, no transcurso da análise dos textos eletrônicos, procurei estabelecer correspondência entre as estruturas semânticas ou linguísticas inerentes ao espaço

virtual e às estruturas sociológicas, isto é, condutas, representações e atitudes dos enunciados. Desse modo, busquei também identificar nessas narrativas valores culturais, receptividade às narrativas antagônicas, posição social ocupada pelos agentes da comunicação, aderências e resistências ao discurso mobilizado, práticas que visam legitimar ou deslegitimar outras representações culturais e religiosas presentes no campo educacional.

Diante dos horizontes de pesquisa aqui evidenciados e uma vez delimitada a base epistemológica e metodológica nas quais se assenta esse estudo, proponho-me a traçar o caminho que desvelou o encontro com o objeto de pesquisa. Para tal adotarei o ousado exercício historiográfico da ego-história como alternativa estratégica para descrever a história de pesquisa, ligada à minha trajetória e à perspectiva de análise enquanto elementos basilares para se entender o desenvolvimento da hipótese pesquisada. Desse modo, pretendo anunciar a clara e refletida interferência de aspectos que a metodologia, por vezes, não consegue dar conta.

Pierre Nora ao sugerir a diversos historiadores a escrita na forma de uma ego-história adverte que nenhuma atividade intelectual está, sem dúvida, tão dependente, como a história, das razões que levam a interessar-se por ela, das condições de sua elaboração, dos lugares onde desabrocha, das circunstâncias da sua produção, de seus enraizamentos físicos e biográficos (NORA, 1989, p. 359).

Assim, um bom texto de história deve começar explicando como cheguei até aqui, ou seja, deve contar a história da pesquisa. Não obstante, essa operação historiográfica interpela a coragem necessária para romper com certas disposições internalizadas no historiador de que o trabalho historiográfico e a definição da História estão extremamente calcados no método utilizado e no apagamento de qualquer interferência pessoal.

Sobre esse aspecto, René Rémond (1989, p. 306) descreve a sedução que os métodos históricos produziram nele: “o método utilizado permitia passar das afirmações gratuitas às observações científicas: procedia-se por enumerações. Este tipo de método tinha tudo para me seduzir”.

As pretensões científicas de neutralidade e imparcialidade, mesmo tendo tomado consciência da interferência da subjetividade na escrita e manejo dos dados, acabam por não encorajar o historiador a se posicionar em primeira pessoa ou assumir qualquer intervenção de aspectos pessoais em sua pesquisa. Dessa forma, “sequer

precisavam justificar a sua não-submissão ao rito de confissão (ou da inquisição)” (OLINTO, 2003, p. 30).

Ao assumir o protagonismo da narrativa com a provocante primeira pessoa do singular, pretendo exercer o rito de confissão e tornar evidente ao leitor que compreender as disputas e as violências reproduzidas no campo educacional e religioso trata-se de tal modo de uma oportunidade de entrecruzar a minha trajetória de vida e o percurso acadêmico, bem como abrir uma senda de possibilidades na compreensão das redes sociais virtuais enquanto fecundo lócus de análise de como se reproduzem essas tensões.

Para descrever o encontro com o objeto de pesquisa em questão, é imprescindível o movimento de revisitar a minha trajetória profissional e os primeiros passos dados como pesquisador, com o intuito de estabelecer uma conexão de sentidos entre autor, objeto de pesquisa e demais interlocutores que se entrecruzam nessa empreitada.

Trata-se, portanto, de compartilhar o percurso que me moveu até aqui, permeado por descobertas, aprendizagens, anseios, percalços, ajustes de rota, resistências e sensibilidades que se descortinam em um horizonte que, por muitas vezes, pareceu incerto ou improvável diante de um cenário de pandemia inesperado.

Como diria o poeta Guimarães Rosa (1994, p. 86) em sua clássica obra *Grande Sertão Veredas*: “O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.

Ressaltar que a travessia dessa pesquisa tem sido profundamente impactada pelo contexto da COVID-19 não se apresenta aqui como uma tentativa leviana de conduzir a experiência do interlocutor ao reconhecimento de certo fatalismo ou vitimismo por parte deste pesquisador, nem tampouco tentar justificar qualquer hiato que porventura possa ter sido capturado pela criticidade do interlocutor no rigor de sua análise. Trata-se de não ignorar e ainda enfatizar que a maturidade da pesquisa e o processo de identificação e apropriação como pesquisador também se forjam a partir das condições internas e externas nas quais estão profundamente implicados. Nesse sentido, a busca pelo equilíbrio necessário em situações extremas, a necessidade de administrar perdas afetivas e buscar alternativas para resistir no propósito da pesquisa, mesmo em um cenário de incertezas, compuseram a trama dessa travessia e atribuíram a ela signos e sinais que poderão ser capturados pelo interlocutor que se propõe a fazê-la.

Após esse ato preliminar – imprescindível para avançar nas narrativas do meu percurso profissional e acadêmico –, retomo os caminhos que me conduziram ao encontro com o objeto de pesquisa. Cabe aqui destacar que as possíveis correspondências entre o campo da educação e o campo religioso no interior da educação confessional católica – as quais se traduzem na busca pela compreensão dos aspectos que envolvem as manifestações e mobilizações da cultura religiosa no contexto educacional – sempre me despertaram grande interesse, uma vez que estão diretamente conectadas à natureza da minha atuação profissional.

No ano de 2006, iniciei minha trajetória profissional como Analista de pastoral na cidade de Ribeirão Preto/SP em uma renomada congregação religiosa católica que atua na educação. A escola em questão atende gratuitamente cerca de 790 crianças e jovens entre 6 e 18 anos de idade, em situação de vulnerabilidade social, por meio da oferta de Ensino Fundamental, Ensino Médio e projetos de contraturno escolar. A atuação pastoral nessa conjuntura implicava uma leitura sensível da realidade e uma abordagem atenta à diversidade cultural e religiosa que se faz presente naquele contexto. A saber, o termo pastoral “caracteriza-se pelo cuidado no processo de evangelização, para que este se desenvolva de forma sistematizada, orgânica, progressiva e permanente, apropriando-se de metodologias diversificadas” (GRUPO MARISTA, 2014, p. 36).

Em síntese, o profissional de pastoral que atua no contexto escolar possui a incumbência de conduzir de maneira sistêmica um conjunto de experiências e estratégias junto à comunidade escolar, visando criar um sentimento de pertença e corresponsabilidade frente ao propósito evangelizador operado por essas escolas. Cabe aqui distinguir que a ação pastoral nesse contexto não se dá somente por meio das ações mais explícitas de anúncio da fé como a realização de missas e celebrações e a oferta do serviço de catequese e do ensino religioso. Diante de realidades cada vez mais plurais, as atividades pastorais também mobilizam estratégias que ampliam o alcance da proposta de valor identitário mesmo em um contexto de diversidade religiosa. Essas se dão de maneira implícita em processos que são *inculturados*<sup>2</sup> de forma transversal nas dimensões educativas no cotidiano da escola.

---

<sup>2</sup> O termo *inculturação* refere-se a um princípio teológico adotado pela Igreja Católica que tem como premissa aproximar o evangelho das novas realidades culturais e existenciais. A expressão ganha destaque na Conferência de Santo Domingo realizada na República Dominicana em outubro de 1992, convocada e inaugurada pelo Papa João Paulo II, cujo objetivo é discutir uma Nova Evangelização com foco na promoção humana e cultura cristã.

Assim, ao conceber o currículo escolar como território em disputa, conforme afirma (ARROYO, 2013), e espaço marcado por posições sociais, onde há relações de forças e lutas pelo controle de produção cultural (BOURDIEU, 2015), é possível constatar nesses contextos escolares confessionais que tais disputas também operam nas fronteiras em que se cruzam a natureza confessional católica – e portanto evangelizadora explicitada no projeto educativo da escola – e a recepção da diversidade religiosa no interior desse campo.

Atuar profissionalmente nesse contexto me permitiu observar que o discurso religioso tem se ancorado na mobilização de agentes que ocupam determinadas posições sociais e que exercem estratégias que visam colocar em disputa determinado projeto educacional e religioso. Na mesma medida observa-se que nesse campo também se operam estratégias mobilizadas pelas instituições que visam a manutenção de uma hegemonia cultural.

Nessa perspectiva, destaco a escola confessional enquanto instância que opera como extensão da própria Igreja e, conforme afirma Bourdieu (2015, p. 57), mobiliza o seu capital religioso na “concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradoras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um habitus religioso.” Portanto, é necessário reconhecer também a escola católica como campo de produção simbólica em que se revelam estratégias institucionais de manutenção de uma cultura religiosa, que, por sua vez, também é confrontada pela eminente presença da diversidade religiosa. Conforme afirma o Sumo Pontífice Papa Francisco (2013, p. 134) em sua encíclica *Evangelii Gaudium*:

As escolas católicas, que sempre procuram conjugar a tarefa educacional com o anúncio explícito do Evangelho, constituem uma contribuição muito válida para a evangelização da cultura, mesmo em países e cidades onde uma situação adversa nos incentiva a usar nossa criatividade para encontrar os caminhos adequados.

Nesse contexto os agentes mobilizam estratégias para pertencer, resistir ou colocar em disputa a sua posição social. Destaco que na perspectiva institucional essas disputas por posição nem sempre se dão de forma explícita e consciente, não se trata necessariamente de uma abordagem proselitista, mas de um poder simbólico que se enraíza no corpo através de estruturas de dominação construídas social e historicamente, trata-se de um “poder invisível que se exerce pela cumplicidade

daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2001, p. 7-8).

Para ilustrar tal compreensão, destaco os seguintes exemplos: as datas religiosas do calendário litúrgico e institucional são marcadas com celebrações, homenagens e intervenções são realizadas no currículo e na rotina escolar em alusão a essas datas, a estética do espaço é implicada por símbolos, quadros e figuras religiosas católicas, por vezes, a oração da Ave-Maria é entoada com naturalidade por um professor antes de uma refeição no refeitório com os alunos, dentre outros exemplos presentes no cotidiano escolar. Trata-se de mecanismos sutis, visto que são na maioria das vezes ignorados ou naturalizados mesmo por aqueles que comungam outra confissão religiosa; ou não confessam nenhuma religião por não reconhecerem tais práticas como reprodução de uma certa violência simbólica e acabam por exercer de certa forma uma cumplicidade tácita.

Da parte dos agentes institucionais, refiro-me aqui aos trabalhadores que atuam na escola confessional, esses operam a partir de um conjunto de disposições que lhes foi incorporado a partir das posições sociais que ocupam. A própria relação empregatícia com a instituição também lhes atribui mais ou menos capital simbólico a depender da função que exercem no interior da escola. Esse capital lhes confere certa autorização para atuarem como porta-vozes da instituição, portanto, também da igreja em que mobilizam sistemas simbólicos como instrumentos de comunicação para exercerem um poder simbólico e estabelecer um parâmetro cultural.

Em outras palavras, ao desempenharem o exercício de evangelização a serviço da Igreja que lhes fora incorporado enquanto habitus, esses agentes passam a ser reprodutores dos bens de salvação conforme afirma Bourdieu (2015, p. 59):

A gestão do depósito de capital religioso ou sagrado, produto do trabalho religioso acumulado, e o trabalho religioso necessário para garantir a perpetuação deste capital garantindo a conservação ou a restauração do mercado simbólico em que o primeiro se desenvolve, somente podem ser assegurados por meio de um aparelho tipo burocrático que seja capaz, como por exemplo a Igreja, de exercer de modo duradouro a ação contínua (ordinária) necessária para assegurar sua própria reprodução e reproduzir os produtores de bens de salvação [...].

Nessa perspectiva, as práticas pedagógicas e pastorais no interior do campo educacional confessional operam estrategicamente na conservação e na restauração

do depósito de capital religioso que são mobilizados na gestão e reprodução dos bens de salvação.

Dando continuidade ao relato da minha trajetória, em 2020, após ser aprovado em um processo seletivo na mesma congregação, mudei-me para a cidade de Curitiba onde passei a atuar como assessor de pastoral junto às unidades de educação básica. Essa nova experiência profissional me permitiu atuar junto a uma rede de escolas inseridas em diferentes contextos culturais e socioeconômicos. Sendo que esse conglomerado de unidades educativas é composto por colégios pagos localizados em grandes centros urbanos e escolas sociais situadas em regiões periféricas de grande vulnerabilidade social que operam a atuação filantrópica da congregação. Há de se destacar que ambos os contextos ofertam o serviço pastoral enquanto característica identitária da proposta educativa.

No exercício do meu trabalho de assessoria em diálogo constante com os agentes dessas comunidades educativas, pude notar especialmente entre os colégios pagos que a atual conjuntura política e a marcada polarização das ideias que dela emergiu no Brasil têm acentuado as disputas no campo educacional. Famílias de perfil conservador passam a investir em tentativas de intervenção e regulação dos processos de ensino aprendizagem sob justificativa de precaver-se de algum nível de doutrinação ideológica partidária. Logo se evidenciavam diversos conflitos em torno da pauta educacional ancorados nas representações que essas famílias têm acerca da natureza confessional das escolas e como acreditam que essa natureza deve incidir e marcar posição frente a temas fronteiriços que emergem no interior do campo educacional, tais como o objetivo do ensino religioso, o uso da linguagem neutra, as discussões entorno da identidade de gênero e o acolhimento das diferentes configurações familiares nas celebrações de datas tradicionais do calendário escolar, por exemplo, Dia das Mães e Dia dos Pais.

Assim interpelado por esse cenário e diante da oportunidade de ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação na Pontifícia Universidade Católica do Paraná ainda no ano de 2020, iniciei meu percurso como pesquisador na linha de pesquisa de História e Política da Educação. O caminho da pesquisa se descortinava como uma grande oportunidade para imergir no centro desses debates, o percurso acadêmico que se desenhava entre idas e vindas na busca do objeto de estudo e na maturação do processo de pesquisa começou a materializar-se na disciplina *História dos Impresses* ministrada pela professora Evelyn de Almeida Orlando. No transcorrer

de uma das aulas dessa disciplina, o professor convidado Robson Fonseca Simões apresentou sua tese de doutoramento denominada: *Escritas à deriva: testemunhos efêmeros sobre os tempos da escola nas comunidades do Orkut*, defendida no ano de 2012 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O estudo apresentado trazia para a discussão os posts encontrados nas comunidades do Orkut de três colégios tradicionais, procurando dar visibilidade às escritas virtuais sobre a vida escolar como fontes para a história da educação. Inspirado pela exposição do professor Robson e posteriormente pelo estudo mais detalhado de sua pesquisa, motivei-me a observar nas redes sociais um possível suporte para pesquisa que poderia oferecer um vasto repertório de análise do campo educacional e religioso a princípio ainda pouco explorado em pesquisas no campo da história da educação.

Do mesmo modo, analisar os comentários na web enquanto tipologia de fonte para investigação da cultura escrita no espaço virtual conciliada à grande motivação de entender com profundidade a natureza das tensões religiosas e as narrativas em disputa no contexto da educação confessional católica, despertava grande ardor investigativo. Em diálogo com a orientadora, a Professora Evelyn Orlando, compreendemos que se materializava ali um caminho promissor para o transcorrer dessa pesquisa.

Posteriormente, a fim de encontrar na vastidão das redes sociais um objeto de pesquisa que pudesse proporcionar uma ampla análise acerca das representações sobre o campo educacional confessional e a mobilização de sistemas simbólicos como estratégia política de manutenção das posições sociais e de projetos religiosos em disputa, iniciei um movimento de pesquisa na web que se desdobrou no mapeamento de cinco páginas e comunidades virtuais que se mostraram como possíveis objetos para a minha pesquisa acadêmica.

Ao longo da busca, deparei-me com a página do Facebook *Pais Maristas em defesa do ensino religioso*, o título da página trazia consigo questionamentos implícitos que me causavam grande inquietação. Por que pais de alunos de uma tradicional escola confessional católica precisam criar uma página no Facebook para defenderem o ensino religioso nessa escola? O que estaria incomodando esses pais a tal ponto? Quais representações esses pais teriam sobre o ensino religioso? Quais tensões e disputas poderiam estar contidas como pano de fundo dessa atitude? Haveria também pais contrários a esse posicionamento? Despertado pelo ardor



investigativo que essas questões interpelam, dei-me conta que havia me deparado com meu objeto de pesquisa.

Diante do objetivo de estabelecer outras interlocuções com trabalhos de pesquisa que se debruçam nas escritas digitais no Facebook e ampliar as fronteiras do conhecimento para melhor compreender as tipologias textuais desenvolvidas pelos agentes nas redes sociais, realizei uma revisão de literatura. Num primeiro levantamento de teses de doutorado (T) e dissertações de mestrado (D) defendidas por vários pesquisadores no território nacional, permitiu-me realizar um mapeamento conforme resumido no Quadro 1 a seguir, em que se pode observar resultado de pesquisas em diversas áreas científicas.

**Quadro 1** - Teses e dissertações defendidas de 2013 a 2021, com o tema Facebook e redes sociais na internet

Área	Educação		Psicologia		Antropologia		Comunicação		Linguística e Literatura		Ciências Humanas/ História		Outros <sup>3</sup>	
	T	D	T	D	T	D	T	D	T	D	T	D	T	D
2013	2	9		4			3	24		3		1	2	16
2014	2	7	1	3	1	1	8	38	1	6			3	23
2015	3	8	3	2		1	9	53	2	6	1	1	6	25
2016	8	9	8	4		5	12	59	2	8			7	30
2017	11	11	1	6	2	6	20	60	4	12		2	6	25
2018	8	11	2	12	1	2	21	76	9	7		3	8	25
2019	4	9	4	9	1	4	19	65	3	12	1	4	7	15
2020	11	6	3	7	2	6	19	50	2	14		1	4	17
2021	1	7	1	11	1	5	12	32	3	10		5	8	20
Total	50	77	23	58	8	30	123	457	26	78	2	17	50	194

Fonte: Catálogo de Teses e dissertações da CAPES.

Ao analisar os dados obtidos a partir do banco de teses da CAPES, levando em consideração a busca pelo tema *Facebook e redes sociais*, com recorte temporal delimitado entre 2013 e 2021, observei um crescente número de pesquisas com interlocuções com o tema a partir do ano de 2016. Dentre as áreas científicas cujas pesquisas se distribuem, constatei que o maior volume de teses e dissertações que possuem interface com o tema pesquisado se concentra na área da comunicação com 457 teses e 123 dissertações, seguido pela área da educação com 50 teses e 77

<sup>3</sup> Administração, Ciência da Computação, Direito, Arquitetura e Urbanismo, Ciências Ambientais.

dissertações e a área da psicologia com 23 teses e 58 dissertações. Destaco que apesar de verificar um número relativamente expressivo de pesquisas com esse tema na área da educação, poucas possuem interface com o campo historiográfico. Nesse sentido, esta pesquisa dialoga com um campo ainda incipiente na história da educação – a mídia digital.

Há no campo um investimento expressivo desde meados dos anos 1980 de considerar os impressos como fontes e objetos de pesquisa. Todavia, de lá para cá, outros suportes vêm adquirindo centralidade na cultura escrita e precisam ser considerados no conjunto das práticas de leitura e escrita. Diante dessa busca, os trabalhos *Memórias digitais: histórias escolares nas comunidades do Orkut*, de Robson Fonseca Simões (2018), e *História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica*, de Eric Brasil e Leonardo Fernandes Nascimento (2019), foram interlocuções basilares para delimitar esta pesquisa no campo da historiografia da educação e na história cultural. Isso me permitiu reconhecer o registro da escrita nas redes sociais, meio pelo qual a cultura escrita resiste e se fortalece no mundo dos novos meios de comunicação (CHARTIER, 2001).

Trabalhar com esse suporte me colocou o desafio de buscar o reconhecimento dos sentidos e significados aparentemente ocultos, ou pouco explicitados no texto eletrônico, os padrões estéticos e linguísticos, os silêncios e as ausências, os projetos em disputa, as posições sociais e o núcleo de interesses sobre o qual se assentam, se validam ou refutam as informações para determinados grupos. Simões (2019, p. 201) destaca que:

As postagens nas páginas da rede social Facebook também representam valores, atividades cotidianas e práticas educativas que permitem o conhecimento institucional para além dos documentos institucionais. As redes sociais virtuais são também feitas de produções e sentidos.

Para esse estudo também foi mobilizado o conceito de representação segundo Roger Chartier (1990, p. 17), visando identificar que esses textos virtuais “produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas” a partir das representações das famílias acerca da educação confessional católica e do ensino religioso.

Neste sentido, pretendo neste estudo apresentar as redes sociais virtuais, especificamente a página *Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso* enquanto local onde se reproduzem práticas que tendem a afetar o campo educacional a partir da mobilização de sistemas simbólicos que podem ser estratificados no conjunto dos textos eletrônicos. Pretendo identificar nessas narrativas eletrônicas a posição social ocupada por esses agentes e as disposições interiorizadas que estruturam suas representações sobre a educação católica e o ensino religioso, o que permitirá também reconhecer os projetos colocados em disputa e possíveis evidências de reprodução de violências simbólicas no interior do campo.

## 2 FORMAS E SENTIDOS: REPRESENTAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO CATÓLICA NAS PÁGINAS DO FACEBOOK

*A partir desta semana começaremos a publicar informações sobre o modo como um simples grupo de pais maristas começou a perceber o modo (equivocado) como o ensino religioso vem sendo desenvolvido no Colégio Marista São Luís, em Jaraquá do Sul.<sup>4</sup>*

### 2.1 A OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA: ENTRE FONTES DIGITAIS E MEMÓRIA VIRTUAL

No contexto da era digital e das múltiplas possibilidades de comunicação, como a interação e a conectividade que a época oferece, diversos especialistas têm salientado a consolidação da web enquanto espaço de produção de cultura, sentidos, práticas sociais e representações presentes no tecido social. Conforme salienta Bloch (2001, p. 48): “[...] a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca, pode e deve informar-nos sobre ele”.

Não obstante, a internet tem se configurado como uma nova categoria de fontes documentais para pesquisas historiográficas, em especial para os pesquisadores do Tempo Presente. Após o advento da internet, esses pesquisadores passaram a contar com um aporte quase inesgotável de novas fontes. Segundo Lucien Febvre, o conhecimento histórico deveria ser produzido utilizando uma ampla gama de fontes, relacionadas com uma variedade de manifestações do ser humano:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. Toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiadores, não consistirá num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer

---

<sup>4</sup> Escrita retirada do Facebook em 07/06/2022, na página *Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso*, postada em 13 de novembro de 2018.

o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, e para constituir, finalmente, entre elas, aquela vasta rede de solidariedade e de entreatada que supre a ausência do documento escrito? (FEBVRE *apud* LE GOFF, 2003, p. 540).

Nessa perspectiva, não se deve deixar de considerar a importância das redes sociais como valiosas fontes historiográficas, pois, ainda que pouco exploradas em trabalhos situados na história da educação, trata-se de mediadoras potentes de produção de conhecimento e práticas educativas pelas quais:

Os usuários desempenham papéis indicadores de parâmetros culturais que condicionam as ações cotidianas, as representações e lugares. Cabe à tela, a capacidade de conceder um brilho à vida recriada no espaço midiático, no qual produtores e receptores manejam a linguagem, com vistas à produção de sentidos, demandando novas interpretações (SIMÕES, 2019, p. 1).

Em outro aspecto a operação historiográfica diante das fontes virtuais ajuda a preservar a memória histórica diante de fontes tão efêmeras, que podem ser apagadas, editadas ou extraviadas diante dos novos paradigmas da memória escrita nos tempos de internet. Portanto não podem ser mais negligenciadas pelos historiadores do tempo presente conforme afirma Almeida (2011, p. 16):

Os historiadores do tempo presente não podem negligenciar o potencial da rede como fonte de pesquisa. O caráter efêmero da Internet torna ainda mais importante a tomada de consciência dos historiadores perante esta nova categoria de fontes. Muitos sites são retirados do ar sem aviso prévio e seu conteúdo pode ser perdido, visto à sua inexistência em outro suporte. Dessa forma, o pesquisador do Tempo Presente tem acesso exclusivo a esse material, pois ele só é acessível em uma restrita janela temporal. Como se estivesse em um trabalho de “arqueologia de salvamento”, o historiador torna-se responsável pela análise e pela preservação da informação. Não fosse a sua intervenção, o documento poderia ser perdido em caráter definitivo.

Conforme sugere Chartier (1999, p. 7), a revolução digital tem modificado profundamente os suportes da escrita, as técnicas de sua reprodução e disseminação, e as maneiras de ler. Trata-se de uma simultaneidade inédita na história, embora a história do livro já tenha vivido tantas outras revoluções, por exemplo, a invenção da imprensa conhecida como a revolução de Gutenberg em meados de 1450. A invenção implicou uma nova técnica de reprodução baseada nos tipos móveis e na prensa, modificando substancialmente a relação com a cultura escrita. Até esse feito só era possível reproduzir um texto copiando-o à mão. Logo, o impacto da técnica de reprodução de Gutenberg implicou significativamente no poder de distribuição das

tiragens e conseqüentemente no custo do livro. Contudo, por mais revolucionário que esse evento seja na história da cultura escrita, há de ressaltar que ele não implica uma mudança de paradigma em relação à materialidade em si; ou seja, as estruturas fundamentais do livro eram compostas, tanto antes como depois de Gutenberg, por folhas e páginas reunidos em um mesmo objeto.

O advento da revolução digital, ao contrário, representa um corte, uma ruptura no mundo da cultura escrita. Diante do texto eletrônico, o leitor se depara com fronteiras que não são mais tão radicalmente visíveis, rompe-se o antigo laço entre o texto e o objeto, e o leitor pode submeter o texto a operações múltiplas, como deslocar, ampliar, anotar, sublinhar, excluir, recompor etc. Nesse sentido, ao mesmo tempo que o livro eletrônico representa uma revolução nas estruturas de suporte material do escrito – como nas maneiras de ler, uma vez que o objeto perde sua densidade –, inaugura possibilidades de interação, interlocução e dinamicidade na relação texto e leitor-interlocutor jamais apreendidos no curso da história.

Quando, o historiador do livro olha para trás, deve ser prudente ao definir transformações passadas. Hoje, se ele continua utilizando o vocabulário do geólogo, é preciso que procure uma palavra mais radical para definir aquilo que está ocorrendo. Trata-se de um corte, uma fratura. Desde logo, porque o objeto escapa à apreensão da história material tal como ela sabia, outrora, abordar e definir o livro (CHARTIER, 1999, p. 12).

Nesse sentido, mais que uma nova técnica de composição, transmissão e apropriação da escrita, o mundo digital permite práticas de escrituras inéditas, tal como as dos blogs e redes sociais. Essas práticas por sua vez passam a fundir duas funções outrora distintas: edição e distribuição já que “um produtor de texto pode ser imediatamente o editor, no duplo sentido, daquele que da forma definitiva ao texto e daquele que o difunde diante de um público de leitores” (CHARTIER, 1999, p. 12).

Além disso, pode ainda se converter em coautor, de modo a se encontrar na condição de constituir um texto novo a partir de fragmentos livremente recortados e reunidos. Nessa interação o leitor não é mero receptor da informação, mas assume também papel de protagonista, autor e coautor que cria, recria, curte, compartilha, por vezes de maneira criteriosa e analítica, outras com pouco ou nenhum critério de análise, características que desafiam o pesquisador que pretende tratar os textos eletrônicos como fonte de pesquisa documental a não cair em determinadas

armadilhas ocultas na vastidão de informações que elas transportam. Na perspectiva da História Cultural, Le Goff (2003, p. 110) salienta que:

Todo documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado. O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é “falso”, avaliar a credibilidade do documento, mas também, saber desmistificá-lo. Os documentos só passam a ser fontes históricas depois de estar sujeitos a tratamentos destinados a transformar sua função de mentira em confissão de verdade.

Assim, conceber os textos eletrônicos como fontes históricas implica tratá-los como documento que não é inofensivo. É, inicialmente, o resultado de uma montagem consciente ou inconsciente dos agentes que o produziram e as representações acerca do mundo social que lhes foram internalizadas, sendo esses documentos passíveis de manipulação ainda que pelos silenciamentos e ausências.

Segundo Sibilia (2008), a utilização das redes sociais virtuais se configura enquanto estratégias que os sujeitos do tempo da internet colocam em ação para responder às novas demandas socioculturais, balizando outras formas de ser e estar no mundo. Trata-se, portanto, de um vasto campo de análise historiográfico e sociológico uma vez que registram práticas sociais em trânsito, estratégias de pertencimento, reivindicações, disputas e tensões que emergem como demandas do tempo presente ou, como sugere Maynard (2015), tensões que o presente experimenta e, a partir delas, surge a ânsia de investigação.

Portanto, as redes sociais devem ser apreendidas como o lugar do discurso onde as representações sociais desses sujeitos podem ser captadas pelo pesquisador, evidenciando demandas socioculturais do passado que se remodelam no presente encontrando novas formas de resistir nos arquipélagos textuais sem margens nem limites (CHARTIER, 1996).

A compreensão da importância da operação historiográfica aqui apresentada diante do desafio de adentrar nos arquipélagos das escritas virtuais e realizar o trabalho arqueológico de salvamento diante de fontes tão efêmeras na tentativa de apreender demandas socioculturais, tensões, representações e significados presentes nos discursos mobilizados pelos agentes nas plataformas virtuais, pressupõe ao menos uma breve apresentação da rede social Facebook de modo a situar o leitor diante do suporte apreendido como objeto de pesquisa.

A rede social Facebook foi criada no dia 4 de fevereiro de 2004 por jovens universitários de Harvard com o objetivo de criar uma rede de comunicação visando apenas os estudantes da própria universidade, onde os sujeitos pudessem interagir compartilhando opiniões e fotografias. Todavia, em poucos meses, a rede expandiu-se entre as universidades americanas, conectando jovens de mais de 800 instituições. (ARRINGTON apud SIMÕES, 2019).

Segundo Simões (2019), foi em 2006 que o Facebook ficou disponível para quem quisesse se registrar, considerando a restrição em relação à idade mínima de treze anos. Em dezembro de 2012, o Facebook ultrapassou 1.060 milhões de utilizadores no Brasil, tornando-se a rede social mais utilizada pelos brasileiros. Em relatório realizado por We Are Social e Hootsuite<sup>5</sup> em 2022, o Facebook contabiliza mais de 2,91 bilhões de usuários ativos no mundo, dos quais 116 milhões são brasileiros.

Embora o número de usuários tenha crescido de maneira significativa de 2012 até o presente momento, com o advento de outras redes sociais que imergiram nos últimos anos, o Facebook passou a ocupar o quarto lugar no Brasil em número de usuários ativos segundo o mesmo relatório. Os três primeiros são: WhatsApp com 165 milhões de usuários, Youtube com 138 milhões de usuários e Instagram com 122 milhões de usuários.

Levando em conta que o usuário ao aderir a esta rede e construir seu perfil poderá estabelecer interações no espaço virtual, redes de amizades, criar comunidades e tratar sobre variados assuntos. Nesse sentido, faz-se necessário o reconhecimento de que as redes sociais virtuais são também feitas de produções e sentidos, permitindo-nos elaborar e partilhar os novos significados construídos em trânsito e em processo com os recursos digitais através da tecnologia da tinta eletrônica (RODRÍGUEZ DE LA FLOR; ESCANDELL MONTIEL, 2014).

Diante do percurso aqui apresentado com objetivo de ressaltar a importância das fontes digitais e da memória virtual no ofício do historiador do tempo presente bem como análise do problema de pesquisa no qual esse trabalho se implica, convido o leitor a avançar para a análise da página *Pais Maristas em defesa do Ensino*

---

<sup>5</sup> O Relatório de Visão Geral Global Digital de 2022 possui grande relevância na área do marketing digital sendo realizado em parceria por "Hootsuite" e "We are social" agências especializadas em mídias sociais com atuação em diversos países. Disponível em: <https://www.amper.ag/post/we-are-social-e-hootsuite-digital-2022-resumo-e-relatorio-completo> - Acesso em 12/09/2022.



*Religioso* na qual se assenta a análise e o tratamento dos textos virtuais. Trata-se de uma página pública, uma vez que está nas redes sociais e foi publicada por iniciativa de algumas famílias que possuem filhos e filhas matriculados nos colégios da referida congregação. Estes, apesar de se identificarem como “maristas”, pelo próprio teor da página, não representam a voz da instituição, mas o entendimento do que algumas pessoas que se identificam como “maristas” pensam que deva constituir esse traço identitário. O objetivo da página, descrito nas informações da página inicial, é o de reagir ao modo equivocado que estaria sendo conduzido o componente curricular de ensino religioso no Colégio Marista São Luís, em Jaraguá do Sul/SC.

A Figura 1 demonstra a tela inicial da página criada pelos usuários, a partir dela é possível constatar o número de usuários seguidores (533) até a data do levantamento realizado para esta pesquisa, sendo que a última ocorreu em 9 de janeiro de 2020, indicando inatividade da página nos últimos dois anos, embora permaneça acessível. A página contabiliza um total de 63 publicações (todas elas são posts realizados pelo perfil que administra a página) e 344 comentários distribuídos em 36 dessas publicações, sendo que desse total 298 apresentam manifestações de apoio e legitimação do conteúdo publicado; apenas 46 são discursos antagônicos, ou seja, que contrapõem as reivindicações da página.

**Figura 1** - Informações sobre o número de seguidores



Fonte: adaptado da Página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook.<sup>6</sup>

O fato de os discursos antagônicos ao ideário da página serem encontrados se contrapondo as denúncias apresentadas gerando campos de tensão, revelando por sua vez a evidência de que o administrador da página não exerceu o recurso de

<sup>6</sup> Página inicial Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso. Disponível em: <https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/about>. Acesso em 12 de maio de 2022.

moderador de conteúdo diante desses comentários que permanecem resistindo em terreno inóspito, o que permitiu que repercutissem as tensões e as contradições no transcurso das publicações.

Ressalto, nesse caso, que o Facebook oferece três recursos que o administrador poderia utilizar para fazer frente aos comentários indesejados produzidos pelos seguidores da página; são as funções: ocultar, excluir e denunciar.

Contudo, outras possíveis táticas de silenciamento podem ser sensivelmente percebidas diante do fato de ignorarem significativamente os comentários não desejados como se ali não estivessem; isso faz com que caiam no limbo do esquecimento e sejam suprimidos pela vastidão de discursos vorazes do grupo majoritário.

Outro aspecto relevante é o fato de a função de identificação dos seguidores estar indisponível para visualização, conforme pude observar na Figura 2, ou seja, a não ser que se manifestem a partir dos comentários, esses usuários não podem ser identificados.

**Figura 2** - A lista de seguidores de Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso está indisponível



Fonte: adaptado da página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook.<sup>7</sup>

Segundo Simões (2012, p. 62), “Os possíveis sentidos de pertencimentos são ambíguos, negociáveis ou revogáveis, dependendo não só do lugar, do destino, mas também das maneiras de pensar, das escolhas feitas, das ações dos sujeitos”. Nesse sentido, observei o fato de as identidades dos seguidores serem ocultadas enquanto uma tática de preservação que visa resguardar a prática desses usuários. Ainda nessa perspectiva, cabe a análise diante do fato de que não é possível identificar nas postagens a identidade do(a) navegador(a) ou navegadores por trás do perfil que

<sup>7</sup> Página inicial no Facebook. A lista de seguidores. Disponível em: <https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/about>. Acesso em 12 de maio de 2022.

administra a página. Nesse caso, as práticas discursivas mobilizadas por esse ou esses usuários que insuflam as reações na página são potencializadas pelo subterfúgio do anonimato e do pseudônimo “Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso” que confere voz aos avatares da vida real numa espécie de transporte identitário no mundo do ciberespaço gerando a sensação de liberdade irrestrita na busca de ressonâncias com narrativas de outros usuários que tendem a legitimar essas práticas.

Assim, assumir a narrativa como “pais maristas” trata-se de uma forma de reivindicar a autorização para falar em nome de um coletivo e fazer ecoar simbolicamente muitas outras vozes por trás do discurso atribuindo a ele uma representação de força ainda maior. Nesse caso, os comentários que emergem interagindo com as publicações realizadas pelo perfil da página podem ser observados reforçando essa legitimação ou buscando tencioná-la.

As postagens também revelam indícios da existência de uma rede de sociabilidade envolvendo parte dos usuários e que antecede o ato de criação da página.

Em comentário realizado na página no dia 13 de novembro de 2018, o perfil de usuária JCKC<sup>8</sup> usa o título de doutora para se referir a uma das autoras da página concordando com a publicação que anunciava o objetivo da página: “Nossa. Eu super concordo Dr. Venho notando isso tb.” (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 2018, s.p.)<sup>9</sup>. Destaca-se aqui o título anunciado “Dr.” como evidência do reconhecimento da persona por trás do perfil da página que realiza a publicação. Também evidencia um sistema simbólico, uma titulação que marca uma posição social e um acúmulo de capital cultural que certamente contribui na legitimação do lugar de fala. Segundo Bourdieu (1998), o capital cultural institucionalizado refere-se ao reconhecimento legitimado pelas instituições que se traduz em diplomas, certificados escolares etc.

---

<sup>8</sup> Por opção metodológica e ética, optei em abreviar os nomes dos sujeitos e esfumegar as imagens gravadas nos arquivos para preservar a identidade dos usuários, uma vez que se trata de arquivos pessoais do pesquisador, portanto, não foram oficialmente autorizados para publicação acadêmica, embora estejam públicos na internet.

<sup>9</sup> Comentário em publicação da Página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso. Concordo Doutora! Disponível em:

<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid0fQMn8UhVNDsxf6XDFdZHLiDTrHTpEH5EjXKeN25Te6ziXRVYQhbWMDopBi4WA6Lyj>. Acesso em 09 de agosto de 2022.

Logo a intitulação “doutor(a)” é geralmente atribuída ao sujeito referendado por um título acadêmico que lhe confere capital cultural e uma posição nos círculos sociais que ampliam sua rede de sociabilidade. Ainda diante do exercício de tentar interpretar os códigos linguísticos que revelam sentidos, pertencimentos e subjetividades por trás do pseudônimo *Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso*, confrontei-me com a utilização da palavra “Defesa” como indicativo de ação atribuída ao Ensino Religioso. Inevitável interpelar, defender do quê? De quem? Quais seriam as ameaças identificadas por esses usuários? Na tentativa de responder tais indagações, direcionei-me a uma das primeiras postagens da página realizada no dia 13 de novembro de 2018 em que se descortina o principal objetivo de sua criação: “*A partir dessa semana começaremos a publicar informações de como um simples grupo de pais maristas começou a perceber o modo (equivocado) como o ensino religioso vem sendo desenvolvido no Colégio Marista São Luís, em Jaraguá do Sul.*” (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 2018, s.p.). Pude observar tal discurso mobilizado na Figura 3 a seguir.

**Figura 3** - Objetivo de criação da página narrado pelos pais maristas



Fonte: página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook.<sup>10</sup>

A intencionalidade de intervenção na prática educativa do colégio se confirma na observação do tom de denúncia em relação ao material didático de ensino religioso

<sup>10</sup> Publicação na página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook. A partir dessa semana começaremos a publicar informações. Disponível em: <https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid02ipMT5HJ82t5LhERQY1cQSKNFPCXuXuLG9AimLKj1RH6gmzGu4qpSrJoEvgS9TLTwl>. Acesso em 17 de julho de 2022.

adotado pelo colégio, a saber, uma coleção de 9 do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, produzidos pelo Sistema Marista de Educação e de autoria de Heloísa Silva de Carvalho e Jorge Silvino da Cunha Neto, lançada e publicada pela editora FTD. A crítica ao material concentra o maior volume de publicações na página *Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso*. No total são 38 postagens direcionadas à crítica do material, acompanhadas de imagens (fotografias) do conteúdo alvo da contestação. As postagens foram mobilizadas de maneira ordenada perpassando detalhadamente o conteúdo de quatro volumes do material destinados ao 1º, 2º, 3º e 4º ano do Ensino Fundamental.

O quantitativo de publicações atribuídas à crítica de cada um dos volumes do livro pode ser observado no Quadro 2 a seguir:

**Quadro 2** - Publicações da página relacionada a cada volume do material didático

Volume do Material didático	Quantidade de publicações na página
Volume 1 (1º ano Ensino Fundamental)	08
Volume 2 (2º ano Ensino Fundamental)	13
Volume 3 (3º ano Ensino Fundamental)	09
Volume 4 (4º ano Ensino Fundamental)	08

Fonte: o autor, 2022.

Tais evidências elucidam o fato de que o material didático de ensino religioso adotado pelo colégio é o principal objeto de tensão e mobilizador da prática discursiva dos pais na referida página. No entanto, ao atribuírem a palavra “defesa” ao título da página que utilizam para mobilizar esses discursos, os agentes também revelam representações sobre aquilo que identificam como possíveis ameaças ao ensino religioso.

Em postagem realizada no dia 29 de julho de 2019, o usuário MA atribui essa ameaça à existência de doutrinadores na educação, alertando sobre a necessidade de os pais protegerem os filhos: “*Os doutrinadores estão desesperados, partiram pro tudo ou nada. Esse é o momento de os pais cuidarem e protegerem seus filhos*” (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 2019, s.p.)<sup>11</sup>. Já a usuária MI

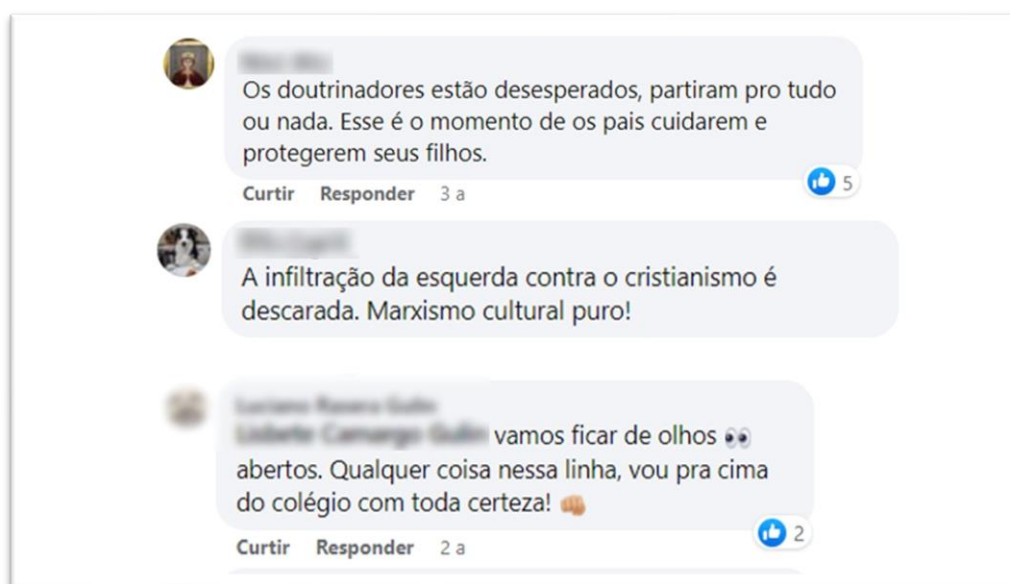
<sup>11</sup> Comentário em publicação na página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook. Os doutrinadores estão desesperados. Disponível em : <https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid0qU5ynW7mfYkaFXvdxNZha3pJs5CdPVJU7NfLgZjTgXUkLm8FBZWmjBpxvemchyVXI>. Acesso em 10 de agosto de 2022.

alerta para uma possível infiltração da esquerda contra o cristianismo ao afirmar: “A infiltração da esquerda contra o cristianismo é descarada. Marxismo cultural puro!” (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 2019, s.p.)<sup>12</sup>.

Por sua vez o usuário LRG se manifesta em tom de ameaça ao colégio: “Vamos ficar de olhos abertos. Qualquer coisa nessa linha, vou pra cima do colégio com toda certeza!” (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, s.p.).

Na Figura 4 pode observar as denúncias feitas pelos usuários diante do que representa para eles as ameaças que rondam as práticas educativas do colégio.

**Figura 4** - Representação dos pais sobre as ameaças que rondam o ensino religioso



Fonte: página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook.<sup>13</sup>

Segundo Foucault (1996), é possível refletir que os discursos não existem isolados, mas em associação com outros discursos como o discurso político. Nessa perspectiva, a análise da prática discursiva desses agentes nas redes sociais com o objetivo de contestar a prática educativa do Colégio Marista São Luís também revela representações acerca do mundo social e articulações políticas que avançam sobre o campo religioso e educacional.

<sup>12</sup> Mesmo link do item 11. Acesso em 10 de agosto de 2022.

<sup>13</sup> Publicação na página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook. Representação dos pais sobre as ameaças que rondam o ensino religioso. Disponível em: <https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid0qLSTp963UojxCRTTrJ8C7Xmz5i5SpzXx BcTgpi3svQKRJRnnKfmmoSqlK5ToPNXjzl>. Acesso em 12 de junho de 2022.

## 2.2 TENSÕES E RESISTÊNCIAS: O AVANÇO DAS VIOLÊNCIAS SIMBÓLICAS NA WEB

Considerando o impacto que as redes sociais têm provocado na maneira de se comunicar e transportar sentidos e significados no mundo social, destacarei aqui o seu potencial como ferramenta de articulação política extremamente relevante nos tempos de internet.

Maynard (2015) problematiza uso das redes sociais como novas ferramentas de articulação política a partir de três fatores essenciais: imediatez, baixo custo e capacidade de falar para muitos. Considerando esses fatores, observei que as redes sociais virtuais enquanto espaço e tempo em que o usuário se torna produtor de uma comunicação instantânea e ao mesmo tempo passa a ter acesso a mais informação, essa informação por vezes não é filtrada ou redirecionada o que acaba por desconstruir uma série de ícones da informação. Outro fator determinante apreendido é a questão da acessibilidade e baixo custo, o que permite que uma camada significativa da sociedade possa acessar e explorar o recurso das redes sociais virtuais como instrumento de interação social e articulação política.

Não obstante, no transcorrer desse trabalho, busco reconhecer na análise da página virtual apreendida como suporte de pesquisa em processos de transmissão de valores culturais mobilizados por meio dos discursos dos agentes nos textos virtuais.

Visando ampliar a compreensão dos discursos manifestados nas postagens virtuais, respaldo-me em Foucault (1996) que sinaliza que considerar a polifonia – ou seja, as diversas vozes presentes nos discursos mobilizados – significa deixar que afluam as contradições, as diferenças, inclusive os apagamentos, os esquecimentos; enfim, significa deixar aflorar a heterogeneidade que subjaz a todo discurso.

Ainda sob essa perspectiva, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Diante de tal premissa, o ofício do pesquisador pressupõe a percepção das lutas e do jogo de poder que emergem dos discursos e se confrontam nos novos coliseus virtuais.

A interlocução com a teoria de campo de Bourdieu (1983) implica que esses discursos também sejam apreendidos como práticas sociais no interior do campo educacional e religioso e que devem ser analisados à luz de um contexto sociopolítico, no qual emergem essas narrativas revelando intenções políticas colocadas em disputa e que visam a manutenção ou reivindicação de uma posição dominante dentro desses campos.

A intenção política só se constitui na relação com um estado do jogo político e, mais precisamente, do universo das técnicas de ação e de expressão que ele oferece em dado momento. Neste caso, como em outros, a passagem do implícito ao explícito, da impressão subjetiva à expressão objetiva, à manifestação pública num discurso ou num ato público constitui por si um ato de instituição e representa por isso uma forma de oficialização, de legitimação [...] (BOURDIEU, 1989, p. 165).

Compreender que esses discursos avançam sobre o campo político interpela ao menos uma breve análise de conjuntura visando conduzir o leitor diante do atual contexto sociopolítico, inferindo que o cenário de polarização e a ascensão de um projeto político ultraconservador e reacionário tem implicado representações, narrativas, intenções e práticas políticas de determinados agentes que, por sua vez, mobilizam a linguagem religiosa como sistema simbólico para exercer uma tática de dominação cultural. Em outras palavras, trata-se da mobilização do discurso religioso enquanto ferramenta política.

O ano de 2016 foi marcado por um processo eleitoral conturbado que posteriormente dividiu o país acerca da legitimidade ou não do processo de impedimento de Dilma Rousseff. Desde então, o país tem enfrentado momentos de tensão e conflitos decorrentes de uma efervescência política que tem polarizado opiniões e dividido a sociedade em posições antagônicas.

Em 2018, com a eleição de um governo de caráter ultraconservador, acirraram-se ainda mais as disputas partidárias e os desentendimentos entre lideranças políticas e religiosas que possuem diferentes leituras da realidade.

Essa conjuntura sociopolítica e religiosa marcada pela polarização das ideias e pela fragilização da institucionalidade democrática pelas vias da “[...] sempre velha e renovada recolonização imperial e evangelização conservadora” (SANTOS, 2019), tem também acentuado grandes disputas no campo da educação. Nesse cenário, tenho assistido o avanço de narrativas cristãs ultraconservadoras emergindo no cerne



dessa disputa, em que alguns movimentos religiosos têm ganhado força e repercussão, por exemplo, os movimentos de natureza neopentecostal.

Os “pentecostais novos” ou “neopentecostais” são grupos surgidos nas últimas décadas do século XX que se originaram de igrejas tradicionais cristãs de natureza protestante, as chamadas pentecostais, tais como: Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil e Igreja do Evangelho Quadrangular e outras advindas de movimentos oriundos da Igreja Católica Romana, a exemplo da Igreja Rosa Mística. Reconhecidas, dentre outras características, pelo forte apelo emocional em seus cultos, por discursos conservadores e pela ênfase à teologia da prosperidade. Nas últimas décadas, esses grupos têm se espalhado de maneira exponencial por toda a América Latina, sobretudo no Brasil.

A expansão das igrejas evangélicas em território nacional tem tido grande destaque desde os anos 50, mas é a começar da década de 1980 que esse crescimento se torna mais acentuado, momento em que esse movimento religioso passa a conquistar, igualmente crescente, visibilidade pública, espaço na tevê e poder político partidário. Presentes entre católicos e protestantes, os movimentos neopentecostais têm ocupado cada vez mais o campo político e as grandes mídias, ancorando-se invariavelmente na conservação dos valores da família heteronormativa e patriarcal e na manutenção da tradição e do dogma cristão, travando disputas no campo social que confrontam toda e qualquer ameaça à hegemonia cultural dessa perspectiva religiosa, compreendida por esses agentes como única via legitimamente verdadeira, tentando impor aos grupos antagônicos, sua concepção do mundo social (BOURDIEU, 2001).

No que tange ao campo educacional, sei que este não está alheio à condição sócio-histórica, tampouco se pode constituir a partir de uma pseudoneutralidade intocável:

Não há nem jamais houve prática educativa em espaço-tempo nenhum de tal maneira neutra, comprometida apenas com ideias preponderantemente abstratas e intocáveis. Insistir nisso e convencer ou tentar convencer os incautos que essa é a verdade é uma prática política indiscutível com que se pretende amaciar a possível rebeldia dos injustiçados. Tão política quanto a outra, a que não se esconde, pelo contrário, proclama, sua politicidade (FREIRE, 1992, p. 78).

Nesse sentido, o registro da escrita nas redes sociais virtuais evidencia algumas pautas fronteiriças, tais como: diversidade de gênero, escola sem partido,

educação domiciliar, laicidade e fundamentalismo religioso, emergem no foco das disputas e nas estratégias de manutenção das diferentes representações políticas e religiosas, sendo essas de natureza mais progressista ou mais conservadora que, por sua vez, passam a ocupar o campo da educação. Sendo esse campo, segundo Bourdieu (1983), espaço de posições sociais e de produção simbólica, palco de disputas entre dominantes e pretendentes.

Segundo Penna (2021), o avanço do movimento escola sem partido está diretamente associado à escalada de uma direita reacionária e conservadora que tenta implicar uma concepção de educação baseada numa ideia de neutralidade em que o professor exerce um papel meramente burocrático de transmissão do conteúdo escolar. O termo “neutralidade” é mobilizado para reivindicar que o direito da educação moral seria responsabilidade exclusiva da família e, com isso, o professor não poderia falar de nada que envolva valores em sala de aula. Assim se apresenta a demanda desse grupo, que o professor não mobilize valores e tente se manter neutro dentro dessa concepção.

Contudo, Penna adverte que o que está por traz dessas narrativas não é necessariamente o fato de a escola ter um partido ou uma ideologia, mas sim uma tentativa de cercear a atividade do professor e implementar um projeto de escola que anule a função educacional da escola.

O projeto não se trata de [a escola ter um partido] ... porque o nome é enganador. Quando você escuta “Escola Sem Partido” a tendência inicial de alguém que não conhece a discussão é falar não, a escola realmente não pode ser de um partido X ou Y. Só que eu insisto que não é isso que está em jogo. O que está em jogo é um projeto de escola que tenta destruir a dimensão educacional da escola. Então essas demandas querem cercear a atividade do professor, especialmente quando envolve a discussão de temas que incomodam a esse discurso reacionário desses grupos reacionários conservadores. Eles atacam especialmente a discussão de gênero e sexualidade; é um dos alvos prediletos. Eles atacam discussões sobre racismo, todas as formas de combate à opressão são atacadas. E esse é um fato importante, entender que a maneira que eles formulam é essa: queremos combater a doutrinação ideológica, porém, o que eles chamam de doutrinação ideológica é o que nós entendemos como educação (PENNA, 2021, p. 4-5).

A Figura 5 apresenta comentário realizado em 14 de novembro de 2018, em que a usuária GT atribui a defesa do ensino religioso à defesa cívica do país conferindo pela primeira vez caráter explicitamente político à página ao escrever “O país nos pertence! Bora defender nossos filhotes!” (PAIS MARISTAS EM DEFESA

DO ENSINO RELIGIOSO, 14 de novembro de 2018, s.p.). O que sugere que para ela a adoção dessa abordagem do ensino religioso está permeada pela representação de um ideário político.

**Figura 5** - Comentário no post: O país nos pertence!



Fonte: adaptação da página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook.<sup>14</sup>

Conforme destacado por Penna (2021), dentre as principais demandas políticas mobilizadas nas narrativas da direita conservadora, as discussões sobre gênero e sexualidade se apresentam como um dos alvos prediletos, como observei em postagem realizada no dia 09 de julho de 2019. Nesse post apresento a indignação do autor da página diante de uma imagem (Figura 6) do livro didático do 5º ano do Ensino Fundamental. Segundo esse agente estaria reproduzindo um beijo entre duas mulheres “*É um verdadeiro absurdo o que fazem, ou tentam fazer com nossas crianças...5º ano...beijo lésbico...colégio marista...Nossa Senhora chora e Champagnat enche-se de vergonha*” (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 2019, s.p.)<sup>15</sup>. Em reação à publicação realizada, o perfil de usuário CD comenta: “*É muito triste para os católicos ver que a mentira está sendo implantado no coração das crianças e jovens*” (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO

<sup>14</sup> Comentário na página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook. O país nos pertence! Disponível em:

<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid02ipMT5HJ82t5LhERQY1cQSKNFPCXuXuLG9AimLKj1RH6gmzGu4qpSrJoEvgS9TLTwl>. Acesso em 12 de agosto de 2022.

<sup>15</sup> Comentário na página Pais Maristas no Facebook. É um verdadeiro absurdo o que fazem. Disponível em:

<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid02VpNNoUShc7cHaNE42XLQ8BwGzZvMCi7jbAtMi7a8jeSCsmkkGwquvJHQVEGLDmAtl>. Acesso em 08 de agosto de 2022.

RELIGIOSO, 2019, s.p.)<sup>16</sup>; observo a referência aos católicos mobilizada pelo usuário para ancorar seu discurso de denúncia diante dos fatos narrados.

**Figura 6** - Reação ao post de denúncia sobre um possível beijo entre duas mulheres no livro



Fonte: adaptado da página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook.<sup>17</sup>

Observei que os agentes mobilizam signos e expressões religiosas como sistemas simbólicos e estratégia para legitimar um discurso de pouca aceitação à diversidade sexual, ao se referirem que é “*muito triste para católicos ver que a mentira está sendo implantada [...]*”; ao invocarem no discurso figuras religiosas associadas ao carisma da congregação em questão “[...] *Nossa Senhora chora e Champagnat enche-se de vergonha*” (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 2019, s.p.) comunicam uma representação sobre o que deveria ser o posicionamento da escola frente a essa pauta, considerando o seu caráter confessional.

<sup>16</sup> Comentário na página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook. É muito triste para os católicos. Disponível em:

<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid02VpNNoUShc7cHaNE42XLQ8BwGzZvMCi7jbAtMi7a8jeSCsmkkGwquvJHQVEGLDmAt>

<sup>17</sup> Publicação na Página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook. Reação ao post de denuncia sobre um possível beijo entre duas mulheres - Disponível em: <https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/photos/pb.100063745434150.-2207520000..459827301262303/?type=3> – Acesso em 12 de maio de 2022.

Para o perfil de usuário CD, a representação sobre ser católico implica adotar uma posição de repúdio frente a qualquer discussão de gênero que não esteja calcada na visão heteronormativa quando afirma que “[...] *a mentira está sendo implantado no coração das crianças e jovens*” (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 2019, s.p.) também revela uma representação sobre o papel educacional da escola. Afinal, por que uma possível representação de um beijo entre duas mulheres retratado em uma obra de arte apresentada em um livro didático poderia significar para esse agente uma mentira implantada no coração das crianças? Logo, a interlocução com o texto mobilizado deve também conduzir à retórica: o que seria então a noção de verdade desse agente quando se trata de concepções de gênero, orientação sexual e principalmente em relação à função social da escola e o seu papel educativo? Sobre essa vontade de verdade Foucault (1996, p. 18) afirma: “*Creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção*”. Ou seja, numa perspectiva simbólica ao apresentar em seu discurso uma percepção de mentira implantada diante do conteúdo do material didático colocado sob suspeita, essa agente também revela uma confissão de verdade que é mediada pelo discurso religioso e se configura em uma representação de educação que refuta o olhar para a diversidade apresentando como verdade a concepção heteronormativa.

Por outro lado, o perfil de usuário IMS coloca outra narrativa em disputa ao confrontar o teor da publicação naturalizando o fato de a imagem do livro apresentar um possível beijo entre duas mulheres, mas ao mesmo tempo coloca em questão se a imagem ilustrada seria de fato um beijo “*E qual o problema? E beijos héteros, podem? Aliás, onde está o beijo?*” (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 11 de julho de 2019, s.p.)<sup>18</sup>. Essa contraposição discursiva permite a análise de que, embora a página virtual em questão tenha sido criada com a intenção de mobilizar discursos hegemônicos em torno das reivindicações de um grupo diante das práticas escolares, ela não se trata de um campo harmônico. O caráter público e de ampla disseminação do suporte utilizado permite que outras representações sejam

---

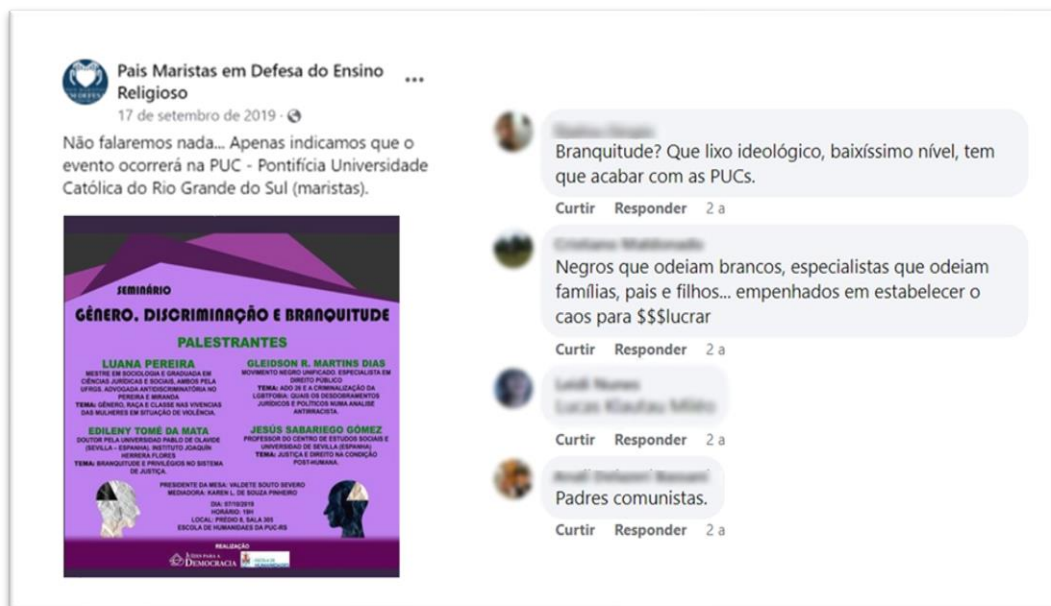
<sup>18</sup> Comentário na página País Marista em Defesa do Ensino Religioso no Facebook. E beijos heteros podem? Disponível em: <https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/photos/pb.100063745434150.-2207520000./459827301262303/?type=3>. Acesso em: 08 de agosto de 2022.

confrontadas e narrativas sejam colocadas em disputa mesmo que em menor escala, buscando assim exercer o que Foucault (1996) define como poder na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso é verdadeiro. Nesse aspecto, tomar a palavra significa também exercer o desejo de poder incidir sobre a realidade a partir de uma crença de verdade.

A Figura 7 a seguir demonstra que a pauta da diversidade de gênero e a questão racial, sempre mediadas pelo discurso religioso, se apresentam como um dos principais pontos de tensão desses agentes. Em publicação realizada na página no dia 17 de setembro de 2019, o autor da página estende a sua indignação para além das fronteiras do colégio, até então campo de reivindicação e objeto central da página.

Ao postar uma imagem de divulgação de um seminário promovido pela PUCRS com o tema *Gênero, Discriminação e Branquitude*, o autor deixa subentendido a sua reprovação por considerar discussões impróprias para uma universidade católica e marista: *“Não falaremos nada... Apenas indicamos que o evento ocorrerá na PUC – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (maristas).”* (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 17 de setembro de 2019, s.p.). Em reação à postagem, o perfil do usuário DS reforça a oposição ao evento postado a partir de uma linguagem explicitamente mais agressiva: *“Branquitude? Que lixo ideológico, baixíssimo nível, tem que acabar com as PUCs”* (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 19 de setembro de 2019, s.p.). Na mesma linha discursiva, o perfil de usuário CM expressa sua indignação: *“Negros que odeiam brancos, especialistas que odeiam famílias, pais e filhos... empenhados em estabelecer o caos para \$\$\$lucrar”* (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 18 de setembro de 2019, s.p.).

**Figura 7-** Representações sobre gênero e étnico-raciais na página



Fonte: adaptado da página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook.<sup>19</sup>

No transcorrer da linha do tempo das postagens da referida página, essa postagem representou um primeiro movimento na tentativa de esgarçar as fronteiras de intervenção desses agentes. Dessa vez o campo em questão não se trata do Colégio Marista São Luís, com o qual entendem possuir um vínculo direto por se apresentarem como pais de alunos, mas uma universidade associada a mesma congregação. Nessa perspectiva, a autoidentificação desses agentes enquanto maristas e o fato de atribuírem a palavra maristas entre parênteses no enunciado da crítica revelam um processo de semiose e significação em torno da palavra (símbolo) marista gerando um nível de pertencimento que extrapola a relação com o colégio, o que cria uma representação de identidade coletiva.

Para Peirce (1998, p. 155), o processo de semiose é desigmo por “uma ação ou influência, que é, ou envolve, uma cooperação entre três sujeitos, um signo, o seu objeto e os seus interpretantes; e sua influência tri-relativa nunca é irreduzível a ação de seus pares”. Assim a ação interventora coletiva junto a uma instância marista na qual os usuários não possuem uma relação objetiva, mas se sentem legitimados a reivindicar, é o que revela indícios dessa significação.

<sup>19</sup> Postagem na página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso. Representações sobre gênero. Disponível em: <https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/photos/pb.100063745434150.-2207520000./497849957460037/?type=3>. Acesso em: 12 de maio de 2022.

Em postagem realizada no dia 25 de maio de 2019, o perfil de autoria da página reivindica um posicionamento de não acolhimento à pauta da diversidade de gênero na escola. Ao publicar uma montagem com o título “Não troque alhos por bugalhos” (Figura 8) e inserir no post o seguinte texto: “A primeira imagem foi extraída da agenda dos alunos do colégio marista” (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 25 de maio de 2019, s.p.).

**Figura 8** - Não troque alhos por bugalhos



Fonte: Adaptação da página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook.<sup>20</sup>

Em reação à publicação, o perfil de usuário PS alerta para um possível equívoco em relação à interpretação da imagem realizada pelo autor ao mesmo tempo que adverte a necessidade de uma análise mais qualificada: “Este é o símbolo da Igualdade de gênero, que significa que homens e mulheres devem ter os mesmos direitos e deveres. Que tal se informar antes para entender melhor as questões antes de criticar? Fica a dica.” (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 24 de julho de 2019, s.p.). Já o perfil de usuário JD aproveita a oportunidade da

<sup>20</sup> Postagem na Página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso. Não troque alhos por bugalhos. Disponível em: <https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/photos/a.434705920441108/434705850441115>. Acesso: 12 de junho de 2022



publicação para demonstrar sua indignação em relação ao líder máximo da Igreja Católica, o Papa Francisco. Dentre os argumentos mobilizados, destaca o fato de que o sumo pontífice estaria destruindo os “valores tradicionais cristãos”, porque teria enviado uma carta se solidarizando com o ex-presidente Lula a quem se refere pejorativamente como “9 dedos”. Esse elemento discursivo associa a representação religiosa a um ideário político colocado em disputa, ao mesmo tempo que reproduz uma expressão de intolerância uma vez que a crítica está associada à violência verbal. Posteriormente, mobiliza seus argumentos utilizando o discurso religioso para reproduzir violências simbólicas aos grupos LGBTQI+:

Atentem para o Papa Francisco: vejam o que ele fez com a tradicional igreja católica! Aos pouquinhos, de mansinho, com o falso ar de bonzinho, Francisco vêm destruindo os valores tradicionais cristãos por estar alinhado com a agenda globalista. É fato: enviou cartinha para Lula se solidarizando com o 9 dedos; posou recebendo um regalo do 9 dedos: uma camiseta Lula Livre. Outro ponto: igrejas católicas para LGBTQS... já são realidade! Sim! A igreja Católica está construindo templos direcionados para a população LGBTQS...! Questionem-se sobre esse Papa! Sobre o que ele está fazendo! Isso sim é a raiz da deturpação da igreja católica, dos valores cristãos (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 10 de julho de 2019, s.p.)<sup>21</sup>.

Por sua vez o perfil de usuário PS responde ao comentário tensionando a discussão e colocando as narrativas religiosas em disputa: “*Discordo totalmente do seu comentário, penso que o Papa Francisco esteja mais próximo da atitude de Jesus do que a grande maioria dos cristãos*”. (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 24 de julho de 2019, s.p.).

Embora as discussões de gênero e sexualidade sempre mediadas pela representação e pelo discurso religioso represente uma demanda significativa nas postagens mobilizadas pela página, o seu objetivo central, conforme o próprio enunciado do título sugere, é apresentar uma denúncia em torno do material didático de ensino religioso adotado pelo colégio. Conforme apresentado anteriormente, essa pauta representa o maior volume de publicações e comentários na página.

O material didático em questão – objeto dos principais ataques proferidos pelos usuários – adota uma abordagem fenomenológica no estudo das religiões em acordo

---

<sup>21</sup> Comentário na página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso. Atentem para o Papa Francisco! Disponível em: <https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid02NGsbrMLSidYzdu88hAdWfSUqFPfYhX6ynReTLsSZLNqTM1Gem3X6Sr23BDORHhpl>. Acesso em: 28 de julho de 2022.

com a Base Nacional Curricular (BNCC) e com as Matrizes Curriculares do Brasil Marista. Tal abordagem traz como objetivo principal instigar os estudantes a realizarem um processo de conhecimento que colabore para uma relação dialógica e dialética com a alteridade e a diversidade religiosa presentes no contexto escolar (FTD EDUCAÇÃO & UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2017).

Foi justamente essa opção epistemológica com enfoque no diálogo inter-religioso que passa a repercutir negativamente entre alguns pais de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental que, por sua vez, decidem se organizar por meio da criação de uma comissão cristã de pais em junho de 2018. O objetivo dessa comissão é: *“Polir, com uma perspectiva cristã, dentro do grau de maturidade das crianças, o Ensino Religioso, tornando-o mais respeitoso, seja com o cristianismo, seja com os ensinamentos da Igreja Católica; até mesmo porque se trata de um Colégio Confessional”* (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 27 de novembro de 2018, s.p.)<sup>22</sup>.

Após alguns diálogos que não surtiram o efeito esperado com a direção do colégio, conforme relatado na página, em novembro de 2018, esse grupo de pais decide pela criação da página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook como estratégia de intervenção junto à prática educativa do colégio. A partir desse momento, eles passam a publicar conteúdo do material didático mobilizando invariavelmente um discurso religioso cristão-conservador para tecer críticas ao material e apresentando-o sempre como uma ameaça à educação religiosa das crianças. Como poderá ser observado adiante, as representações desses usuários sobre o catolicismo e sobre a educação católica e marista ancoram os discursos de intolerância frente às manifestações religiosas.

Nessa perspectiva, a religião é mobilizada enquanto sistema simbólico que possibilita a construção homogênea e o sentido do mundo tornando possível a concordância entre os agentes e os símbolos como instrumentos de comunicação e de poder (BOURDIEU, 2015).

Em postagem realizada no dia 8 de janeiro de 2020, o administrador da página demonstra sua indignação ao analisar um capítulo do material didático que aborda em

---

<sup>22</sup> Postagem na página Pais Maristas em Defesa do Ensino. Religioso. Polir com perspectiva cristã - Disponível em: <https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid02j23LD9FWZoz3VrGsTrW4KjBRqe7uGsU8J7oH2asHuJDN65pmDPcGRRkMp1ohn6LxI> - Acesso em 14 de julho de 2022.

seu título: *“A beleza da diversidade das tradições religiosas”*. Na postagem em questão, o administrador se expressa da seguinte maneira: *“Neste capítulo, está claro o objetivo de fazer com que as crianças de 9 anos acreditem que todas as tradições religiosas são iguais (...) No verdadeiro diálogo inter-religioso não se abre mão da verdade”*. (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 08 de janeiro de 2020, s.p.)<sup>23</sup>. Na sequência cita o trecho bíblico extraído da carta de São Paulo aos Colossenses, justificando sua análise.

Ao questionar em seu comentário o princípio da igualdade entre as diferentes tradições religiosas e anunciar a existência de uma única verdade absoluta, entendida implicitamente como a fé cristã católica. Esse agente exerce uma tática de dominação simbólica que, segundo Bourdieu (1989, p. 9), é pensada “enquanto poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem, um sentido imediato do mundo social”.

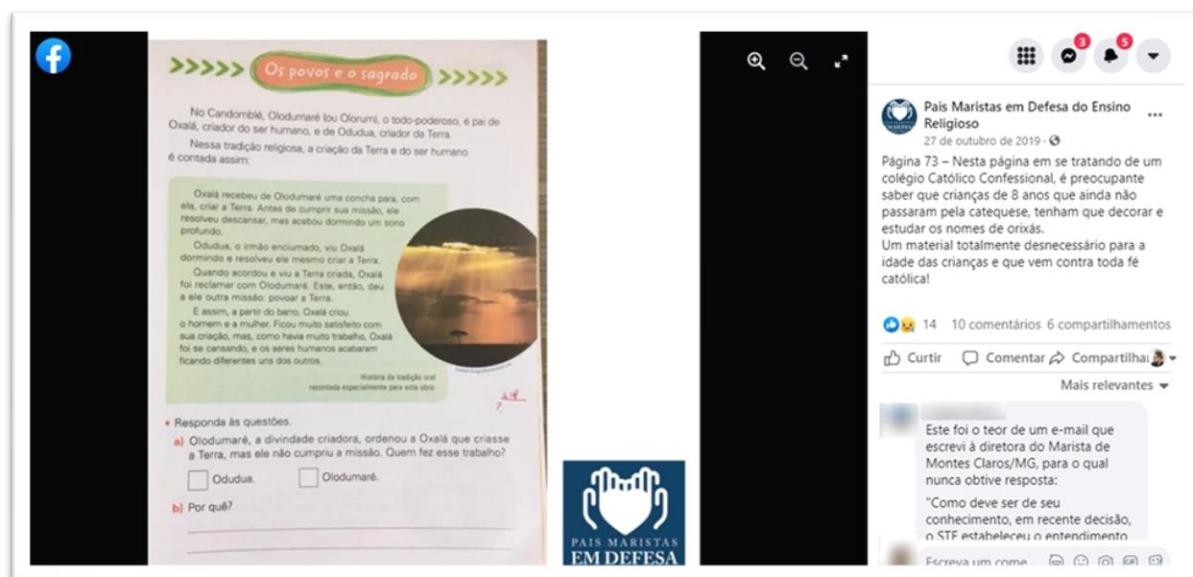
Observando certos padrões de questionamento presentes nas postagens e comentários acerca do conteúdo apresentado no material, foi possível notar que a pouca aceitação em relação às outras expressões e matrizes religiosas ganha maior ênfase quando se trata da manifestação das religiões de matriz africana presentes no material.

Pude observar na Figura 9 esse questionamento, quando a indignação se dá pelo fato de que o nome e a natureza dos Orixás são abordados no capítulo em que apresenta o Candomblé. Segundo os autores da página: *“É preocupante saber que crianças de 8 anos que ainda não passaram pela catequese, tenham que decorar e estudar os nomes dos orixás”* (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 27 de outubro de 2019, s.p.).

---

<sup>23</sup> Postagem na página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/photos/a.511863839391982/524369654808067>

Figura 9 - Os nomes dos Orixás



Fonte: adaptação da Página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook.<sup>24</sup>

A reação mais incisiva em relação às religiões de matriz africana que se apresentam no curso das postagens também podem ser observadas em postagem realizada em 16 de setembro de 2019. O perfil de usuário que administra a página denuncia um conteúdo apresentado no livro didático que aborda diferentes festividades religiosas por entender que é irrelevante para crianças de 06 anos saberem os nomes de “certos praticantes do candomblé”; a denúncia prossegue questionando a equiparação indevida entre catolicismo e candomblé. Em seguida é citado um trecho do catecismo da Igreja Católica com o intuito de reivindicar uma única fé como oposição ao relativismo (Figura 10).

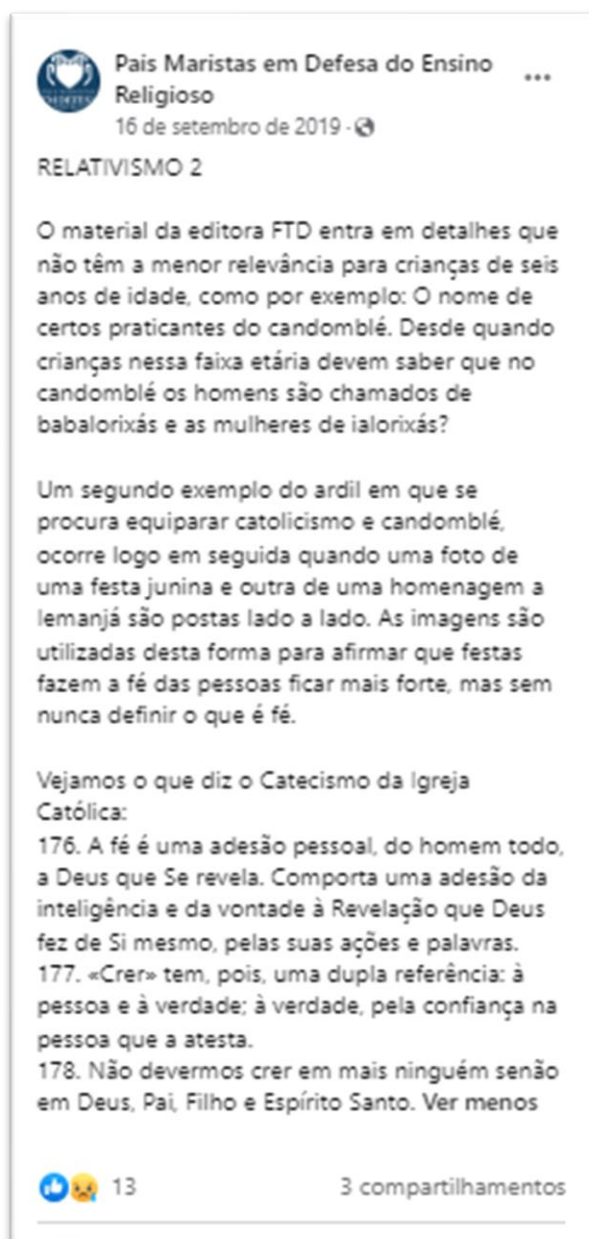
<sup>24</sup> Publicação na página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso. O nome dos Orixás.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/photos/a.511863839391982/524369654808067>.

Acesso em: 08 de junho de 2022.

**Figura 10** - Relativismo como justificativa para oposição às religiões de matriz africana



Fonte: página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook.<sup>25</sup>

Conforme pude observar diante da afirmação: *“as imagens são utilizadas dessa forma para afirmar que festas fazem a fé das pessoas ficar mais forte, mas sem nunca*

<sup>25</sup> Publicação na Página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook. Relativismo. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=497370964174603&set=pb.100063745434150.-2207520000>. Acesso em 14 de agosto de 2022.

*definir o que é fé [...]”,* indicando na sequência trecho do catecismo da Igreja Católica para ancorar suas representações com destaque para o trecho *“Não devemos crer em mais ninguém senão em Deus, Pai, Filho e Espírito Santo”*. Esses usuários indicam representações de fé que para eles também deveria ser a concepção adotada pelo ensino religioso do colégio, apresentando uma única e indivisível verdade centrada no catolicismo da Igreja Católica.

A Figura 11 a seguir remete a uma publicação realizada na página, no dia 8 de janeiro de 2020, em que indignação se dá pelo fato de que a compreensão da abordagem do livro estaria igualando ritos e símbolos cristãos com os de outras denominações religiosas, na qual o usuário se refere pejorativamente como “seitas pagãs” e que estaria, portanto, a confundir as crianças no início de sua formação religiosa:

[...] Traz também elementos como o fogo e cita tradição indígena e a água, para o candomblé, para o Cristianismo no batismo protestante e hinduísmo. Pergunta para o aluno o que há em comum no significado da água no Cristianismo, candomblé e Hinduísmo. Além disso, pede que o aluno pesquise símbolos de outras tradições religiosas, desenhando-os e compartilhando com os colegas.

Mais uma vez o livro, através dos símbolos e rituais, procura igualar as religiões e até seitas pagãs, o que certamente confunde a criança que está no início de sua formação religiosa.


Tudo isso para um colégio confessional CATÓLICO e aí pais vocês sabiam disso? Olharam os livros de seus filhos? Acompanharam de perto? (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 8 de janeiro de 2020, s.p.).

Ao se referirem ao colégio confessional católico para mobilizar justificativa da denúncia apresentada, a palavra “CATÓLICO” é escrita em caixa alta deixando evidente a intenção de destacar esse elemento como valor apreendido por esses usuários enquanto signo identitário revelando traços representativos que constituem seus critérios de seleção e mobilizam suas reivindicações. A análise dos códigos linguísticos inerentes à escrita virtual também sinaliza que a escrita em caixa alta nas redes sociais também pode indicar um gesto de elevar a voz, gritar ou mero erro de grafia. Contudo, o contexto no qual se assenta a escrita indica a intenção do usuário em chamar a atenção para a palavra católico, talvez por entender que essa premissa identitária estaria sob a ameaça da manifestação da diversidade religiosa presente no conteúdo de ensino religioso.

Nesta outra postagem (Figura 12) publicada em 2 de novembro de 2019, a indignação se dá pelo fato de o material apresentar obras de arte que expressam a

relação do ser humano com outras tradições religiosas. Na publicação deixa-se claro a posição de intolerância em relação a outras denominações religiosas que podem ser observadas com maior ênfase em alguns trechos, por exemplo, ao se afirmar que somente a *“arte sacra cristã nos leva a contemplar o verdadeiro Belo que é Deus”*, ao denominar as outras expressões artísticas não cristã enquanto *“arte pagã”* e ao se afirmar que a *“editora prefere relativizar o tema e jogar fora o que nos ensina o Catecismo de nossa Igreja”* (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 2 de novembro de 2019, s.p.).

Figura 11 - Representações simbólicas e rituais

 Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso adicionou 2 novas fotos. ...  
8 de janeiro de 2020 · 🌐

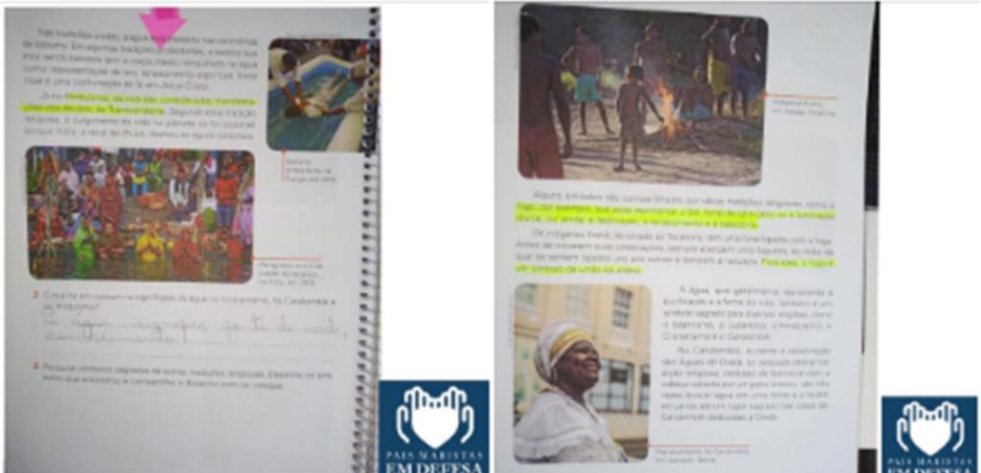
**Módulo 2 - Capítulo 2: "Muitos instrumentos: uma única sinfonia"**

Trata dos símbolos, dando exemplos como guia no candomblé, corrente com estrela de Davi no judaísmo e a cruz no Cristianismo.

Traz também elementos como o fogo e cita tradição indígena e a água, para o candomblé, para o Cristianismo no batismo protestante e hinduísmo. Pergunta para o aluno o que há em comum no significado da água no Cristianismo, candomblé e Hinduísmo. Além disso, pede que o aluno pesquise símbolos de outras tradições religiosas, desenhando-os e compartilhando com os colegas.

Mais uma vez o livro, através dos símbolos e rituais, procura igualar as religiões e até seitas pagãs, o que certamente confunde a criança que está no início de sua formação religiosa.

Tudo isso para um colégio confessional CATÓLICO e aí pais vocês sabiam disso? Olharam os livros de seus filhos? Acompanharam de perto?



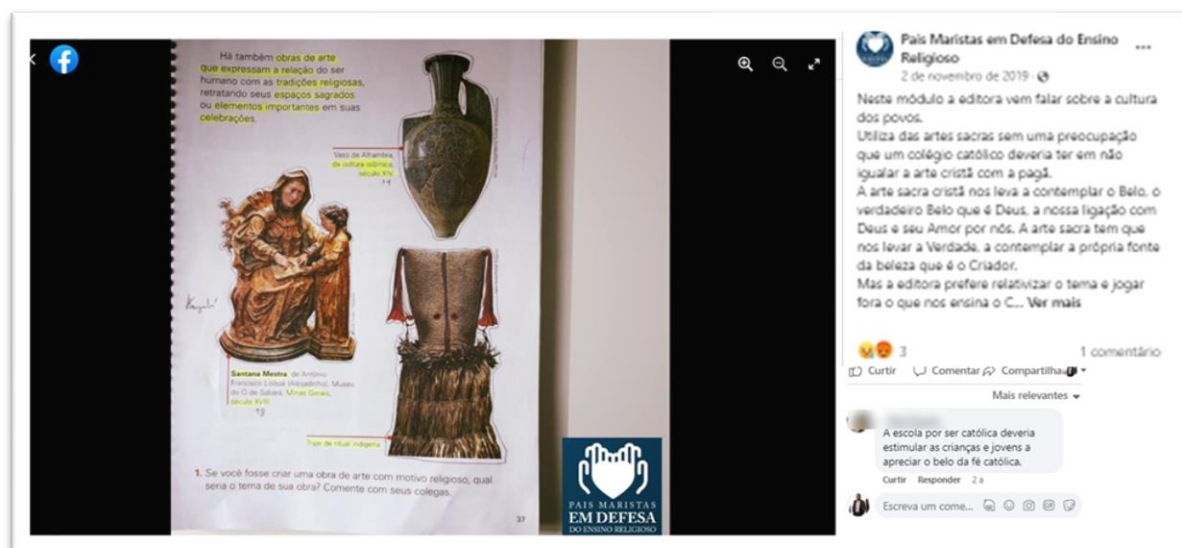
Fonte: página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook.<sup>26</sup>

<sup>26</sup> Postagem na página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso. Representações simbólicas e Rituais. Disponível em:

<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid02b63fXoPUkpFanBgGSTo8cgDCNnuZWRXJgQW2hruG4oE9BBtkxuT4ZAqwcV9Jo3HaI>. Acesso em 11 de agosto de 2022.



Figura 12 - Representações sobre arte sacra e arte pagã



Fonte: adaptado da Página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook.<sup>27</sup>

A análise da dimensão simbólica presente na publicação evidencia uma violência que se configura como um mecanismo sutil que se exerce na categorização artística entre as que são sagradas e, assim, dignas de contemplação e valorização e as que são enquadradas como profanas. Essas são consideradas indignas por não representarem um apelo estético e simbólico determinado por uma classe social. Esse grupo se coloca na posição de inferir o que é belo e o que não é exercendo um arbítrio cultural a partir de um habitus religioso, ou seja, de predisposições estruturadas a partir de uma classe, de um lugar ocupado no mundo social e que também estruturam as práticas culturais desses sujeitos. Nesse caso é o habitus que oferece o princípio para a lógica da seleção entre sagrado e profano produzindo uma intolerância estética que se ergue como uma barreira entre classes. Segundo Bourdieu (2007, p. 57):

A intolerância estética exerce violências terríveis. A aversão pelos estilos de vida diferentes é, sem dúvida, uma das mais fortes barreiras entre as classes: como bom testemunho, temos a homogamia. E, para aqueles que julgam ser detentores do gosto legítimo, o mais intolerável é, acima de tudo, a reunião sacrílega dos gostos que, por ordem do gosto, devem estar separados [...] não há luta e propósito da arte cujo pretexto não seja, também, a imposição

<sup>27</sup> Postagem na Página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso. Representações sobre arte sacra e arte pagã. Disponível: <https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/photos/a.511863839391982/524369654808067/> Acesso em: 12 de agosto de 2021.

de uma arte de viver, ou seja, da transmutação de determinada maneira arbitrária de viver em maneira legítima de existir que, por sua vez, atira qualquer outra maneira de viver na arbitrariedade.

Diante da análise aqui apresentada, proponho a reflexão de que os processos de distinção e seleção, que se operam pelos sujeitos na crítica do material didático e que são apresentados ao longo de suas práticas discursivas, possuem um lugar de fala muito bem definido. Logo, as representações colocadas em disputa ancoradas no discurso religioso avançam sobre o campo educacional e revelam um projeto político colocado em jogo. O que se pretende é a manutenção de uma posição social e com ela o poder de exercer um arbitrário cultural, a distribuição das peças, a definição das regras do jogo e o estabelecimento de uma ordem marcada por hierarquias sociais.

Ao longo da análise das tensões sociais, que se descortinam por meio das escritas virtuais e se operam no exercício de dominação cultural, considere a questão étnico-racial que emanam dos discursos e que nitidamente implicam o processo de seleção dos fatos narrados e das reivindicações em torno do material. Visando elucidar essa questão e apresentar indícios de que o principal alvo das reivindicações dos usuários se dão em torno da presença das religiões de matriz afro-brasileiras no conteúdo do material didático, debruicei-me no exercício de quantificar (Quadro 3) as denúncias associadas às religiões não cristãs no curso das postagens, categorizando-as em acordo com cada um dos quatro volumes do material didático alvo das famílias, visando assim estabelecer um comparativo.

**Quadro 3** - Ocorrência de palavras relacionadas às religiões não cristãs mobilizadas nas publicações da Página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook

<b>Postagens críticas ao 1º volume do material didático</b>			
<b>Publicações</b>	<b>Data</b>	<b>matriz Africana</b>	<b>outras religiões</b>
Publicação 1	16 de setembro de 2019	Matriz Africana	-
Publicação 2	16 de setembro de 2019	Oferenda, Iemanjá, Oferenda pagã	-
Publicação 3	16 de setembro de 2019	Candomblé, babalorixás, Ialorixás, Iemanjá	-
Publicação 4	16 de setembro de 2019	-	Buda, Krishna
Publicação 5	16 de setembro de 2019	Terreiro	Budista

Publicação 6	16 de setembro de 2019	-	-
Publicação 7	16 de setembro de 2019	-	-
Publicação 8	16 de setembro de 2019	-	-
<b>Postagens críticas ao 2º volume do material didático</b>			
<b>Publicações</b>	<b>Data</b>	<b>Matriz africana</b>	<b>Outras manifestações religiosas</b>
Publicação 9	10 de outubro de 2019	-	
Publicação 10	10 de outubro de 2019	-	Omiyamairi, xintoísta
Publicação 11	10 de outubro de 2019	-	
Publicação 12	10 de outubro de 2019	Ogum	Allá
Publicação 13	10 de outubro de 2019	-	
Publicação 14	10 de outubro de 2019	-	
Publicação 15	10 de outubro de 2019	-	
Publicação 16	10 de outubro de 2019	-	Orações do Alcorão, Alá
Publicação 17	10 de outubro de 2019	-	
Publicação 18	27 de outubro de 2019	-	
Publicação 19	27 de outubro de 2019	-	
Publicação 20	27 de outubro de 2019	-	
Publicação 21	27 de outubro de 2019	Orixás	
<b>Postagens críticas ao 3º volume do material didático</b>			
<b>Publicações</b>	<b>Data</b>	<b>Matriz Africana</b>	<b>Outras</b>
Publicação 22	01 de novembro de 2019	Afrodscendentes, Orixás, Candomblé, Umbanda,	
Publicação 23	02 de novembro de 2019	Candomblé (2 vezes), Orixás	
Publicação 24	02 de novembro de 2019	Candomblé, Umbanda	Templo budista
Publicação 25	02 de novembro de 2019	-	
Publicação 26	02 de novembro de 2019	Candomblé	
Publicação 27	12 de novembro de 2019	Guia, Candomblé	Japamala, budista

Publicação 28	12 de novembro de 2019	África, Orixá, Orixás, Candomblé, oxalá	Espiritismo
Publicação 29	12 de novembro de 2019	-	
Publicação 30	12 de novembro de 2019	-	
<b>Postagens críticas ao 4º volume do material didático</b>			
<b>Publicações</b>	<b>Data</b>	<b>Matriz Africana</b>	<b>Outras</b>
Publicação 31	07 de janeiro de 2020	-	
Publicação 32	08 de janeiro de 2020	-	
Publicação 33	08 de janeiro de 2020	Matriz africana, Iemanjá (2 vezes), orixá, oferendas	Provérbio indígena
Publicação 34	08 de janeiro de 2020	-	Casamento budista
Publicação 35	08 de janeiro de 2020	Candomblé, Matriz africana, Obaluaiê, orixá (2 vezes)	Budismo, judaísmo, islamismo, celebrações indígenas
Publicação 36	08 de janeiro de 2020	Guia, Candomblé (2 vezes)	Estrela de Davi, judaísmo, tradição indígena, hinduísmo
Publicação 37	08 de janeiro de 2020	-	Budismo, judia, muçumana, templo budista, sinagoga
Publicação 38	08 de janeiro de 2020	Matriz Africana, umbanda (2 vezes), candomblé (2 vezes), terreiros	Muçumanos, mesquitas, sinagogas, judeus
<b>Quantidade de menções relacionadas às religiões não cristãs</b>		<b>48</b>	<b>33</b>

Fonte: o autor, 2022.

A análise do Quadro 3 me permitiu constatar que a ocorrência de expressões que remetem às religiões de matriz afro-brasileiras no curso das postagens representa grande parte da denúncia dos usuários na página, contabilizando o total de 48 ocorrências enquanto a soma das ocorrências relacionadas às demais religiões não cristãs juntas totalizam 33 ocorrências. No Quadro 4 é possível observar as expressões que remetem às religiões afro-brasileiras e que foram as mais mobilizadas pelos usuários.

**Quadro 4** - Ocorrência de palavras relacionadas as religiões afro-brasileiras

<b>Matriz africana</b>	<b>Frequência de ocorrência</b>
Orixá(s)	8
Umbanda	4
Candomblé	14
Ogum	1
Oferenda	3
Iemanjá	4
Matriz africana	4
Terreiro	2
Babalorixás	1
Ialorixá	1
Afrodescendentes	1
África	1
Guia	2
Obaluaiê	1
Oxalá	1
<b>Total</b>	<b>48</b>

Fonte: o autor, 2022.

Tal evidência permite tensionar a dimensão étnico-racial presente na raiz da intolerância religiosa que se manifesta nas práticas discursivas e que revelam representações sobre a educação confessional.

Ao passo que o levantamento torna evidente que a pouca receptividade dos usuários em relação às religiões não cristãs não se restringem as de matriz afro-brasileira, ao mesmo tempo, revela uma predileção na escolha dos conteúdos em que elas se apresentam para tecerem suas críticas, sempre ancoradas numa representação cristã, católica e conservadora apresentada como verdade inalienável por esses usuários. Nessa perspectiva, a intolerância religiosa identificada nesse contexto deve ser problematizada à luz da compreensão de um racismo internalizado.

Segundo Hasenbalg & Silva (1988), o racismo é um dos principais organizadores das desigualdades materiais e simbólicas. Ele orienta modos de perceber, agir, interagir e pensar com função social específica: a estratificação racial e a perpetuação do privilégio do grupo racial branco, ou seja, por meio de processos

econômicos, culturais, políticos e psicológicos, os brancos progridem à custa da população negra.

Essa compreensão nos permite analisar a lógica de seleção e distinção dos usuários no curso das postagens entre as representações de sagrado e profano, seita e religião, cultura erudita e cultura de massa etc., como processos de reprodução de uma hierarquia cultural que legitima e reproduz violências simbólicas e contribuem para uma política de estratificação racial, uma vez que invariavelmente atribuem uma posição inferior às expressões culturais e religiosas provenientes das religiões afro-brasileiras. De tal modo passam a estruturar uma representação do imaginário social acerca das religiões de matriz afro-brasileiras: “A ideologia, portanto, não é uma representação da realidade material, das relações concretas, mas a representação da relação que temos com essas relações concretas” (ALMEIDA, 2019, p. 42).

Essas representações se ancoram em disposições estruturadas em acordo com a classe, logo, a posição no mundo social ocupada por esses sujeitos são atravessadas por uma dimensão intersubjetiva e interpessoal, ou seja, elas se constituem nas relações cotidianas e configuram-se em manifestações racistas explícitas ou veladas. Há casos em que são conscientes tanto por parte do racista quanto daquele que sofre o golpe, no entanto, há situações em que um e outro não atinam para o acontecido, o que nem por isso significa que aquele que ataca de forma não consciente não adquira algum tipo de benefício material ou simbólico: invariavelmente o adquire. Segundo Almeida (2019, p. 40): “O racismo, enquanto processo político e histórico, é também um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos cuja consciência e afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais”.

Nessa perspectiva, a análise das violências reproduzidas por meio da escrita nas redes sociais virtuais pressupõe uma análise estrutural a fim de compreender que essas não se dão de maneira isolada de um contexto social, político e cultural. Trata-se de compreender que as representações e o habitus dos usuários se internalizam a partir de uma posição social e do conjunto de capitais que colocam em jogo para exercerem um arbitrário político e cultural visando a manutenção da posição ocupada.

Quando se propõe a análise desse capital trazendo à baila a perspectiva do racismo estrutural, pode-se considerar que a população branca brasileira é detentora do capital financeiro, do poder político, de melhores níveis de escolaridade, melhores remunerações, melhores condições de acesso a trabalho e estudo, maior

reconhecimento profissional (JACCOUD, 2009). Trata-se de um lugar herdado historicamente e que é perpetuado na reprodução dos privilégios, desigualdades sociais e na estratificação racial.

Diante disso, continuando o transcurso desse trabalho proponho ao leitor uma análise acerca das identidades desses usuários que permanecem à espreita no exercício de sua prática discursiva. Compreender esses traços identitários atravessados por um lugar determinado no qual se forjam suas representações e disposições internalizadas certamente permitirá uma compreensão mais ampla acerca de suas motivações e os projetos colocados em disputa no campo educacional.

### 3 OS ARAUTOS DO ENSINO RELIGIOSO E O LIVRO SOB SUSPEITA

*“Já souberam algo que vai mudar o material ou as apostilas??? Ouvi conversas..., mas meu filho que vai pro 6º Vou colocar numa extrema católica. O do 1º ano fica, mas com vigilância”.<sup>28</sup>*

*“Por enquanto apenas boatos... nada certo. O importante é que todos os pais continuem a fazer-se presentes no ambiente escolar, pressionando para que o material seja condizente com o ideário do colégio”.<sup>29</sup>*

#### 3.1 ARAUTOS DO ENSINO RELIGIOSO À ESPREITA

Nas monarquias mediáveis, o arauto era o encarregado de proclamações solenes, do anúncio de guerra ou paz e de informar os principais sucessos nas batalhas, em outras palavras, era o grande mensageiro. Nos tempos de internet, as redes sociais se configuram como novos arautos da comunicação, e continuam a transmitir mensagens de guerra e paz que ajudam a contar histórias das batalhas do tempo presente. Mas quem seriam esses mensageiros que navegam entre os arquipélagos da escrita digital transportando sentidos e significados, revelando representações do mundo social e colocando projetos em disputa, muitas vezes protegidos pelos escudos do anonimato, dos pseudônimos e heterônimos que conferem práticas aos avatares da vida real?

Analisar a prática discursiva dos usuários da *Página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso* pressupõe a busca por elementos que podem ajudar a remontar a identidade desses usuários e reconhecer mais a fundo as motivações que cercam as suas práticas.

O nome da página em questão sugere que ela tenha sido um ato de mobilização de pais que possuem filhos no colégio Marista São Luís e que estariam insatisfeitos com o enfoque do Ensino Religioso mediante a adoção de material que não coaduna com suas representações acerca desse componente curricular.

Em publicação realizada no dia 27 de novembro de 2018, o perfil da página publica um texto que contextualiza a criação do grupo e confirma a tese que seriam

---

<sup>28</sup> Escrita retirada do Facebook em 07/06/2022, na página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso, postada em 15 de setembro de 2019.

<sup>29</sup> Escrita retirada do Facebook em 07/06/2022, na página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso, postada em 16 de setembro de 2019.



pais os usuários à frente das postagens. O texto também revela que a página foi uma iniciativa que se desdobrou de uma comissão de pais que precede a criação da página. Do mesmo modo revela que já foram iniciadas tratativas junto ao colégio com o objetivo de

*[...] debater, questionar, analisar objetivos e polir, com uma perspectiva cristã, dentro do grau de maturidade das crianças, o Ensino Religioso, tornando-o mais respeitoso, seja com o cristianismo, seja com os ensinamentos da Igreja Católica; até mesmo porque se trata de um Colégio Confessional (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 2018, s.p.).*

Esse trecho deixa claro a intenção dos pais intervir na prática educativa do colégio e reivindicar uma abordagem do Ensino Religioso centrada nos ensinamentos da Igreja Católica.

A publicação em questão ainda indica de que forma os pais receberam as devolutivas dos colégios: *“mostraremos de que formas os Pais Maristas levaram ao conhecimento do Colégio São Luís as suas preocupações, e de que formas receberam as devolutivas. Mostraremos também alguns exemplos sobre o material didático utilizado no colégio”*. (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 2028, s.p.).

Esse trecho pode evidenciar que a criação da página teria a ideia de repercutir a reivindicação não acolhida pela direção do colégio anteriormente e uma tentativa de mobilizar outros pais para a causa. Outra indicação dessa natureza é o título da publicação *“HISTÓRIA DAS LUTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO NO COLÉGIO MARISTA SÃO LUIS”* (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 2018, s.p.). A inscrição em caixa alta revela que para esses pais se tratava de uma luta, uma batalha para defenderem o Ensino Religioso do próprio colégio.

Pude observar isso no discurso mobilizado na Figura 13 a seguir.

**Figura 13** - Histórias das lutas em defesa do ensino religioso



Fonte: página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook.<sup>30</sup>

A recepção da iniciativa por parte de outros pais pode ser observada nos comentários da publicação. Em comentário realizado em 19 de novembro de 2018, a usuária RMVB ressalta que *“se o colégio é Marista, Maria e Jesus devem estar em primeiro lugar e quem não concordar deve procurar outro colégio”* (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 2018, s.p.). Outro indício do forte sentimento de pertença desses pais em relação ao colégio é a postura de pouca receptividade à diversidade religiosa presente no cerne da tensão por parte de algumas famílias.

<sup>30</sup> Publicação na Página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso. História das lutas. Disponível em: <https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid02jCCLWHXFPRhmmTDjt9dAHDjGcbos5m7KVXeT5wHUK27dpPdLx78RZ6tjZJ4Eifw2l> - Acesso em 12 de junho de 2022.

Em outro comentário realizado no dia 17 de setembro de 2019 (Figura 14), o usuário CM reivindica: “*Os pais precisam lutar contra essa galera da educação*” (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 2019, s.p.). Aqui mais uma vez a palavra luta aparece para representar a relação dos pais com o colégio. Trata-se de uma postura antagônica perante a função educativa da escola ou dos profissionais da educação e uma clara ruptura na noção de corresponsabilidade entre família e escola na função de educar o cidadão. A escola é, então, vista como inimiga da educação dos filhos.

**Figura 14** - Lutar contra a galera da educação



Fonte: página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook.<sup>31</sup>

Acerca da relação família-escola no contexto confessional ao longo da história, Magaldi (2019, p. 153) afirma:

Uma outra questão em que se percebem fortes aproximações entre passado e presente envolve as concepções sobre o papel das instituições e sujeitos educativos na formação de crianças e jovens. Nos contextos focalizados, a Igreja Católica e os agentes que atuavam sob sua liderança conferiram grande destaque à família, apresentada como núcleo central da sociedade, identificada a um sentido de unidade e abordada, sem nenhuma distinção, como “família católica”. Valorizando a preeminência da instituição familiar diante da escola e posicionando-se em favor da garantia de sua liberdade e da transmissão de seus princípios no espaço escolar, o movimento católico compreendeu, no cenário dos anos 1950, que tal horizonte somente seria atingido nas escolas confessionais, que, por sua vez, deveriam contar com o apoio do Estado e de verbas públicas.

Nessa perspectiva, pode refletir que a construção dessa representação da intervenção da “família católica” no campo educacional confessional se trata de uma

<sup>31</sup> Comentário na página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso. Lutar contra a galera da educação. Disponível em: [https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid023fYniv1bxhgcEwJPWcJGjyt7ASY3YW WggqRwYVGohqathF8h4zJp5Wtw2uy3WciZI?comment\\_id=497716750806691](https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid023fYniv1bxhgcEwJPWcJGjyt7ASY3YW WggqRwYVGohqathF8h4zJp5Wtw2uy3WciZI?comment_id=497716750806691) – Acesso em 15 de agosto de 2022.

herança cultural historicamente consolidada na sociedade brasileira e que possivelmente se tornou disposição estruturada e transmitida geração após geração.

Outro aspecto observado é o nome da página que destaca a identificação dos usuários com o colégio em questão, embora não utilizem como referência a logomarca oficial da instituição educacional. O fato de se identificarem como “pais maristas” em defesa do ensino religioso denota, como já descrito na seção anterior, um processo semiótico de significação e pertencimento, mas também uma posição social de origem e um conjunto de capitais simbólicos implícitos que legitimam de algum modo sua prática. Bourdieu (1996, p. 149) define capital simbólico como sendo qualquer tipo de capital (econômico, cultural, escolar ou social) percebido de acordo com as categorias de percepção, os princípios de visão, os sistemas de classificação, os esquemas classificatórios e os esquemas cognitivos que são, em parte, produto da incorporação das estruturas objetivas do campo considerado, isto é, da estrutura de distribuição do capital no campo considerado. É, portanto, um capital que se sustenta no conhecimento prático, na forma como as pessoas legitimam elementos de diferenciação e legitimação dos indivíduos de uma classe. Nesse caso, o fato de se auto identificarem como maristas confere a esses agentes um sentimento de pertença que extrapola a relação econômica entre cliente e prestador de serviço. Se fosse essa a única questão, poderiam simplesmente resolvê-la com a escolha de outra escola para matricularem os seus filhos. No entanto, essa possibilidade não é explicitada em nenhum momento no curso das postagens. Ao contrário, sentem-se de alguma forma guardiões ou reguladores daquilo que, segundo esses agentes, representa a identidade da escola cristã, católica e marista. Eles o fazem de tal modo que tentam mobilizar seus capitais simbólicos para exercer estratégias de dominação cultural.

Procurei identificar, no conjunto das postagens eletrônicas, alguns desses capitais acumulados, capazes de gerar sensação de autoridade para reivindicarem ou se pronunciarem em nome da congregação. O capital econômico trata-se de um colégio tradicional na cidade que possui uma das mensalidades mais elevadas do município; e, por isso, ser reconhecido como marista confere status nos círculos sociais. Em postagem realizada no dia 18 de abril de 2019, o perfil de autoria da página realiza a seguinte publicação: *“Quando os pais... consumidores... pagadores... se unem... A doutrinação e os excessos não têm vez...”* (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 2019, s.p.).

Outro capital simbólico que pode ser atribuído é o capital religioso não estando desassociado do primeiro, uma vez que esse também implica uma rede de sociabilidade no interior das comunidades eclesiais. Assim, sendo a escola confessional representada como extensão da própria igreja, o capital religioso e econômico acumulado por esses agentes acaba por conferir certo poder simbólico para reivindicarem os projetos religiosos que os representam.

Em publicação realizada no dia 09 de julho de 2019, o perfil de autoria da página evoca diferentes instâncias hierárquicas no interior da Igreja Católica numa tentativa de fazer ecoar as reivindicações do grupo: *“Diocese de Joinville, Nunciatura Apostólica no Brasil, Vatican News, CNBB – Conferência dos Bispos, Maristas... assim se dá a educação em um colégio confessional???”* (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 2019, s.p.)<sup>32</sup>.

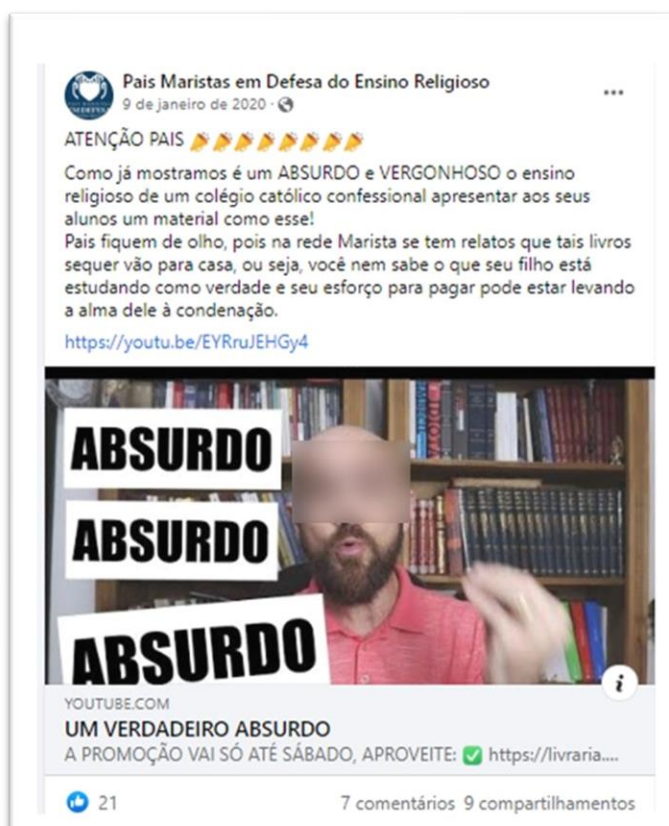
Portanto, são produções simbólicas que devem suas características “aos interesses das classes ou das frações de classe que elas exprimem” e “aos interesses específicos daqueles que as produzem” (BOURDIEU, 1989, p. 13). Tais representações acerca do papel da família junto à comunidade educativa, produzidas por meio da posição social ocupada por esse grupo, acabam por legitimar em algum nível a ação interventora com a prática educativa. A Figura 15 evidencia essa representação mediante postagem realizada em 09 de janeiro de 2020, em que se explicita a relação econômica apreendida como critério que a princípio, para esses agentes, legitima a intervenção na prática educativa da escola quando destaca que “o seu esforço para pagar pode estar levando a alma dele à condenação”.

É importante observar de igual modo que esse habitus é incorporado no campo religioso onde as produções simbólicas se reproduzem por meio de estruturas de dominação social, neste caso a religião atua como sistema simbólico produzido e apropriado pelo conjunto do grupo. Segundo Bourdieu (2001, p. 255): “Aqueles que incorporam o *habitus* próprio ao campo estão em condições objetivas e subjetivas de disputar o jogo e acreditar na importância dele”.

---

<sup>32</sup> Comentário na página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook. Assim se dá a educação de um colégio confessional. [Depois do... - Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso | Facebook](#) – 11 de agosto de 2022.

**Figura 15** - O seu esforço para pagar pode estar levando a alma dele à condenação



Fonte: adaptado da Página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso no Facebook.<sup>33</sup>

Por outro lado, atenta-se aqui ao risco de analisar os comentários produzidos no Facebook a partir de uma concepção estritamente subjetiva, a qual os enquadraria como práticas organizadas de maneira autônoma, consciente e deliberada pelos sujeitos, sem considerar os efeitos estruturantes que as modelam. Tampouco limitar-se por uma análise que as reduziria somente à mecânica de estruturas externas.

Pretendo, portanto, promover a dialética entre a mecânica das estruturas sociais e a experiência subjetiva dos sujeitos. Ou seja, como essas experiências se organizam a partir de princípios estruturantes que implicam as representações e as práticas desses agentes, mas que não estão petreamente condicionadas, pois também são em algum nível explicitadas e suscetíveis a mudanças a partir das narrativas e estratégias colocadas em disputa.

<sup>33</sup> Publicação na página Pais Marista em Defesa do Ensino Religioso. Disponível em: <https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid02UCZBoCvnrUDYnkctVVRTwAms3GSJKEfthAw7s2vWBHTSVWQnrQGWeKP41cr2iPm6l>. Acesso em: 09 de junho de 2022.

Assim, o conceito de habitus de Bourdieu (1983) mais uma vez emerge como uma possível ponte entre essas duas dimensões do mundo social: a objetiva e a subjetiva, compreendidas como fruto da incorporação da estrutura social e da posição social de origem no interior de cada sujeito. Essa abordagem nos permite identificar a prática dos sujeitos em função de sua posição nas estruturas sociais, pois é a posição social de origem que o fará imergir numa série de experiências e disposições que vão estruturando suas ações em todas as situações.

### 3.2 ENSINO RELIGIOSO E O LIVRO SOB SUSPEITA

Na perspectiva dos usuários que reivindicam mudanças no Ensino Religioso do Colégio Marista São Luís, a adoção do material didático da Editora FTD estaria induzindo os alunos a um possível relativismo religioso ao abordar outras manifestações e tradições religiosas, ao invés de enfatizar ou restringir-se ao ensino dos fundamentos da fé católica, uma vez que o colégio possui uma natureza confessional tradicionalmente reconhecida no município de Jaraguá do Sul.

Para melhor compreensão de como essa representação sobre catolicidade e tradição é retificada no imaginário desses usuários, é fundamental delinear alguns aspectos históricos e fundacionais que cercam o colégio em questão.

As raízes do colégio São Luís remontam ao ano de 1912, na primeira escola paroquial que funcionava em duas salas do presbitério. Em 1934, a escola paroquial originou dois estabelecimentos de ensino, um para meninas e outro para rapazes, este com denominação de Grupo Escolar São Luís. A partir de 1940, ele foi assumido pela Congregação Marista e elevado à categoria de colégio, sendo denominado de Colégio Marista São Luís. Atualmente, segundo o site<sup>34</sup> oficial do colégio, ele atende cerca de 900 alunos, desde Educação Infantil até Ensino Médio.

Analisando a relação de diretores<sup>35</sup> que passaram pelo colégio, constatei alguns aspectos que merecem ser destacados para melhor compreensão da relação do colégio com a igreja local. Desde o ano de sua fundação em 1912 até os dias atuais, 32 diretores atuaram no colégio, dos quais 29 eram religiosos consagrados,

---

<sup>34</sup> Site do Colégio Maristas São Luís. Disponível em: <https://saoluis.colegiosmaristas.com.br/pagina-inicial/>

<sup>35</sup> A lista está disponível no site oficial do colégio São Luís.

sendo um padre, três irmãs religiosas e 25 irmãos maristas.<sup>36</sup> Somente no ano de 2014, Nilton João Preveda passa a ser o primeiro leigo<sup>37</sup> a exercer a função, a qual exerceu até o ano de 2016; ano em que o segundo leigo assume a função, tratando-se do Prof. Airton Bonet permeando até 2020. Cabe destacar que é sob esta gestão que acontecem as manifestações dos pais acerca do Ensino Religioso.

O livro *Irmãos Maristas: Centenário no Brasil* (1997, p. 224) destaca que “muitas vocações de irmãos maristas foram despertadas graças à influência marcante do Colégio em toda a região”. Azzi (1997, p. 421) destaca outro fator que incide diretamente na relação do colégio com a Igreja Católica: “A proximidade entre colégio e o palácio episcopal em São Luís permitiu que preladados participassem intensamente da vida colegial”. Evidencia-se aqui um aspecto importante, o fato de ter sua origem como escola paroquial implicou uma estrutura erguida muito próxima à igreja, permanecendo assim até os dias atuais. Trata-se, portanto, de um colégio confessional gerido basicamente por religiosos ao longo de sua história e de uma presença eclesial muito marcada. Sua história no município se confunde com a história da própria Igreja Católica, o que poderia em tese justificar as representações dos usuários acerca da tradição confessional e conseqüentemente do papel do Ensino Religioso nesse contexto.

Diante das reivindicações das famílias em torno do Ensino Religioso, ressalto uma questão basilar para avançar na análise. Qual seria de fato o papel do Ensino Religioso considerando os contextos de educação confessional e as legislações vigentes?

O Ensino Religioso é contemplado no artigo 210 da Constituição Federal e é compreendido como área do conhecimento e componente curricular da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no Ensino Fundamental. Conforme previsto no artigo 33, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB): “O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de Ensino Fundamental, assegurado o respeito a diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer

---

<sup>36</sup>Os Irmãos Maristas são religiosos consagrados que vivem em comunidade religiosa, vivenciam o carisma de seu fundador Marcelino Champagnat e exercem sua atuação nas obras do Instituto Marista (Colégios, Escolas Sociais, Editora, Universidades e Hospitais). Estão presentes em 80 países dos cinco continentes.

<sup>37</sup> Na Igreja Católica, leigos são os cristãos que não fazem parte do clero, ou seja, não são ordenados nem fazem parte da hierarquia eclesiástica, mas participam ativamente de atividades ligadas à Igreja.



formas de proselitismo”. Ressalto que os sistemas de ensino possuem autonomia para definir sua proposta para o Ensino Religioso nos modelos confessional e não confessional. O acordo Brasil-Santa Sé<sup>38</sup> (Decreto nº. 7.107, art. 11, § 1º) assegura o ensino religioso católico e de outras confissões religiosas, podendo haver um modelo não confessional e outro confessional, este segundo os referenciais teológicos da sua tradição religiosa.

Diante disso, no que consiste os parâmetros curriculares do modelo confessional católico? Buscando analisar essa perspectiva, nesta pesquisa me propus a analisar alguns documentos oficiais da Igreja católica que pudesse elucidar essa questão. Nesse sentido, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) orienta:

O ensino religioso escolar não se situa como algo acessório, mas sim no âmbito de um necessário diálogo interdisciplinar. Este diálogo deve ser instituído, antes de mais nada, naquele nível no qual cada disciplina plasma a personalidade do aluno. Assim, a apresentação da mensagem cristã incidirá na maneira com que se concebe a origem do mundo e o sentido da história, o fundamento dos valores éticos, a função da religião na cultura, o destino do homem, a relação com a natureza. O ensino religioso escolar, mediante este diálogo interdisciplinar, funda, potencia, desenvolve e completa a ação educadora da escola (DIRETÓRIO GERAL PARA A CATEQUESE apud ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 2020, p. 14).

Observei aqui que a abordagem pedagógica orientada no Diretório Geral para a Catequese se configura na perspectiva interdisciplinar, promovendo, assim, o diálogo com outras áreas do conhecimento, visando ampliar a compreensão do sujeito em relação aos fenômenos sociais e naturais, bem como os fundamentos dos valores éticos religiosos, embora não especifique a religião em questão.

O documento *Congregação para a Educação Católica* (1988), do Vaticano, destaca que o ensino religioso confessional se distingue da catequese: “Há um nexo indivisível e, ao mesmo tempo, uma clara distinção entre o ensino da religião e a catequese”. Desse modo, atribui ao serviço da catequese – e não ao ensino religioso – o papel de educar na fé com uma abordagem restrita à doutrina da fé católica, uma vez que essa oferta se dá geralmente de maneira optativa no interior das escolas confessionais.

Ainda nessa perspectiva, o documento Catechesi Tradendae (2006) reafirma essa natureza:

---

<sup>38</sup> Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e a Santa Sé relativo ao Estatuto Jurídico da Igreja Católica no Brasil, firmado na Cidade do Vaticano, em 13 de novembro de 2008.

Por esta razão, a catequese, sem se confundir formalmente com eles, anda ligada com certo número de elementos da missão pastoral da Igreja, que têm um aspecto catequético, que preparam a catequese ou que a desenvolvem, como sejam: o primeiro anúncio do Evangelho ou pregação missionária pelo 'kerigma' para suscitar a fé; a apologética ou a busca das razões de crer; a experiência da vida cristã; a celebração dos Sacramentos; a integração na comunidade eclesial; e o testemunho apostólico e missionário. Antes de mais nada convém recordar que entre a catequese e a evangelização não existe separação nem oposição, como também não há identificação pura e simples, mas existem sim relações íntimas de integração e de complementaridade recíproca. (CATECHESI TRADENDAE, 2006, n. 18).

Sugere-se, diante disso, que a escola católica pode ofertar outros espaços que promovam as experiências de anúncio explícito da fé e da doutrina católica para além da oferta do ensino religioso, tais como a catequese e a ação pastoral.

Mas o que orienta o projeto educativo da congregação educacional a respeito da natureza do ensino religioso posto em questão pelos pais?

As Matrizes Curriculares do Brasil Marista da área de ciências humanas orientam os objetivos de aprendizagem do ensino religioso para a rede de colégios da referida congregação:

O Ensino Religioso tem como objeto de estudo o fenômeno religioso e a religiosidade, trazendo à tona a ideia de que a religião e as várias formas de compreensão do fenômeno religioso são construções culturais e históricas que fazem parte do ser e estar do homem no mundo. O homem, em sua abertura ao transcendente, relaciona-se consigo, com os outros e com o mundo de forma múltipla, o que se traduz nas várias manifestações religiosas ao longo da História, concretizadas nos ritos, mitos, objetos, experiências, sagrados, crenças, hábitos, etc. Dessa maneira, esse componente curricular permite que o estudante construa e desenvolva habilidades e competências que resultarão na autonomia crítica diante das diversas religiões e fenômenos religiosos dentro da História e sua importância para o deslindar dos povos, suas influências na moral e costumes, na política, etc. (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2021, p. 57).

A matriz deixa explícita a opção política da congregação de ofertar um modelo de ensino religioso centrado no estudo fenomenológico da religião, analisando-a como construção histórica, bem como favorecer o diálogo com diferentes tradições religiosas desenvolvendo assim nos estudantes uma autonomia crítica. Nesse sentido, a abordagem sugerida encontra-se em alinhamento com a BNCC e, embora se trate de um contexto educacional confessional, o ensino religioso mantém-se como componente curricular de natureza educativa e não pastoral, vinculada às áreas de conhecimento das ciências humanas.

Ao conferir o guia do módulo de apresentação do material didático alvo da reação, a fim de melhor me apropriar desse objeto que teria gerado tamanha mobilização por parte dessas famílias, pude constatar, a partir do objetivo descrito, o seu enfoque epistemológico alinhado à matriz curricular da congregação. Esta propõe discutir a experiência religiosa presente nas culturas e refletir sobre os problemas fundamentais da existência, deixando de fazer qualquer menção direta ao ensino restrito da fé católica.

O Sistema Marista de Educação – Ensino Religioso propõe, assim, discutir a experiência religiosa presente nas culturas, pois nela os estudantes encontram a possibilidade de refletir sobre os problemas fundamentais da existência. O objetivo do Ensino Religioso é o desenvolvimento de estruturas cognitivas, conhecimentos, conteúdos, saberes, experiências, valores, linguagens e habilidades, entre outros, que promovam a compreensão, interpretação e ressignificação da religiosidade e do fenômeno religioso em suas diferentes manifestações históricas, linguagens e paisagens religiosas presentes nas culturas e nas sociedades (FTD EDUCAÇÃO & UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2017, p. 2)

Cabe aqui destacar que o fato de a editora pertencer à congregação implica o fato de que a produção do material didático em questão esteja alinhada às diretrizes curriculares da própria congregação. Isso evidencia um posicionamento claro acerca da abordagem que se pretende para o ensino religioso.

Para possibilitar a constituição da zona de tensão e avançar na análise do livro sob suspeita, evidencia-se enquanto ação relevante para esse trabalho<sup>39</sup>.

Buscando referencialidade para esse intento, recorro às concepções de Munakata (2016, p. 121) que afirma: “o livro didático é, em primeiro lugar, o portador dos saberes escolares, um dos componentes explícitos da cultura escolar. De modo geral o livro didático é a transcrição do que era ensinado, ou que deveria ser ensinado, em cada momento da história da escolarização”. Assim, analisar o livro didático como suporte que traz à luz suas confissões de verdade, isto é, suas opções políticas implícitas e explícitas que se revelam em suas bases epistemológicas de maneira implícita ou explícita, poderá trazer indícios de uma cultura escolar em trânsito.

A noção de cultura escolar refere-se não apenas a normas e regras, explícitas ou não, símbolos e representações, além dos saberes prescritos, mas também, e sobretudo, a práticas, apropriações, atribuições de novos

---

<sup>39</sup> Existe no campo de História de Educação um grupo consolidado de pesquisadores que vem se debruçando no estudo da história do livro didático no Brasil, como: Circe Bittencourt, Kazumi Munakata, Rosa Lydia Teixeira Correa, Evelyn de Almeida Orlando, entre outros.

significados, resistências, o que produz configurações múltiplas e variadas, que ocorrem topicamente na escola. Afinal, não há como negar que haja coisas que só existem na escola (MUNAKATA, 2016, p. 122).

A Coleção do Sistema Marista de Ensino Religioso destinado ao Ensino Fundamental, anos iniciais, é organizada em cinco livros. Cada volume é composto de três módulos estruturados em capítulos. No intuito de observar com rigor as principais abordagens e características do material para melhor cotejamento das fontes de pesquisa, apropriei-me da versão destinada exclusivamente aos professores. Essa versão se diferencia da versão acessada pelos estudantes por ser acrescida de um manual para professores produzidos pelos mesmos autores do livro, Heloísa Silva de Carvalho e Jorge Silvino da Cunha Neto.

Em texto de apresentação assinado pelos respectivos autores, descortina-se a intencionalidade do material proposto:

Este manual do professor propõe uma reflexão a respeito de conceitos, ideias e concepções que movem o trabalho educativo dos maristas, além de apresentar uma leitura crítica do componente curricular, com informações de importantes aspectos da obra e das possibilidades de trabalho. Apresenta ainda orientações específicas para os módulos que compõem o livro do aluno, com dicas de utilização, comentários e sugestões de atividades complementares” (FTD EDUCAÇÃO & UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2017 p. 121).

Cabe destacar que, ao ressaltarem que o material propõe uma reflexão a respeito de conceitos, ideias e concepções que movem o trabalho educativo dos maristas, os autores reforçam a premissa de que o material está alinhado às concepções educativas da congregação. Nesse sentido, ele foi construído a partir de suas bases conceituais, ou seja, não se trata meramente de um material adquirido pelos maristas, mas produzido, editado pelo corpo editorial da editora da própria congregação estando integrado a seu sistema de ensino.

A esse respeito Orlando (2008, p. 78) destaca que:

As relações que se estabelecem para cumprir esse propósito, entre autor e editor nem sempre são pacíficas. Ao contrário, na maioria das vezes são relações tensas e conflituosas, não obstante seja possível construir uma cumplicidade nessa parceria. A função do editor é considerada uma função intelectual por abranger atividades que vão desde a seleção e controle dos textos, passando pelas relações com autores, o controle do processo de impressão da obra até sua distribuição junto aos leitores.

Avançando a análise diante do material, deparo-me com o texto que reforça o objetivo principal do livro: instigar as crianças e os adolescentes a realizarem um processo de conhecimento que colabora com a alteridade e a diversidade religiosa presentes no contexto escolar. Diante desse objetivo, a opção pelas principais tradições religiosas apresentadas no material didático é assim justificada: “Diante da multiplicidade e da diversidade das tradições religiosas, optamos por trabalhar com as religiões que estão mais próximas da realidade dos estudantes e de suas famílias” (FTD EDUCAÇÃO & UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2017 p. 132). Ainda sob essa perspectiva, o material apresenta uma breve explanação sobre as principais tradições religiosas que perpassam o documento: Budismo, Candomblé, Religiões indígenas, Islamismo, Judaísmo e Cristianismo.

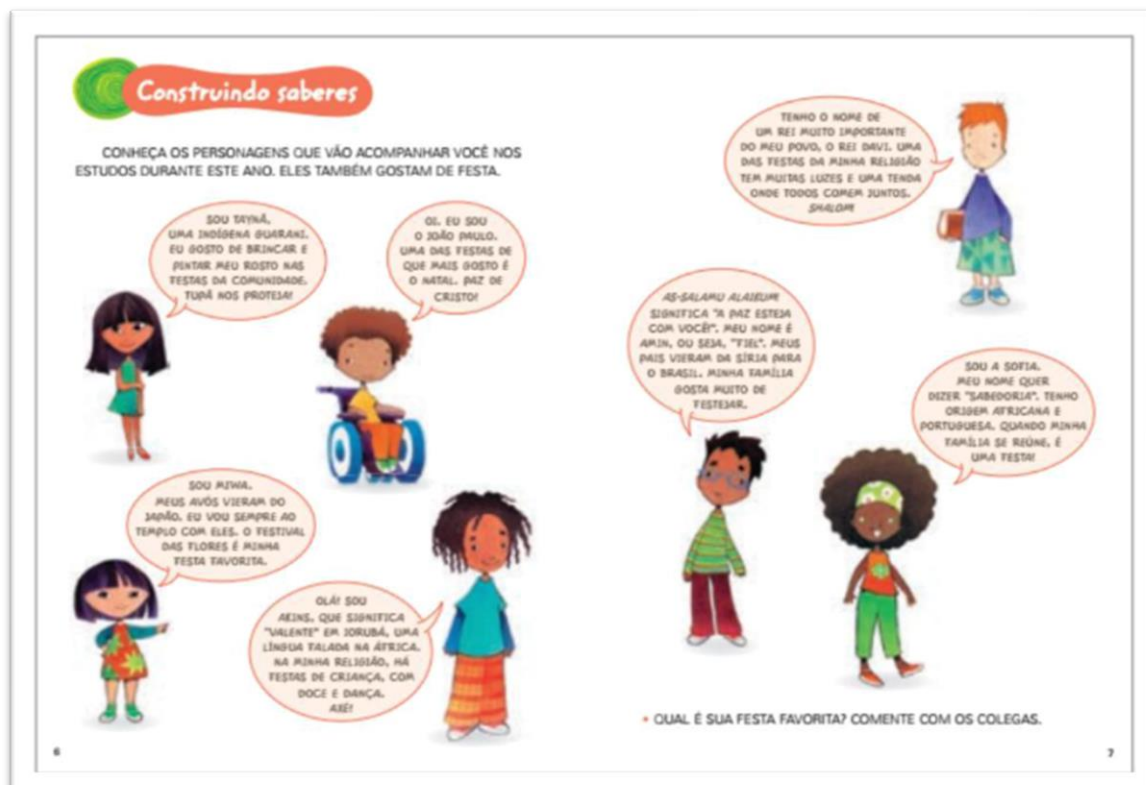
Esse processo de exaltação em distintas tradições religiosas será evidenciado na coleção, de modo que todas as tradições religiosas citadas nesse manual serão representadas por personagens, como nome, personalidade e jeito próprio de se vestir. É importante ressaltar que, nesta coleção, também foi prevista a presença de uma personagem que representara os indivíduos que não segue nenhuma tradição religiosa” (FTD EDUCAÇÃO & UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2017, p. 132).

Essa citação evidencia uma característica étnico-estética relevante do material, a criação de personagens infanto-juvenis em formato de animação que se apresentam ao longo dos conteúdos tornando a mediação e a interlocução dos estudantes mais lúdicas. Esses personagens apresentam traços identitários ligados às tradições religiosas abordadas que vão sendo descobertas ao longo da trilha do conhecimento. Esse aspecto também permite que o contato da criança com as expressões simbólicas de outras tradições religiosas por ela desconhecida se estabeleça de uma maneira mais afetiva atenuando possíveis estranhamentos. Em relação à arte e ao estudo da realidade, Vigotski (2010, p. 329) explicita que “A obra de arte nunca reflete a realidade em toda a sua plenitude e verdade real, mas é produto sumamente complexo da elaboração dos elementos da realidade, de incorporação a essa realidade de uma série de elementos inteiramente estranhos a ela”.

Destaco ainda a relevante opção dos autores em apresentar um personagem ateu com clara intenção de estabelecer um diálogo respeitoso de acolhimento com os não crentes.

Na Figura 16 pude observar esses personagens e algumas de suas características que ajudam na aproximação afetiva com outras tradições religiosas.

Figura 16 - Personagens do livro de Ensino Religioso



Fonte: Manual do professor – Sistema Marista de Educação Ensino Religioso, FTD, 2017.

Enquanto pressuposto teórico-metodológico o material apresenta uma visão multirreferencial do fenômeno religioso e, a fim de alcançar a estrutura proposta, utilizei uma base teórica que traz, como referenciais, Paulo Freire (1921-1997), Antoni Zabala e Jacques Delors (1925). A partir desses referenciais estruturam-se as teorias em torno do processo de ensino-aprendizagem que fundamentam o material: o método dialógico pautado na perspectiva da educação para o diálogo e para a alteridade, o enfoque globalizador e os quatro pilares do conhecimento no ensino religioso que permitem organizar e desenvolver o currículo em torno de competências, a fim de promover a formação integral dos estudantes para que sejam capazes de resolver os problemas do cotidiano (aprender a conhecer a partir de conteúdos factuais e conteúdos conceituais; aprender a fazer a partir de conteúdos procedimentais; aprender a conviver a partir de conteúdos atitudinais; aprender ser a partir de conteúdos atitudinais).

Ao longo dos capítulos, o conteúdo é organizado a partir de uma estrutura em sessões que percorrem todos os módulos, organizando os objetivos de ensino aprendizagem propostos em cada capítulo. Essas sessões são estruturadas da seguinte maneira: 1. Construindo saberes: apresenta conteúdos teóricos referentes à riqueza das tradições religiosas; 2. Arte que encanta: apresenta obras de arte e textos literários de diferentes povos e épocas vinculados à realidade do estudante, permite desenvolver a apreciação estética e vivenciar a manifestação artística como instrumento de compreensão do mundo; 3. Os povos e o sagrado: apresenta textos que, de alguma forma, se relacionam a diferentes tradições religiosas contribuindo na compreensão do fenômeno religioso como construção cultural e histórica; 4. Outros olhares: apresenta diferentes gêneros textuais, como informativos, notícias, tirinhas, artigos e diversos assuntos que são explorados considerando a perspectiva das religiões; 5. Teia do conhecimento: os estudantes são chamados nessa seção a construir uma teia dos conhecimentos que adquiriram ao longo do processo de ensino aprendizagem pautada em uma relação dialógica e dialética – entre o sujeito e o objeto e entre o sujeito e o outro.

Após a análise do livro sob suspeita a fim de um maior cotejamento das fontes é possível realizar algumas constatações fundamentais sobre o material que ajudaram certamente a delinear as conclusões desta pesquisa.

A primeira delas trata-se do reconhecimento da natureza epistemológica do material em questão que, embora provenha de uma editora vinculada a mesma congregação religiosa de reconhecida tradição no ramo da educação confessional, se propõe a apresentar um conteúdo de ensino religioso de caráter fenomenológico e pautado no valor do diálogo e respeito com outras tradições religiosas. Abordagem essa que está por sua vez ancorada em base epistemológica freiriana e que dialoga com os desafios contemporâneos da educação.

Outra constatação é que o material foi elaborado pelos autores com base no sistema de ensino e no projeto educativo da referida congregação, o que demonstra que não se trata de uma opção isolada do colégio em Jaraguá e sim uma opção político-pedagógica da própria congregação, embora seja sempre pertinente destacar que as políticas institucionais são sempre ressignificadas ao tocar cada realidade e território; em outras palavras, aquilo que é direcionado pela congregação religiosa, mesmo considerando seu caráter hierárquico peculiar, ao tocar as diversas realidades

escolares que lhes são vinculadas naturalmente vão se deparar com diferentes níveis de receptividade e estratégias de contestação da ordem.

Por fim, a análise do material refuta uma das principais críticas proferida pelas famílias na página virtual: a de se tratar de um possível relativismo religioso apresentado no material que estaria confundindo e ameaçando as crianças.

Claro que essa análise sempre estará sujeita a uma dimensão subjetiva ou uma predisposição do pesquisador e do leitor em concordar mais ou menos com as evidências aqui apresentadas. Contudo, elas me levam a crer de maneira empírica que não se trata de relativismo nem tão pouco de proselitismo ao que se propõe o material em questão, mas de opção sociopolítica e educacional em apresentar uma abordagem para o Ensino Religioso que oriente para a valorização da diversidade e a transcendência como dimensão constitutiva do ser humano, o que não representaria nenhuma ameaça à própria religiosidade. Todavia, de acordo com Febvre:

Toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiadores, não consistira num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, e, para constituir, finalmente, entre elas, aquela vasta rede de solidariedade e de entre ajuda que supre a ausência do documento escrito? (apud LE GOFF 1984, p. 98).

No transcurso dessa pesquisa foi possível observar que a contestação do conteúdo do Ensino Religioso por parte dos usuários possui motivações implícitas que estão para além da crítica do material em si, essas escamoteiam as disputas que se dão no exercício de poder e manutenção de uma posição dominante no mundo social.

Nesse sentido, algumas questões ainda parecem suspensas no exercício de análise entre elas, como essa reação dos pais teria repercutido no colégio? Qual teria sido o seu real impacto? Qual o nível de receptividade dessas críticas junto à direção escolar, no corpo docente? Numa camada acima poderia também considerar outras instâncias de decisão no interior da própria congregação e, por consequência, na editora que produziu o material. Em outra via, qual seria o motivo implícito na interrupção das postagens dos usuários na Página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso?

O hiato de 2 anos provocado pela ausência de postagens na página que anteriormente movimentava em média de 6 a 10 publicações mensais sugere ao menos duas hipóteses. A primeira é que o colégio teria convencido esses pais sobre



a pertinência do material didático em questão, levando à ampla aceitação dele. A segunda hipótese é que o colégio teria cedido à pressão e aos argumentos desses pais, bem como à eminente repercussão proporcionada pela página, e, dessa forma, cedido à adoção de outro material didático para o ensino religioso que atenda às demandas apresentadas, o que nesse caso não mais justificaria a efervescência de postagens e interações na página.

Na tentativa de validar ou refutar tais hipóteses, saí à procura de novas evidências.

Em busca realizada na página do Facebook do colégio não foi encontrada nenhuma menção direta ao material didático. No entanto, ao realizar a busca por ensino religioso, chamou-me a atenção uma publicação realizada no dia 23 de julho de 2020, em que se relata que, durante uma das aulas de ensino religioso, a mãe de um aluno do 2º ano do Ensino Fundamental foi convidada a falar sobre o Islamismo, religião dos avós e pai do aluno. Sugerindo, portanto, que o colégio não teria cedido à pressão das famílias nas redes sociais por uma abordagem estritamente católica para esse componente curricular.

Realizei também no website do colégio a busca por ensino religioso, no qual o usuário é direcionado à página de perguntas frequentes. Nesse espaço me deparei com a seguinte questão: “A grade curricular inclui aulas de religião?” logo abaixo à resposta que indica a manutenção da abordagem fenomenológica do material didático em questão, embora ele não seja mencionado diretamente no enunciado em questão.

Dentro da proposta pedagógica Marista é ofertado o Ensino Religioso. Transversal no currículo da área de Ciências Humanas, esse ensinamento contribui para a educação integral, para a formação de cidadãos, para a releitura do fenômeno religioso e para o desenvolvimento da religiosidade. Ele está de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, [...]. (COLÉGIO MARISTA SÃO LUIS, 2022, s.p.).

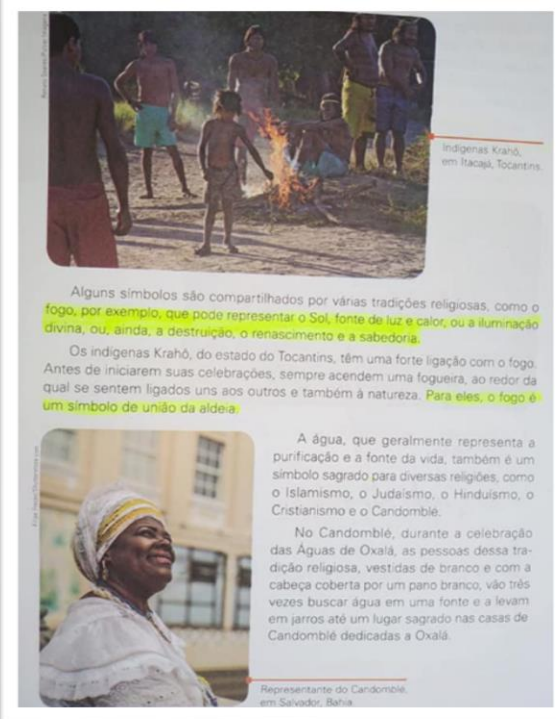
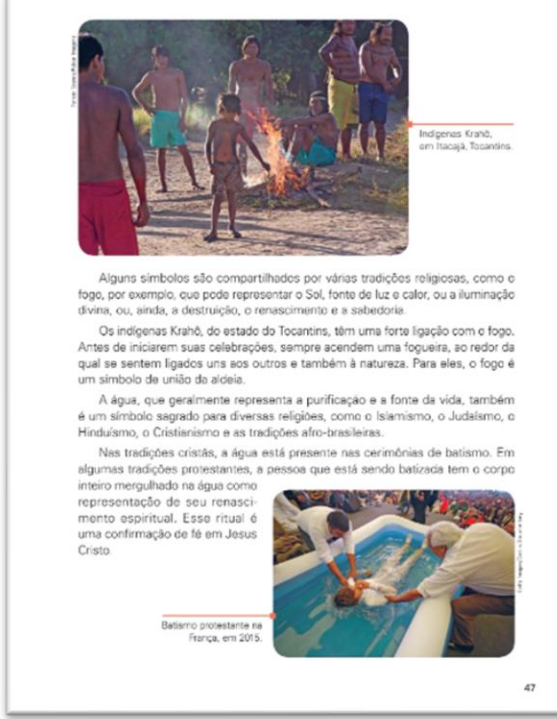
Em nova análise do material didático para o Ensino Religioso do Sistema Marista de Educação publicado pela editora FTD, observei que o material foi submetido a um processo de revisão. Embora a inscrição “material revisado” apareça sutilmente descrita na capa do material, a ficha catalográfica não indica o ano em que a revisão foi realizada.

A partir da análise de conteúdo da edição revisada com enfoque nas páginas alvo do questionamento das famílias na Página Pais Maristas em Defesa do Ensino

Religioso, foi possível observar que a abordagem fenomenológica e a estrutura, a partir dos módulos e capítulos subsequentes, foram preservadas na nova edição, mas com uma sutil alteração no conteúdo.

Em alguns trechos observei que as palavras Umbanda e Candomblé são substituídas por tradições afro-brasileiras. Em outros trechos notei a substituição dessas referências por outras tradições religiosas não africanas. No Quadro 5 se apresenta um exemplo de como essas alterações foram realizadas ao se comparar o mesmo conteúdo em edições distintas do material (trecho sublinhado). Trata-se de um trecho extraído do quarto volume da coleção Ensino Religioso, do capítulo 2, “Muitos Instrumentos: Uma única sinfonia”.

**Quadro 5** - Índícios de alteração no material – 4º Volume

Primeira edição do material publicado em 2017	Edição revisada s/data na ficha catalográfica
 <p>Indígenas Krahô, em Itacajá, Tocantins.</p> <p>Alguns símbolos são compartilhados por várias tradições religiosas, como o fogo, por exemplo, que pode representar o Sol, fonte de luz e calor, ou a iluminação divina, ou, ainda, a destruição, o renascimento e a sabedoria.</p> <p>Os indígenas Krahô, do estado do Tocantins, têm uma forte ligação com o fogo. Antes de iniciarem suas celebrações, sempre acendem uma fogueira, ao redor da qual se sentem ligados uns aos outros e também à natureza. Para eles, o fogo é um símbolo de união da aldeia.</p> <p>A água, que geralmente representa a purificação e a fonte da vida, também é um símbolo sagrado para diversas religiões, como o Islâmismo, o Judaísmo, o Hinduísmo, o Cristianismo e o Candomblé.</p> <p>No Candomblé, durante a celebração das Águas de Oxalá, as pessoas dessa tradição religiosa, vestidas de branco e com a cabeça coberta por um pano branco, vão três vezes buscar água em uma fonte e a levam em jarros até um lugar sagrado nas casas de Candomblé dedicadas a Oxalá.</p> <p>Representante do Candomblé, em Salvador, Bahia.</p>	 <p>Indígenas Krahô, em Itacajá, Tocantins.</p> <p>Alguns símbolos são compartilhados por várias tradições religiosas, como o fogo, por exemplo, que pode representar o Sol, fonte de luz e calor, ou a iluminação divina, ou, ainda, a destruição, o renascimento e a sabedoria.</p> <p>Os indígenas Krahô, do estado do Tocantins, têm uma forte ligação com o fogo. Antes de iniciarem suas celebrações, sempre acendem uma fogueira, ao redor da qual se sentem ligados uns aos outros e também à natureza. Para eles, o fogo é um símbolo de união da aldeia.</p> <p>A água, que geralmente representa a purificação e a fonte da vida, também é um símbolo sagrado para diversas religiões, como o Islâmismo, o Judaísmo, o Hinduísmo, o Cristianismo e as tradições afro-brasileiras.</p> <p>Nas tradições cristãs, a água está presente nas cerimônias de batismo. Em algumas tradições protestantes, a pessoa que está sendo batizada tem o corpo inteiro mergulhado na água como representação de seu renascimento espiritual. Esse ritual é uma confirmação de fé em Jesus Cristo.</p> <p>Batismo protestante na França, em 2015.</p> <p>47</p>
<p>Módulo 2: A Igualdade na diferença Capítulo 2: Muitos Instrumentos: Uma única sinfonia Página: 47</p> <p>Alguns símbolos são compartilhados por várias tradições religiosas, como o fogo, por exemplo, que pode representar o Sol, fonte de luz e calor, ou a iluminação divina, ou, ainda, a destruição, o renascimento e a sabedoria. Os indígenas Krahô, do estado do Tocantins, têm uma forte ligação com o</p>	<p>Módulo 2: A Igualdade na diferença Capítulo 2: Muitos Instrumentos: Uma única sinfonia Página: 47</p> <p>Alguns símbolos são compartilhados por várias tradições religiosas, como o fogo, por exemplo, que pode representar o Sol, fonte de luz e calor, ou a iluminação divina, ou, ainda, a destruição, o renascimento e a sabedoria. Os indígenas Krahô, do estado do Tocantins, têm uma forte ligação com</p>

<p>fogo. Antes de iniciarem suas celebrações, sempre acendem uma fogueira, ao redor da qual se sentem ligados uns aos outros e também à natureza. Para eles, o fogo é um símbolo de união da aldeia. A água, que geralmente representa a purificação e a fonte da vida, também é um símbolo sagrado para diversas religiões, como o Islamismo, o Judaísmo, o Hinduísmo, o Cristianismo e o <u>Candomblé</u>. <u>No Candomblé, durante a celebração das Águas de Oxalá, as pessoas dessa tradição religiosa, vestidas de branco e com a cabeça coberta por um pano branco, vão três vezes buscar água em uma fonte e a levam em jarros até um lugar sagrado nas Casas de Candomblé dedicadas a Oxalá.</u></p>	<p>o fogo. Antes de iniciarem suas celebrações, sempre acendem uma fogueira, ao redor da qual se sentem ligados uns aos outros e também à natureza. Para eles, o fogo é um símbolo de união da aldeia. A água, que geralmente representa a purificação e a fonte da vida, também é um símbolo sagrado para diversas religiões, como o Islamismo, o Judaísmo, o Hinduísmo, o Cristianismo e <u>as tradições afro-brasileiras. Nas tradições cristãs, a água está presente nas cerimônias de batismo. Em algumas tradições protestantes, a pessoa que está sendo batizada tem o corpo inteiro mergulhado na água como representação de seu renascimento espiritual. Esse ritual é uma confirmação de fé em Jesus Cristo.</u></p>
--	--

Fonte: o autor, 2022.

A análise do conteúdo do material didático de ensino religioso – 4º volume, apresentada no Quadro 5, considera um comparativo entre a primeira edição publicada em 2017 (alvo de denúncia de algumas famílias na página virtual sob análise) e a segunda edição do mesmo material revisado posteriormente.

Ao analisar a ficha catalográfica da versão revisada constam as mesmas informações e ano de publicação da primeira edição; fato que sugere interesse da editora em preservar as informações de alteração no material. Não fosse pelo exercício historiográfico aqui proposto e pela memória dos conteúdos ainda preservados na plataforma digital, certamente passariam despercebidas.

Quanto ao conteúdo em questão, é evidente o foco da alteração ainda que sensível. Conforme destacado no quadro, estão diretamente associadas à substituição de palavras que correspondem às religiões de matriz afro-brasileiras, como candomblé e Oxalá, por expressões mais suavizadas como tradições afro-brasileiras ou até mesmo outras religiões como o Hinduísmo. A celebração das águas de Oxalá descrita na primeira edição também é substituída pela cerimônia de batismo cristã protestante.

O Quadro 5 apresenta atividade proposta no 3º volume do material com o título “A África faz parte de nós”. Esse capítulo também foi alvo do ataque dos usuários na página. Em publicação realizada no dia 12 de novembro de 2019, o perfil de usuário que administra a página ao analisar o referido conteúdo comenta:

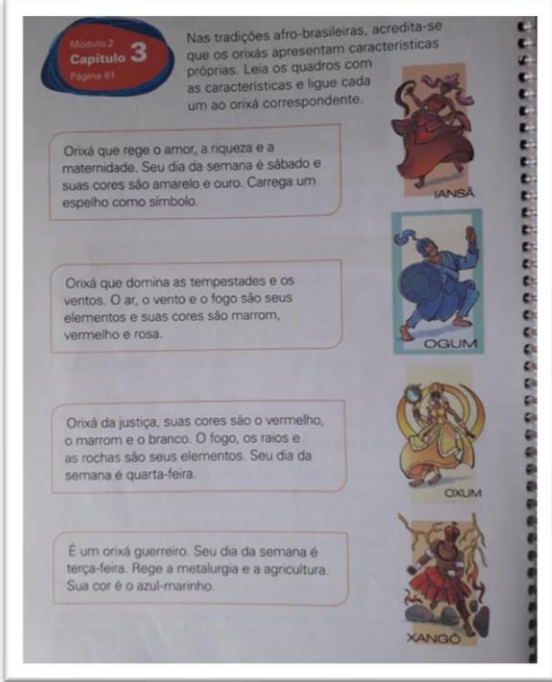

*Este capítulo acreditamos ser o pior e mais problemático de todos os volumes. A profundidade que o autor trabalha as religiões pagãs é completamente desnecessária e prejudicial a idade destas crianças(...) Ela não está em um momento de oração, mas sim de invocação dos deuses*

*ocultos chamados de orixás os quais são abominados por Jesus nas Sagradas Escrituras” (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 2019, s.p.)<sup>40</sup>.*

Aqui se reforça a evidência de que a ênfase, no material, em relação aos símbolos, palavras e expressões vinculadas às religiões de matriz afro-brasileira, em especial o Candomblé, eram as que causavam maior impacto e conseqüente maior reação junto às famílias. Importante sinalizar, do mesmo modo, o nível de violência contido na narrativa ao se referir ao Candomblé enquanto “religião pagã” ou ao afirmar que os orixás são: “*são deuses ocultos abominados por Jesus*”. Nessa perspectiva, a violência aqui manifestada extrapola a dimensão tácita e simbólica, mas ganha uma dimensão concreta explícita e objetiva.

Contudo, na versão revisada do material didático, a editora parece ter encontrado uma maneira de suavizar a questão, como pode ser observado no Quadro 6 a seguir.

**Quadro 6** - Indícios de alteração no material – 3º Volume

Primeira edição do material publicado em 2017	Edição revisada s/data na ficha catalográfica
	

<sup>40</sup> Publicação na Página Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso. A África faz parte de nós. Disponível em:

<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid02qf6BsHtpsRrLArHYMvVCYMzkD8JJ D7EGW4VzqUvuK6smAQsGWYp9GYvLicDFzB6I>. Acesso em 14 de julho de 2022.

<p>Módulo 2 Cap 3 – A África faz parte de nós</p> <p>Nas tradições afro-brasileiras, acredita-se que os orixás apresentam características próprias. Leia os quadros com as características e ligue cada um ao orixá correspondente.</p> <p>Orixá que rege o amor, a riqueza e a maternidade. Seu dia da semana é sábado e suas cores são amarelo e ouro. Carrega um espelho como símbolo.</p> <p>Orixá que domina as tempestades e os ventos. O ar, o vento e o fogo são seus elementos e suas cores são marrom, vermelho e rosa.</p> <p>Orixá da justiça, suas cores são vermelho, o marrom e o branco. O fogo, os raios e as rochas são seus elementos. Seu dia da semana é quarta-feira.</p> <p>É um orixá guerreiro. Seu dia da semana é terça-feira. Rege a metalurgia e a agricultura. Sua cor é azul marinho.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- IANSÃ</li> <li>- OGUM</li> <li>- OXUM</li> <li>- XANGÔ</li> </ul>	<p>Módulo 2 Cap 3 – A África faz parte de nós</p> <p>Como vimos, a palavra ubuntu representa uma filosofia de vida em que se coloca a necessidade da comunidade acima da necessidade individual. Essa palavra indica que estamos todos interconectados e em constante comunhão.</p> <p>Os sul-africanos Nelson Mandela (1918-2013) e Desmond Tutu (1931-), bispo anglicano, lutaram por justiça social em seu país. Eles utilizaram a filosofia ubuntu para reorganizar a sociedade da África do Sul, que por muitos anos sofreu com a divisão entre as populações branca e negra. Para Mandela e Tutu, só o ubuntu seria capaz de sustentar essa nova vida comunitária, pois nele estão implícitos muitos valores, tais como: solidariedade, partilha, cuidado, acolhida, respeito, confiança, generosidade, hospitalidade e amor</p>
---	--

Fonte: o autor, 2022.

A análise das duas versões do material didático permite identificar que o conteúdo que apresentava os orixás e suas características foi suprimido da página em versão revisada e substituído por um conteúdo que apresenta a expressão ubuntu, enquanto filosofia de vida dos povos africanos que coloca a necessidade da comunidade acima da necessidade individual, também apresenta as lideranças sul-africanas Nelson Mandela e Desmond Tutu – referências de lutas pela justiça social em seu país.

Essa mudança pode ser observada como uma tática da editora para atenuar a tensão com o público consumidor do material, sem se eximir totalmente de incidir sobre a cultura africana como valor por adotar figuras e linguagens que já foram incorporadas ao imaginário popular e culturalmente mais aceitas.

No entanto, à luz das reflexões propostas por Almeida (2019), essa tática pode também ser observada como um processo de relativismo cultural que, ao enquadrar a cultura dos povos africanos como mercadoria palatável, pode por sua vez contribuir com a naturalização de um processo de inferiorização.

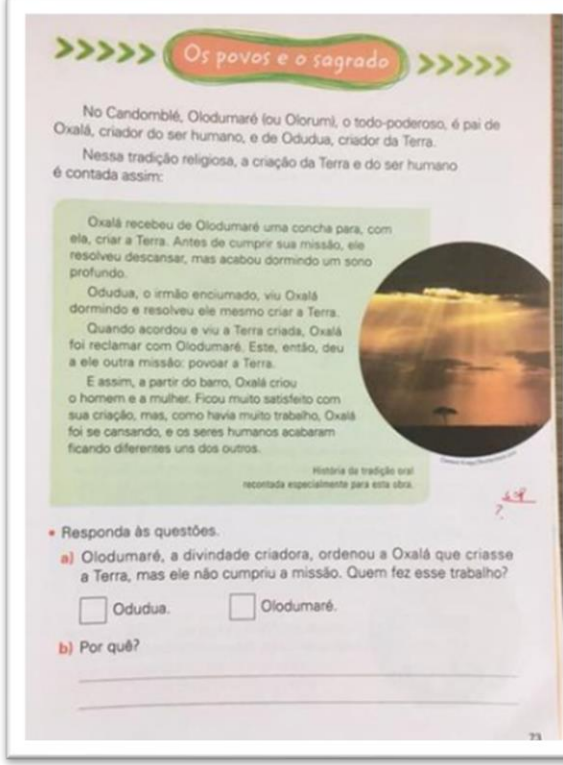
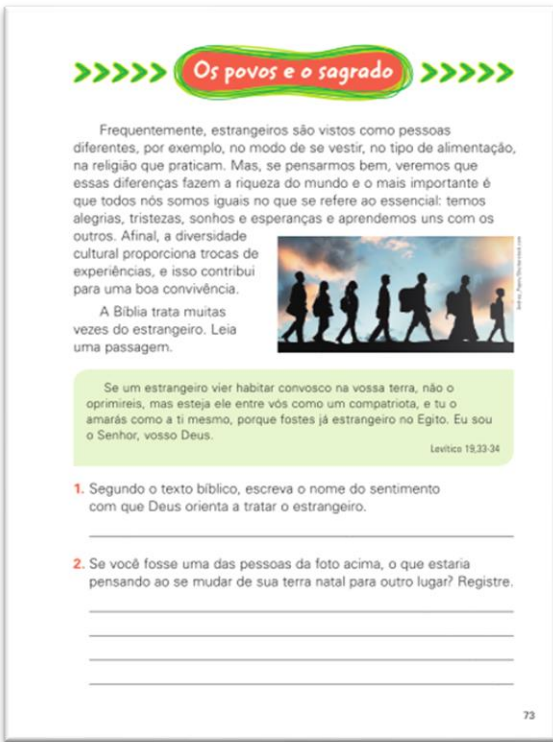
Desse modo, o cinema, a literatura, a música e as artes plásticas não precisam negar a existência do racismo; pelo contrário, produções artísticas de grande repercussão tratam do racismo e do sofrimento por ele provocado de modo direto. Não é apenas extirpando a cultura que o racismo se apresenta, mas “desfigurando-a” para que a desigualdade e a violência apareçam de forma “estilizada”, como “tema de meditação” ou “peça publicitária”, e possam assim ser integradas à normalidade da vida social (ALMEIDA, 2019, s.p.).

O Quadro 7 a seguir apresenta outro conteúdo do material modificado após processo de revisão do 2º volume do material. O conteúdo apresentado, também alvo da crítica dos usuários, encontra-se no módulo 3, capítulo 1, página 73 denominado: “Os povos e o sagrado”. No dia 27 de outubro de 2019, o perfil do usuário administrador da página publica os seguintes dizeres em relação ao conteúdo em questão:

*Nesta página em se tratando de um colégio Católico Confessional, é preocupante saber que crianças de 8 anos que ainda não passaram pela catequese, tenham que decorar e estudar os nomes de orixás. Um material totalmente desnecessário para a idade das crianças e que vem contra toda a fé católica” (PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO, 2019, s.p.).*

Pude observar mais uma vez que a representação sobre os orixás e o candomblé emergem no centro da reivindicação dos usuários. Em relação à comparação entre as duas versões do conteúdo do material didático, verifiquei que a alteração se deu de maneira mais incisiva.

Quadro 7 - Índícios de alteração no material – 2º Volume

Primeira edição do material publicado em 2017	Edição revisada s/data na ficha catalográfica
 <p><b>Os povos e o sagrado</b></p> <p>No Candomblé, Olodumaré (ou Olorum), o todo-poderoso, é pai de Oxalá, criador do ser humano, e de Odudua, criador da Terra.</p> <p>Nessa tradição religiosa, a criação da Terra e do ser humano é contada assim:</p> <p>Oxalá recebeu de Olodumaré uma concha para, com ela, criar a Terra. Antes de cumprir sua missão, ele resolveu descansar, mas acabou dormindo um sono profundo.</p> <p>Odudua, o irmão enciumado, viu Oxalá dormindo e resolveu ele mesmo criar a Terra.</p> <p>Quando acordou e viu a Terra criada, Oxalá foi reclamar com Olodumaré. Este, então, deu a ele outra missão: povoar a Terra.</p> <p>E assim, a partir do barro, Oxalá criou o homem e a mulher. Ficou muito satisfeito com sua criação, mas, como havia muito trabalho, Oxalá foi se cansando, e os seres humanos acabaram ficando diferentes uns dos outros.</p> <p><i>História de tradição oral recitada especialmente para esta obra.</i></p> <p>• Responda às questões.</p> <p>a) Olodumaré, a divindade criadora, ordenou a Oxalá que criasse a Terra, mas ele não cumpriu a missão. Quem fez esse trabalho?</p> <p><input type="checkbox"/> Odudua.      <input checked="" type="checkbox"/> Olodumaré.</p> <p>b) Por quê?</p> <p>_____</p> <p>73</p>	 <p><b>Os povos e o sagrado</b></p> <p>Frequentemente, estrangeiros são vistos como pessoas diferentes, por exemplo, no modo de se vestir, no tipo de alimentação, na religião que praticam. Mas, se pensarmos bem, veremos que essas diferenças fazem a riqueza do mundo e o mais importante é que todos nós somos iguais no que se refere ao essencial: temos alegrias, tristezas, sonhos e esperanças e aprendemos uns com os outros. Afinal, a diversidade cultural proporciona trocas de experiências, e isso contribui para uma boa convivência.</p> <p>A Bíblia trata muitas vezes do estrangeiro. Leia uma passagem.</p> <p>Se um estrangeiro vier habitar convosco na vossa terra, não o oprimireis, mas esteja ele entre vós como um compatriota, e tu o amarás como a ti mesmo, porque fostes já estrangeiro no Egito. Eu sou o Senhor, vosso Deus.</p> <p><i>Levítico 19,33-34</i></p> <p>1. Segundo o texto bíblico, escreva o nome do sentimento com que Deus orienta a tratar o estrangeiro.</p> <p>_____</p> <p>2. Se você fosse uma das pessoas da foto acima, o que estaria pensando ao se mudar de sua terra natal para outro lugar? Registre.</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>73</p>
<p><b>Volume 3</b></p> <p>Módulo 3, Capítulo 1 – Os povos e o sagrado Página 73</p> <p>No Candomblé, Olodumaré ou Olorumi, o todo poderoso, é pai de Oxalá, criador do ser humano, e de Odudua, criador da Terra.</p> <p>Nessa tradição religiosa, a criação da Terra e do ser humano é contada assim:</p> <p>Oxalá recebeu de Olodumaré uma concha para, com ela, criar a Terra. Antes de cumprir sua missão, ele resolveu descansar, mas acabou dormindo um sono profundo.</p> <p>Oduadua, o irmão inciumado, viu Oxalá dormindo e resolveu ele mesmo criar a Terra.</p> <p>Quando acordou e viu a Terra criada, Oxalá foi reclamar com Olodumaré. Este, então, deu a ele outra missão: povoar a Terra.</p> <p>E assim, a partir do barro, Oxalá criou o homem e a mulher. Ficou muito satisfeito com sua criação, mas, como havia muito trabalho, Oxalá foi se cansando, e os seres humanos acabaram ficando diferentes uns dos outros.</p> <p>Responda as questões</p>	<p><b>Volume 3</b></p> <p>Módulo 3, Capítulo 1 – Os povos e o sagrado Página 73</p> <p>Frequentemente, estrangeiros são vistos como pessoas diferentes, por exemplo, no modo de se vestir, no tipo de alimentação, na religião que praticam. Mas, se pensarmos bem, veremos que essas diferenças fazem a riqueza do mundo e o mais importante é que todos nós somos iguais no que se refere ao essencial: temos alegrias, tristezas, sonhos e esperanças e aprendemos uns com os outros. Afinal, a diversidade cultural proporciona trocas de experiências, e isso contribui para uma boa convivência.</p> <p>A Bíblia trata muitas vezes do estrangeiro. Leia uma passagem.</p> <p>Se um estrangeiro vier habitar convosco na vossa terra, não o oprimireis, mas esteja ele entre vós como um compatriota, e tu o amarás como a ti</p>

<p>a) Oludumaré, a divindade criadora, ordenou a Oxalá que criasse a Terra, mas ele não cumpriu a missão. Quem fez esse trabalho? – Oduadua - Olodumaré</p> <p>b) Por quê?</p>	<p>mesmo, porque fostes já estrangeiro no Egito. Eu sou o Senhor, vosso Deus. Levítico 19,33-34</p> <p>1. Segundo o texto bíblico, escreva o nome do sentimento com que Deus orienta a tratar o estrangeiro.</p> <p>2. Se você fosse uma das pessoas da foto acima, o que estaria pensando ao se mudar de sua terra natal para outro lugar? Registre.</p>
--	---

Fonte: o autor, 2022.

Diante da análise pude observar que o conteúdo da página 73 – da primeira versão material que apresentava a narrativa de como a criação da Terra e do ser humano é representada no Candomblé – foi completamente suprimida e substituída na versão revisada por uma narrativa de referência cristã que trata o acolhimento ao estrangeiro, ou seja, ao diferente na perspectiva cristã apresentando como referência alguns trechos bíblicos. Na versão atualizada a dimensão do acolhimento à diversidade aparece como proposta de valor ancorando-se numa linguagem de maior receptividade entre as famílias e referendando-se no cristianismo.

O cotejamento das fontes de pesquisa que se articulam ao longo desse trabalho, seja na análise das escritas dos usuários nas redes sociais virtuais seja diante da análise das distintas versões do livro sob suspeita, sugere algumas hipóteses para aprofundamento desta pesquisa. Os dados que obtive no processo da pesquisa não permitem afirmar que a revisão do material por parte da editora em questão, atenuando em grande parte o conteúdo alvo da tensão, teria sido de fato motivada pela prática discursiva dos usuários na página *Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso*. De igual modo, também não permitem afirmar que o hiato das postagens na referida página, o qual já se prolonga por 2 anos e 8 meses, tenha sido motivado pelo contentamento em relação à nova edição do material. Contudo, torna-se inevitável a percepção do papel que esses usuários desempenham junto à prática educativa da escola.

É fundamental nesse caso considerar que a relação escola, família e editora é atravessada por uma relação econômica objetiva e, portanto, atende a um interesse de classe e de uma classe determinada, haja vista o perfil econômico das famílias que acessam esses serviços.



Trata-se de um grande paradigma educacional consolidar sua função social e não reproduzir modelos de desigualdade perante um modelo econômico capitalista centrado nos interesses do mercado. Segundo Bourdieu (2015, p. 306-307):

O sistema de ensino reproduz tanto melhor a estrutura de distribuição do capital cultural entre as classes (e as frações de classe) quando a cultura que transmite encontra-se mais próxima da cultura dominante e quando o modo de inculcação a que recorre está menos distante do modo de inculcação familiar(...) quanto mais a ação escolar se aproxima desse limite, tanto mais o valor que o sistema escolar concede aos produtos do trabalho pedagógico realizado pelas famílias das diversas classes sociais encontra-se intimamente vinculado ao valor enquanto capital cultural que é conferido, no âmbito de um mercado dominado pelos produtos do trabalho pedagógico das famílias da classe dominante, à competência linguística e cultural que as diferentes classes ou frações de classes estão em condições de transmitir, tendo em vista sobretudo a cultura que dispõem e o tempo que podem dedicar a transmissão explícita ou implícita.

Nessa perspectiva, a educação confessional aqui representada está longe de ser um campo harmônico e neutro, como já dito anteriormente; ao contrário, trata-se de um campo em disputa atravessado por uma relação econômica que incide sobre sua função social e educacional gerando assim tensões e resistências em torno do currículo.

Nesse palco de lutas, aqueles que conferem maior acúmulo de capital simbólico e econômico mobilizam estratégias de intervenção para exercer a manutenção da hierarquia cultural posta por eles de maneira arbitrária. Dessa maneira, a linguagem religiosa configura-se em sistema potente de dominação cultural reverberando representações sobre o mundo social. Diante disso, o campo educacional e o campo religioso convertem-se em espaços de articulação política de extrema relevância onde diferentes projetos de sociedade são colocados em disputa.

Aqui procurei apresentar que as redes sociais virtuais são espaços de socialização, produção de cultura, sentido e significados nos tempos de internet convertendo-se em espaços potentes de intervenção social e neste caso mobilizadas como instrumento de intervenção das famílias nas práticas escolares.

## 4 CONCLUSÃO

Este trabalho acena como estudo que visa, em primeiro plano, reafirmar o valor da escrita nas redes sociais virtuais enquanto tipologia de fonte pouco explorada que reúne um vasto repertório de análise. Elas atribuem novos signos, códigos linguísticos e estilísticos, significados e níveis de interação inerentes do espaço virtual que ajudam a contar a história do tempo presente, implicando profundamente na forma de como a educação é transmitida e assimilada por meio da cultura escrita no espaço da web. Portanto, não podem mais ser desconsideradas na historiografia da educação e no papel que desempenham na ressignificação e resistência da cultura escrita.

Em outro plano, destaca o papel desempenhado pelas redes sociais como via para a produção de cultura e sentidos que afetam o campo da educação na perspectiva política, cultural, econômica e religiosa. Concebe-se aqui o campo educacional como espaço de reprodução e de legitimação da dominação exercida pelas classes dominantes.

Assim a cultura consagrada e transmitida pela instituição escolar não se dá a partir de uma pseudoneutralidade intocável ou fundamentada em uma verdade objetiva inquestionável. Ela seria constituída também de forma arbitrária a partir do interesse dessas classes, embora esse caráter arbitrário seja socialmente reconhecido como cultura legítima. Nesse sentido, esse estudo apresenta as redes sociais virtuais, mais especificamente a página *Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso*, como locais onde se reproduzem as práticas que tendem a afetar o campo educacional a partir da mobilização de sistemas simbólicos que podem ser estratificados no conjunto dos textos eletrônicos.

Identificar, portanto, nessas narrativas eletrônicas, a posição social ocupada por esses agentes, bem como as disposições interiorizadas que estruturam suas representações sobre a educação católica e o ensino religioso, permitirá também reconhecer os projetos educacionais colocados em disputa e o jogo de dominação cultural que culmina invariavelmente na reprodução de violências simbólicas no interior desse campo.

Busquei assim identificar nesses textos eletrônicos mobilizados, como suporte de pesquisa, representações, valores culturais, ações e práticas sociais que contribuem na produção e significação da educação confessional católica e do ensino religioso, observando indícios de que a iminente presença da diversidade religiosa

nesse contexto tem acirrado tensões e disputas que colocam em questão em que medida esses projetos se manifestam nas redes sociais e acabam por reproduzir violências simbólicas.

Trata-se, portanto, de formas de coerção constituídas por maneiras de ver, pensar e produzir socialmente, as quais por sua vez configuram atos sutis de violência e estabelecem de maneira inconsciente relações de força e poder, bem como um processo de dominação cultural que visa anular culturas e posicionamentos que ameaçam a hegemonia do grupo dominante.

Trata-se também de uma prática que não se restringe ao campo educacional, pois ela avança sobre o campo político e se ancora invariavelmente num conjunto de representações sociais que se convertem em narrativas políticas. Portanto, devem ser observadas à luz de uma conjuntura sociopolítica que tem naturalizado algumas práticas discursivas extremamente violentas e contribuído com a construção da cultura do ódio que ganha ainda mais vazão diante dos subterfúgios do anonimato, pseudônimos e heterônimos das redes sociais virtuais.

A análise do curso dessas violências reproduzidas na página *Pais Maristas em Defesa do Ensino Religioso* permitiu-me também constatar a prática de um racismo religioso internalizado que emerge como disposição dos usuários de repulsar ou inferiorizar a presença das tradições religiosas de matriz africana e afro-brasileiras no conteúdo do material alvo da crítica. Essa prática é escamoteada diante do argumento de defender o ensino religioso de um possível relativismo que ameaçaria a educação religiosa das crianças.

Cabe também destacar que cada campo de produção simbólica é também palco de disputas entre dominantes e pretendentes relativas aos critérios de classificação e hierarquização dos bens simbólicos produzidos e, indiretamente, das pessoas e instituições que os produzem.

Nesse sentido, as escritas virtuais na página também revelam tensões e resistência ao discurso hegemônico imposto pelo grupo dominante, mobilizando a escrita nas redes sociais virtuais como estratégia de contestação e subversão, travando disputas entorno do projeto religioso e educacional em questão.

Assim, foi possível observar narrativas que se contrapunham e resistiam ao discurso hegemônico tentando questionar sua veracidade ou confrontar seus argumentos.

O trabalho também apresentou indícios de que a mobilização e a tensão gerada em torno do material didático possivelmente tenham provocado a editora diante da necessidade mercadológica de revisão do conteúdo.

Nessa perspectiva, uma nova versão foi desenvolvida atenuando em boa parte o alvo da controvérsia, por exemplo, a utilização de algumas expressões simbólicas relacionadas às religiões de matriz africana e afro-brasileiras, como: Candomblé, orixá, oxalá etc. que foram substituídas por representações cristãs ou expressões africanas de maior receptividade e socialmente mais aceitas, como a expressão Ubuntu que é amplamente popularizada nos canais de comunicação.

Atenta-se aqui ao risco de um relativismo cultural ou multiculturalismo que confere valor à cultura, cujas manifestações serão integradas ao sistema na forma de mercadorias palatáveis para que possam assim serem integradas à normalidade da vida social. Do mesmo modo reacende a discussão entorno do paradigma da educação privada e confessional. Dessa forma, a relação da escola e da editora com as famílias também são atravessadas pelo aspecto econômico. Os pais são vistos como consumidores que pagam por um serviço e, portanto, sentem-se legitimados a reivindicar, a intervir e a questionar o nível de satisfação. A escola por sua vez ao se perceber diante do confronto entre as suas opções político-pedagógicas, o seu projeto educativo e os interesses dos pais consumidores, encontra-se diante de um dilema complexo e acaba invariavelmente por vezes se isentando do foco da tensão.

Por fim esse trabalho pretende ser uma expressão de coragem e resistência pelas vias da academia e da ciência frente aos desafios educacionais da contemporaneidade, apresentando horizontes de luta e esperança diante da cultura do ódio e da intolerância que avança, e retificando a crença em uma educação emancipadora que forme para um humanismo solidário, para alteridade e para justiça social.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fabio Chang. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Aedos**, UFRGS, n. 8, v. 3, p. 9-30, jan./jun. 2011.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. [Structural Racism]. São Paulo: Pólen, 2019.
- ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- AZZI, Riolando. **Histórias da Educação Católica no Brasil**. Contribuições dos Irmãos Maristas, SIMAR, São Paulo, 1997.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. *In*: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand Brasil/ 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 8. Ed. Campinas: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. *In*: NOGUEIRA, M.A & CATANI, A. (orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. Porto Alegre/ São Paulo: Zouk/ Edusp, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. 8. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2015. (Coleção estudos; 20).
- BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.
- BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 196-219, jan.-abr. 2020.
- CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 172-191, jan./abr. 1991.

CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **Formas e sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Tradução Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas-SP: Mercado das letras; Associação de Leitura do Brasil (ABL), 2003. (Coleção Histórias de Leitura).

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Plano Editora, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FTD EDUCAÇÃO & UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Módulo de apresentação do Sistema Marista de Educação – Ensino Religioso**, São Paulo, 2017.

GRUPO MARISTA. **Diretrizes da Ação Evangelizadora do Grupo Marista**. 2. Ed. São Paulo: FTD, 2014.

HASENBALG, C. A.; SILVA, N. do V. Industrialização e estrutura de emprego no Brasil: 1960-80. *In*: C. A. Hasenbalg & N. do V. Silva (orgs.). **Estrutura social, mobilidade e raça**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, 1988. p. 13-60.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2002.

IRMÃOS MARISTAS. **Centenário no Brasil: 1897-1997**. São Paulo: FTD, 1997.

JACCOUD, Luciana de Barros. **Pobres, Pobreza e Cidadania: os desafios recentes da proteção social**. Rio de Janeiro: IPEA, 2009.

LE GOFF, Jacques. Documento Monumento. *In*: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984. V. 1, p. 96-106.

LE GOFF, Jacques. História. *In: História e Memória*. 5. Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 17-171.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Escola, Família e Religião Católica nos Debates Educacionais Brasileiros (Anos 1950/60). **Revista Caminhos da Educação**: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 1, n. 2, p. 141-158, maio/ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.26694/caedu.v1i2.9895>

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. História do Tempo Presente - Simbioses, tessituras e conectividade. Uma entrevista com o professor Dilton Cândido Santos Maynard. [Entrevista realizada em 14 de outubro, 2014]. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 7, n. 16, p. 284-298, set./dez. 2015.

MUNAKATA, Kazumi. Livro didático como indício da cultura escolar. **Revista História e Educação**, Porto Alegre, v. 20, n. 50, p. 119-138, set./dez. 2016.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Claudio M. Martins. **Bourdieu & a Educação**. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

NORA, Pierre. Conclusão. *In: Ensaios de ego-história*. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 343-361.

OLINTO, Heidrun Krieger. Pequenos ego-escritos intelectuais. **Palavra 10**, Rio de Janeiro, Dossiê Perspectivas (auto)biográficas nos estudos de Literatura, p. 24-44, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Por uma civilização cristã**: A coleção Monsenhor Alvaro Negromont e a Pedagogia do Catecismo (1937-1965). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.

PEIRCE, Charles Sanders. **Antologia Filosófica**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da moeda, 1998.

PENNA, Fernando de Araújo. Movimento Escola Sem Partido e a escalada da direita no Brasil. [Entrevista realizada em 08 de outubro de 2020]. Entrevistadora: VITORASSI, Sílvia. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, e0601, set./dez. 2021. DOI: [dx.doi.org/10.5965/2175180313342021e0601](https://doi.org/10.5965/2175180313342021e0601)

RÉMOND, René. O contemporâneo do contemporâneo. *In: NORA, Pierre. Ensaios de ego história*. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 287-341.

RODRÍGUEZ DE LA FLOR, Fernando; ESCANDELL MONTIEL, Daniel. **El gabinete de Fausto**: teatros de la escritura y la lectura a un lado y otro de la frontera digital. CSIC: Madrid, 2014.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIMÕES, Robson Fonseca. **Escritas à deriva**: testemunhos efêmeros sobre os tempos da escola nas comunidades do Orkut. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SIMÕES, Robson Fonseca. **Memórias digitais**: histórias escolares nas comunidades do Orkut. Appris: Curitiba, 2018.

SIMÕES, Robson Fonseca. Memórias Postadas, Histórias Compartilhadas: A educação rondoniense nas páginas do Facebook. **Revista de História e Historiografia da Educação**, Curitiba, v. 3, n. 8, p. 198-220, maio/ago. 2019.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Matrizes curriculares de educação básica do Brasil Marista**: área de ciências humanas e suas tecnologias, Curitiba: PUCPRESS: 2021.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

## FONTES

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Vicariato episcopal para a educação e a universidade**. Currículo de ensino religioso para escola católica. 2020. Disponível em: <https://cdn.cnbsul1.org.br/wp-content/uploads/2021/03/Curr%C3%ADculo-de-Ensino-Religioso.pdf> Acesso em 20 de agosto de 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em 08 de junho de 2022.

BRASIL. **Lei Nº 9394/96**. Lei das Diretrizes e Bases da Educação. Disponível: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm#:~:text=L9394&text=Estabelece%20as%20diretrizes%20e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.&text=Art.%201%C2%BA%20A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20abrange,civil%20e%20nas%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20culturais](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm#:~:text=L9394&text=Estabelece%20as%20diretrizes%20e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.&text=Art.%201%C2%BA%20A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20abrange,civil%20e%20nas%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20culturais). Acesso: 19 ago. 2021.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Dimensão Religiosa da Educação na escola Católica**. Orientações para a Reflexão e a Revisão. Roma, 7 de abril de 1988. Disponível: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_19880407\\_catholic-school\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19880407_catholic-school_po.html) Acesso: 12 de julho de 2021.



HOOTSUITE e WE ARE. **O Relatório de Visão Geral Global Digital de 2022.**  
Disponível em: <https://www.amper.ag/post/we-are-social-e-hootsuite-digital-2022-resumo-e-relatorio-completo> - Acesso em 12/09/2022.

JOÃO PAULO II, Papa. **Exortação Apostólica Catechesi tradendae** (sobre a Catequese no nosso tempo). 15. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO. [Página inicial]. Disponível em: <https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/about> Acesso em 12 de maio de 2022.

PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO. [A lista de seguidores]. Disponível em: <https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/about> Acesso em 12 de maio de 2022.

PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO. **Concordo Doutora!**  
Disponível em:  
<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid0fQMn8UhVNDsxf6XD FdZHLiDTrHTpEH5EjXKeN25Te6ziXRVYQhbWMDopBi4WA6LyI> Acesso em 09 de agosto de 2022.

PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO. **A partir dessa semana começaremos a publicar informações.** Disponível em:  
<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid02ipMT5HJ82t5LhERQ Y1cQSKNFPCXuXuLG9AimLKj1RH6gmzGu4qpSrJoEvgS9TLTwI> Acesso em 17 de julho de 2022.

PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO. **Os doutrinadores estão desesperados.** Disponível em :  
<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid0qU5ynW7mfYkaFXvdx NZha3pJs5CdPVJU7NfLgZjTqXUkLm8FBZWmjBpxvemchyVXI> Acesso em 10 de agosto de 2022.

PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO. **Representação dos pais sobre as ameaças que rondam o ensino religioso.** Disponível em:  
<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid0qLSTp963UojxCRTTrJ8 C7Xmz5i5SpzXxBcTgpj3svQKRjRnnKfmmoSqLK5ToPNXjzI> cesso em 12 de junho de 2022.

PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO. **O país nos pertence!**  
Disponível em:  
<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid02ipMT5HJ82t5LhERQ Y1cQSKNFPCXuXuLG9AimLKj1RH6gmzGu4qpSrJoEvgS9TLTwI> - Acesso em 12 de agosto de 2022.

PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO. **É um verdadeiro absurdo o que fazem.** Disponível em:  
<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid02VpNNoUShc7cHaNE 42XLQ8BwGzVMCi7jbAtMi7a8jeSCsmkkGwquvJHQVEGLDmAtI> Acesso em 08 de agosto de 2022.

PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO. **É muito triste para os católicos.** Disponível em:

<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid02VpNNoUShc7cHaNE42XLQ8BwGzZvMCi7jbAtMi7a8jeSCsmkkGwquvJHQVEGLDmAt>

PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO. **Reação ao post de denúncia sobre um possível beijo entre duas mulheres.** Disponível em:

<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/photos/pb.100063745434150.-2207520000../459827301262303/?type=3> Acesso em 12 de maio de 2022.

PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO. **Representações sobre gênero.** Disponível em:

<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/photos/pb.100063745434150.-2207520000../497849957460037/?type=3> Acesso em: 12 de maio de 2022.

PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO. **Não troque alhos por bugalhos.** Disponível em:

<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/photos/a.434705920441108/434705850441115> Acesso:12 de junho de 2022.

PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO. **Atentem para o Papa Francisco!** Disponível em:

<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid02NGsbrMLSidYzdu88hAdWfSUqFPfYhX6ynReTLsSZLNqTM1Gem3X6Sr23BDoRHhp> Acesso 28 de julho de 2022.

PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO. **Polir com perspectiva cristã.** Disponível em:

<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid02j23LD9FWZoz3VrGsTrW4KjBRqe7uGsU8J7oH2asHuJDN65pmDPcGRRkMp1ohn6Lxl> Acesso em 14 de julho de 2022.

PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO. [análise de página do livro de religião]. Disponível em:

<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/photos/a.511863839391982/524369654808067>

PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO. **Relativismo.** Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=497370964174603&set=pb.100063745434150.-2207520000> Acesso em 14 de agosto de 2022.

PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO. **Representações simbólicas e Rituais.** Disponível em:

<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid02b63fXoPUkpFanBgGSTo8cgDCNnuZWRXJgQW2hruG4oE9BBTkxuT4ZAqwcV9Jo3Hal> Acesso em 11 de agosto de 2022.

PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO. **Representações sobre arte sacra e arte pagã.** Disponível:

<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/photos/a.511863839391982/524369654808067/> Acesso em 12 de agosto de 2021.

PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO. **Lutar contra a galera da educação.** Disponível em:

[https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid023fYniv1bxhgEwJPWcJGjyt7ASY3YWWgqqRwYVGohqathF8h4zJp5Wtw2uy3WciZI?comment\\_id=497716750806691](https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid023fYniv1bxhgEwJPWcJGjyt7ASY3YWWgqqRwYVGohqathF8h4zJp5Wtw2uy3WciZI?comment_id=497716750806691) Acesso em 15 de agosto de 2022.

PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO. **Assim se dá a educação de um colégio confessional.** Disponível em:

<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid02eyttM6NupYVzWYC CF2KhPHck1fuo9DuN1mHAV7vFMf9NzuyKNYrmEFk2AqTxCpsgl> Acesso em 11 de agosto de 2022.

PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO. **Atenção pais.** Disponível em:

<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid02UCZBoCvnnUDYnkc tVVRTwAms3GSJKEfthAw7s2vWBHTSVWQnrQGWekP41cr2iPm6l> - Acesso em 09 de junho de 2022.

Colégio Marista São Luís. Disponível em:

<https://saoluis.colegiosmaristas.com.br/pagina-inicial/> Acesso em 09 de agosto de 2022.

PAIS MARISTAS EM DEFESA DO ENSINO RELIGIOSO. **A África faz parte de nós.** Disponível em:

<https://www.facebook.com/paismaristasemdefesa/posts/pfbid02qf6BsHtpsRrLArHYM VtVCYMZkD8JJD7EGW4VzqUvuK6smAQsGWYp9GYvLicDFzB6l> Acesso em 14 de julho de 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **E agora, Brasil?** Sul21, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 23 de julho de 2019. Disponível em:

<https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2019/07/e-agora-brasil-por-boaventura-de-sousa-santos/>. Acesso em: 12 ago. 2021.